

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

JÔNATAS PONTES DIAS DA SILVA

**INDEXAÇÃO DE DOCUMENTOS ORAIS EM ACERVOS SONOROS**

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

JÔNATAS PONTES DIAS DA SILVA

## **INDEXAÇÃO DE DOCUMENTOS ORAIS EM ACERVOS SONOROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia junto ao Departamento de Informação e Cultura, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Mara Alves  
Lima

**VERSÃO FINAL**

São Paulo

2023

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

---

Silva, Jônatas Pontes Dias da Silva  
Indexação de documentos orais em acervos sonoros /  
Jônatas Pontes Dias da Silva Silva; orientadora, Prof<sup>a</sup>  
Dr<sup>a</sup> Vânia Mara Alves. - São Paulo, 2023.  
138 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Departamento de Informação e Cultura / Escola de  
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.  
Bibliografia

1. Representação da Informação. 2. Indexação. 3.  
Acervo Sonoro. 4. Documento Oral. 5. História Oral. I.  
Alves, Vânia Mara. II. Título.

CDD 21.ed. -

025.35

---

Nome: Jônatas Pontes Dias da Silva

Título: Indexação de Documentos Orais em Acervos Sonoros

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca:

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Dedico esse trabalho à minha esposa e filhos: Raíssa, Vitória e Miguel. Molas propulsoras de vontade; fontes constantes de energia.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus e à espiritualidade por toda proteção e direcionamento. Louvado seja o Senhor eternamente!

Agradeço a meus pais, Sr. Paulo e D<sup>a</sup> Lia, por me concederem a vida e me apoiarem.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Mara Lima Alves, minha orientadora, pela paciência, pelo dinamismo e pela profunda experiência. Foi motivador trabalhar sob sua regência. Muito obrigado!

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Sebastiana Verônica Costa Ramos — diretora do Serviço de Documentação Odontológica da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (SDO/FOUSP) —, por me direcionar na escolha desta nobre profissão e por tanto me ensinar quanto ao fazer bibliotecário; bem como agradeço à toda equipe do SDO/FOUSP.

Agradeço ao Pastor Milton Soares, um grande amigo. Homem de muitas letras! Muito obrigado pela ajuda na revisão deste.

Agradeço a Fábio Jastwebski, amigo, conselheiro e revisor. Em tempo, melhor chefe que já tive. Muito obrigado!

Agradeço a Robson Brandão: brother de QI mais elevado que já tive. Papos sempre muito relevantes e inspiradores. Alto nível, mister!

Agradeço a Fernando Ricardo de Brito, em breve, velha-guarda da Vai-Vai. Muito obrigado meu amigo e conselheiro!

E finalmente, agradeço a Pop Star Pascoal, o Fenômeno da Ciência do Sorriso: atleta, artista e cientista. Profissionalismo!!!

"Conheça primeiro quem você é, depois  
adorne-se de acordo."  
(Epicteto)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de indexação de documentos orais em acervos sonoros, visando à promoção da recuperação eficiente desses materiais e à orientação de bibliotecários indexadores para a execução precisa de suas tarefas. Ancorando-se nas abordagens da História Oral e Análise Documentária apresenta as origens das gravações sonoras, a evolução dos suportes sonoros e a importância dos acervos sonoros na preservação cultural e histórica por meio de classificações dos registros sonoros, até a indexação contemporânea de documentos orais em acervos de áudio. Explora o papel crucial da oralidade e da memória na construção do conhecimento histórico. Ao tratar especificamente da indexação de documentos orais, destaca a essencialidade de políticas de indexação consistentes para garantir a recuperação eficaz da informação. Discute ainda, a falta de padronização entre os acervos orais pesquisados e propõe uma solução para facilitar a transcrição desses documentos. Conclui enfatizando a importância da indexação e preservação adequadas para a perpetuação da história e identidade de uma sociedade.

**Palavras-chave:** Acervo Sonoro, Documento Oral, História Oral, Indexação, Representação da Informação.



## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the process of indexing oral documents in sound archives, aiming to promote the efficient retrieval of these materials and guide indexers in the precise execution of their tasks. Anchored in approaches from Oral History and Documentary Analysis, it presents the origins of sound recordings, the evolution of sound media, and the importance of sound archives in cultural and historical preservation through classifications of sound records, up to the contemporary indexing of oral documents in audio archives. It explores the crucial role of orality and memory in constructing historical knowledge. When specifically addressing the indexing of oral documents, it highlights the essential nature of consistent indexing policies to ensure effective information retrieval. Additionally, it discusses the lack of standardization among researched oral archives and proposes a solution to facilitate the transcription of these documents. It concludes by emphasizing the importance of adequate indexing and preservation for the perpetuation of the history and identity of a society.

**Keywords:** Sound archive, Oral document, Oral history, Indexing, Information representation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Flauta hidráulica dos irmãos Banu Muça.....	22
Figura 2 - Thomas Edison e sua invenção: o fonógrafo.....	22
Figura 3 - Emile Berliner e o gramofone .....	26
Figura 4 - Tamanho da fita cassete comparado ao da fita RCA (da esquerda para direita) .....	29
Figura 5 - Fita cassete de demonstração da Philips, denominada Musicassette.....	29
Figura 6 – Anúncio do Webcor Tape Recorder, o primeiro gravador portátil comercializado.....	30
Figura 7 – Comparação da especificação técnicas de mídias ópticas diferentes .....	32
Figura 8 – Redução de proposições a macroestruturas.....	56
Figura 9 – Equilíbrio entre especificidade e exaustividade.....	58
Figura 10 – Transistores em um microprocessador de 1971-2011.....	64
Figura 11 – Capacidade computacional por KWh de 1945 a 2010.....	65
Figura 12 – Evolução da produção científica com autores britânicos de 1900 a 2020 .....	67
Figura 13 – Lei de Neylon .....	67
Figura 14 – Carta de Princípios do Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo .....	78
Figura 15 – Página inicial do acervo online do CPDOC .....	82
Figura 16 – Base Acessus do CPDOC .....	83
Figura 17 – Base História Oral do CPDOC .....	84

Figura 18 – Lista de termos para pesquisa na base de História Oral do CPDOC.....	84
Figura 19 – Resultado da busca na base de História Oral do CPDOC.....	85
Figura 20 – Registro Ademir da Guia 1/3.....	86
Figura 21 – Registro Ademir da Guia 2/3 .....	87
Figura 22 – Registro Ademir da Guia 3/3 .....	88
Figura 23 – Dados biográficos de Ademir da Guia .....	88
Figura 24 – Entrevista, decupagem e transcrição de Ademir da Guia .....	89
Figura 25 – Transcrição da entrevista de Ademir da Guia .....	90
Figura 26 – Escolha dos termos baseado no paradigma de Lasswell .....	91
Figura 27 – Aviso quanto ao uso das obras do acervo, de acordo com a Lei de Direitos Autorais .....	93
Figura 28 – Busca avançada no acervo online do MIS SP .....	94
Figura 29 – Resultado da busca no acervo online do MIS SP.....	95
Figura 30 – Registro escolhido no acervo online do MIS SP.....	96
Figura 31 – Extensão Video & Audio Downloader instalada no Google Chrome .....	98
Figura 32 – Baixando o áudio do acervo do MIS SP usando a extensão no Google Chrome.....	99
Figura 33 – Ferramenta de transcrição do Word 365 .....	100
Figura 34 – Carregamento de áudio na ferramenta de transcrição do Word 365 ....	100
Figura 35 – Resultado da transcrição automática do Word 365 .....	101
Figura 36 – Escolha do formato de saída da transcrição no Word 365 .....	102
Figura 37 – Resultado da busca pelo termo negro d'água .....	104

Figura 38 – Resultado da busca pelo termo saci.....	104
Figura 39 – Página de busca no catálogo do Acervo Guilherme Santos Neves.....	106
Figura 40 – Registro B33 do Acervo Guilherme Santos Neves .....	107
Figura 41 – Ficha técnica do registro B33 do Acervo Guilherme Santos Neves .....	108

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação dos suportes sonoros.....	33
Tabela 2 - Suportes sonoros magnéticos.....	34
Tabela 3 - Suportes ópticos.....	36
Tabela 4 - Formatos digitais de áudio.....	37
Tabela 5 - Termos alternativos a “documento oral” em estudos de revisão de literatura sobre história oral.....	44
Tabela 6 - Resumo das referências e conceitos usados para a elaboração da linguística documentária.....	71
Tabela 7 - Classificação dos termos da entrevista de Ademir da Guia (CPDOC) .....	92
Tabela 8 – Classificação dos termos da contação de história (MIS SP).....	97
Tabela 9 – Classificação dos termos da contação de história propostos pelo autor.....	103
Tabela 10 – Classificação dos termos da Oração do Anjo Custódio propostos pelo autor.....	109

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAC	Advanced Audio Coding
AEG	Allgemeine Elektrizitäts-Gesellschaft
AIFF	Audio Interchange File Format
ALAC	Audio Apple Lossless
APE	Monkey's Audio
CD	Compact Disc
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
DSD	Direct Stream Digital
DVD	Digital Versatile Disc
ECA	Escola de Comunicações e Artes
EPM	Escola Paulista de Medicina
FGV	Fundação Getulio Vargas
FLAC	Free Lossless Audio Codec
HiFD	High-capacity Floppy Disk
IMS	Instituto Moreira Salles
IMMuB	Instituto de Memória Musical Brasileira
K7	Fita cassete
LS-120	SuperDisk
MIS	Museu da Imagem e do Som

MP2	MPEG-1 Audio Layer II
MP3	MPEG-1/2 Audio Layer 3
NEHO-USP	Núcleo de Estudos em História Oral da USP
OGG	Ogg Vorbis
OPAC	Catálogo de Acesso Público Online
PCM	Pulse-Code Modulation
PHO	Programa de História Oral
RJ	Rio de Janeiro
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
SP	São Paulo
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
VXA	Exabyte Packet Technology
WAV	WAVEform audio format
WMA	Windows Media Audio

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.1.1 Objetivo geral .....	16
1.1.2 Objetivos específicos .....	16
1.2 JUSTIFICATIVA.....	17
1.3 METODOLOGIA.....	19
<b>2 O SOM: SUPORTES E DESCRIÇÃO .....</b>	<b>20</b>
2.1 PRIMÓRDIOS DOS SUPORTES SONOROS .....	21
2.2 EVOLUÇÃO DOS SUPORTES SONOROS.....	27
2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS SUPORTES SONOROS.....	33
2.4 ACERVOS SONOROS .....	38
2.5 CONTEÚDOS SONOROS .....	40
<b>3 ORALIDADE E MEMÓRIA: O DOCUMENTO ORAL .....</b>	<b>42</b>
<b>4 INDEXAÇÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>5 INDEXAÇÃO DE DOCUMENTOS ORAIS .....</b>	<b>75</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>112</b>
Referências.....	116
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>133</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A preservação e o acesso aos registros sonoros desempenham papel fundamental para a compreensão e a valorização da diversidade cultural e histórica de um povo. Entre esses registros, os documentos orais ganham destaque como fontes primárias valiosas, permitindo que vozes do passado transmitam suas experiências, opiniões e emoções de maneira direta.

Define-se documento oral como:

“um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido, logo de início, seu destino natural” (Voldman, 1998b, p. 36).

Necessário é explicar que a adoção do termo documento oral para este trabalho ocorre por duas razões:

1. Falta de consenso na literatura quanto ao termo mais adequado para essa categoria específica de documento sonoro, podendo ser encontrado como: arquivo oral, arquivo provocado, biografia oral, documento de história oral, documento oral, entrevista, fonte oral, história de vida, entre outros (Cruz, 2012; Freund, 2014; Thomsom, 1997; Voldman, 1998<sup>a</sup>; Yow, 2005);
2. Devido a isso e com a intenção de manter um alinhamento ao pensamento de Paul Otlet e de Suzanne Briet, os quais entendem documento como “todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (Briet, 2016), escolheu-se documento oral como o termo pelo qual o objeto deste trabalho será tratado.

Isto posto, volta-se à discussão quanto à recuperação eficiente desses materiais em acervos sonoros ser um desafio que requer a adoção de práticas de indexação adequadas, e diante disto, apresenta-se a seguinte questão: para os documentos orais pode-se utilizar os mesmos princípios de indexação dos documentos textuais?

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

O objetivo principal deste estudo é analisar as práticas recomendadas para a indexação de documentos orais em acervos sonoros, visando à promoção da recuperação eficiente desses materiais e à orientação de bibliotecários indexadores para a execução precisa de suas tarefas.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos para atingir o objetivo geral apresentado, procura-se:

- Contextualizar historicamente os processos de gravação e reprodução sonora;
- Conceituar acervos sonoros, apresentando os principais suportes sonoros e seus conteúdos;
- Conceituar história oral e documento oral, enfatizando a sua importância como fonte primária para diversas áreas do conhecimento;
- Contextualizar a prática da indexação no âmbito da Biblioteconomia;
- Analisar e comparar as práticas de indexação de documentos orais em instituições que se destacam pelo seu acervo de documentos orais: o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro (RJ); o Museu da Imagem e do Som (MIS) do estado de São Paulo (SP) e o Acervo Guilherme Santos Neves.
- Apresentar as diretrizes para uma política de indexação de documentos orais em acervos sonoros

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Analisar o processo de indexação voltado a documentos orais em acervos sonoros justifica-se pela necessidade de promover a recuperação eficiente desses,

bem como fornecer orientação a bibliotecários indexadores com o intuito de auxiliá-los na execução de suas tarefas com correção e confiança, ou seja, garantir que haja “otimização do serviço, racionalização dos processos e consistência das operações nele envolvidas” (Fujita, 2012, p. 20), quando no tratamento desse tipo de material.

Para Chaumier a indexação “é a parte mais importante da análise documentária”. (1988, p. 63), também atribui a ela o maior percentual de responsabilidade quanto à existência dos denominados ruídos e silêncios informacionais, corroborando com a ideia de que a “indexação é o problema fundamental, bem como o mais caro gargalo da recuperação de informações” (Fairthorne, 1958, p. 36-37, tradução nossa<sup>1</sup>).

Nesse sentido, torna-se clara a importância de fornecer diretrizes para a criação de uma política de indexação voltada a documentos orais em acervos sonoros, tanto pela especificidade desses, quanto pela falta de padronização notada nos acervos pesquisados<sup>2</sup>.

Logo, a justificativa central dessa pesquisa é baseada na ideia de que “nada adianta arquivar um documento que não saberemos encontrar porque ele não foi indexado ou, ainda, porque ele foi indexado de maneira incorreta” (Chaumier, 1990, p. 278 *apud* Pinto, 2001, p. 225).

Outra justificativa é a necessidade premente da preservação do patrimônio cultural imaterial, devido a isso, é de fundamental importância a eficiente indexação dos documentos orais, permitindo assim, a recuperação informacional de tradições, histórias, lendas, músicas e línguas registradas, que podem estar “perdidas” em uma massa informacional dentro dos Sistemas de Recuperação da Informação (SRI).

Além disso, os documentos orais oferecem acesso a informações exclusivas e perspectivas que podem não ser encontradas em outras fontes, sendo, portanto, uma fonte valiosa de dados para pesquisadores e estudiosos, pois contribuem para a exploração de diversos temas, em áreas como história, antropologia, etnologia, sociologia, linguística, entre outras disciplinas.

---

<sup>1</sup> “Indexing is the basic problem, as well as the costliest bottleneck, of information retrieval” (Fairthorne, 1958, p. 36-37).

<sup>2</sup> Ver capítulo 5

Nesse ínterim, a Biblioteconomia desempenha um papel essencial nesse processo, fornecendo diretrizes adequadas de indexação a fim de promover a escoreita recuperação bem como, consequentemente, o acesso, o uso e a valorização dessas expressões culturais.

### 1.3 METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho foi o de uma pesquisa exploratória com um pequeno estudo de caso, aliado a uma revisão de literatura. Adotou-se, portanto, fontes primárias (livros, artigos de periódicos, monografias, dissertações, teses e patentes), fontes secundárias (compilados, resumos e resenhas) bem como fontes terciárias (publicações didáticas, artigos de revista, artigos de jornais e vídeos da internet).

Para todos os capítulos procurou-se manter a mesma estratégia, utilizando-se majoritariamente de material proveniente do Portal de Busca Integrada da USP<sup>3</sup>, do Portal de Periódicos da CAPES<sup>4</sup>, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP<sup>5</sup>, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>6</sup>. Em casos específicos como a busca por patentes, utilizou-se o Google Patents<sup>7</sup>, bem como materiais adicionais foram buscados em revistas, jornais ou em sites de streaming, como o YouTube.

Agora, especificamente, quanto ao capítulo 3 — visto essa temática não ter sido um conteúdo com o qual se teve contato durante o curso de graduação —, a fim de construir corretamente o conhecimento, buscou-se a estratégia de utilizar a bibliografia disponível nas disciplinas de História Oral ofertadas pela Universidade de São Paulo, a saber: Introdução à história oral (113944) e Expressões de memória, história oral e produção de presença (HDL5034).

Dentro dessas bibliografia, dois manuais de história oral foram muito utilizados, um de autoria do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, professor titular aposentado do Departamento de História da USP e coordenador do Núcleo de

---

<sup>3</sup> [https://buscaintegrada.usp.br/primo\\_library/libweb/action/search.do](https://buscaintegrada.usp.br/primo_library/libweb/action/search.do)

<sup>4</sup> <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez67.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

<sup>5</sup> <https://teses.usp.br/>

<sup>6</sup> <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

<sup>7</sup> <https://patents.google.com/>

Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP) e o outro da Profª Drª Verena Alberti, historiadora e coordenadora do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV/RJ. O primeiro justifica-se por ser produção científica de alta aceitação dentro de seu campo de pesquisa bem como por ser da cátedra da USP, já o segundo justifica-se por pertencer à coordenadora do primeiro projeto de história oral do Brasil, o CPDOC, projeto escolhido como modelo para este estudo.

A fim de complementação, buscou-se também um manual de um membro da International Oral History Association, tendo sido escolhido o livro — laureado duas vezes (em 2006 e em 2015) como “Outstanding Academic Titles” pela The American Library Association —, Recording Oral History da Profª. Drª. Valerie Raleigh.

## 2 O SOM: SUPORTES E DESCRIÇÃO

No âmbito da Biblioteconomia o suporte de informação refere-se a uma unidade física que tem por conceito ser todo “objeto material, ou dispositivo, sobre o qual, ou no qual se encontram representados os dados ou informações; suporte de dados, suporte físico da informação, suporte material da informação.” (Suporte de informação, 2008).

Se a unidade física é o suporte informacional, a informação nele gravada é a unidade lógica. A junção de uma unidade física informacional (suporte) com uma unidade lógica informacional (informação) compõe o que, dentro da Biblioteconomia, se conhece por documento. Para Ortega e Lara o “documento é hoje concebido simultaneamente como instância física e informativa que, sob ações e condições específicas contextualizadas, otimiza a circulação social do conhecimento” (2009, p. 120).

Portanto, tanto as rochas usadas pelo homem de Cro-Magnon<sup>8</sup>, quanto o Kindle<sup>9</sup> usado para leitura de livros eletrônicos atualmente, incluem-se nessa lista de suportes informacionais.

Escrita, desenhos, formas tridimensionais, música e qualquer outro tipo de informação (unidade lógica) que pudesse e devesse ser armazenada, receberam em períodos históricos diferentes, suportes específicos (unidade física). Entre os suportes conhecidos encontram-se as rochas, os ossos, as conchas, a argila, o papiro, o pergaminho, as tabuletas de cera, as telas de seda, a madeira, metais diversos, os cartões perfurados, os vinis (discos), as fitas de áudio, as fotografias físicas, os rolos de filme, os microfilmes, os disquetes, os CDs (Compact Discs), os DVDs (Digital Versatile Discs), os Blu-rays, as memórias flash, entre tantos outros.

Neste trabalho objetiva-se tratar sobre a informação sonora, portanto apresenta-se a seguir a evolução dos processos de gravação e de reprodução sonora, bem como a evolução de seus suportes.

---

<sup>8</sup> Fóssil mais antigo do *Homo Sapiens* encontrado na Europa.

<sup>9</sup> Leitor digital de documentos (*e-reader*)

## 2.1 PRIMÓRDIOS DOS SUPORTES SONOROS

Antes do século XIX as únicas maneiras de reproduzir e preservar tanto músicas quanto vozes era, respectivamente, por meio de performances ao vivo e pela escrita de partituras. Nesse cenário a reprodução sonora não era automática, visto que necessitava da ação humana para poder realizar-se, e o processo de gravação sonora baseava-se quase que exclusivamente no papel como suporte informacional.

Como exceções estão a flauta e o órgão hidráulico, os realejos medievais, as pianolas e os órgãos de feira — os quais usavam, respectivamente, cilindros, rolos e cartões perfurados como suportes sonoros (Carvalho, 2022; Portela, 2016) —, exceções que, devido à sua distância temporal em relação à nossa era contemporânea, não serão abordados neste estudo com profundidade, mas sem retirar sua importância histórica para o desenvolvimento das ideias e dos inventos posteriores. Levaux trata de um desses inventos (figura 1):

“A história das tecnologias de áudio repetitivas pode ser rastreada pelo menos até meados do século IX. Nessa época, três irmãos estudiosos de Bagdá, conhecidos como Banu Muça<sup>10</sup>, projetaram um tocador de flauta automático que poderia reproduzir uma sequência de áudio com o mínimo de intervenção humana. A base do automatismo desta máquina era a pressão hidráulica, gerada pelo fluxo de água em um reservatório. A melodia da flauta era codificada em tambores cilíndricos giratórios por meio de pinos levantados que ativavam alavancas para abrir ou fechar os orifícios da flauta” (2017, p. 188, tradução nossa<sup>11</sup>)

A partir disso, pode-se afirmar que o processo de gravação e reprodução sonora (automática) começa somente com a invenção do fonógrafo por Thomas Edison<sup>12</sup>, no ano de 1877 — patenteado nos Estados Unidos da América (EUA) em 1878 sob o código US200521A (Edison, 1878a). O fonógrafo (figura 2) consistia em um cilindro de cera que girava, enquanto uma agulha captava as vibrações sonoras e as transformava em sulcos em espiral no cilindro. Esses sulcos podiam ser

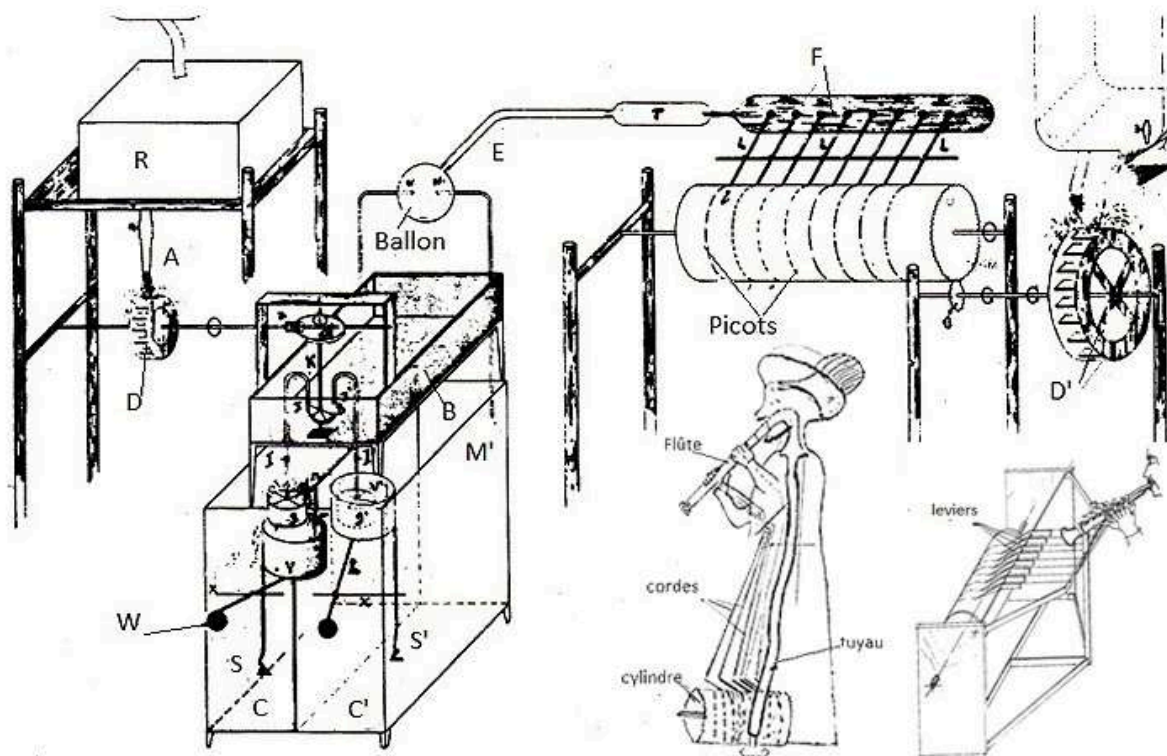
<sup>10</sup> Maomé, Amade e Haçane ibne Muça ibne Xaquir eram irmãos e cientistas iraquianos do século IX, os quais dedicavam-se aos estudos da astronomia, geometria e engenharia.

<sup>11</sup> The history of repetitive audio technologies can be traced back at least as far as the middle of the ninth century. At this time, three scholarly brothers from Baghdad, known as the Banu Musa, designed an automatic flute player which could reproduce an audio sequence with minimal human intervention. The basis of this machine's automatism was hydraulic pressure, generated by flowing water in a reservoir. The flute's melody was encoded on rotating cylindrical drums by way of raised pins which activated levers to open or close the flute's holes.

<sup>12</sup> Thomas Alva Edison foi um empresário e inventor americano (1847 – 1931).

reproduzidos posteriormente, permitindo a audição das gravações sendo, portanto, o “primeiro aparato capaz de gravar e reproduzir a fala humana” (Gomes, 2014, p. 73).

Figura 1 – Flauta hidráulica dos irmãos Banu Muça



Fonte: Site Muslim Heritage<sup>13</sup>

Figura 2 – Thomas Edison e sua invenção: o fonógrafo



Fonte: Domínio público via Wikimedia Commons

Chanan comenta que existem duas abordagens a serem feitas quando analisamos a invenção de Thomas Edison, pelo primeiro ponto de vista, essa

<sup>13</sup> <https://muslimheritage.com/lorgue-hydraulique-des-banu-musa-the-hydraulic-organ-of-banu-musa/>



invenção seria a concretização de um antigo sonho da humanidade: a de preservar palavras pronunciadas para a posteridade. Já pelo segundo ponto de vista, o autor defende que o fonógrafo de Edison foi um subproduto de sua pesquisa quanto ao telefone, sendo, portanto, uma invenção acidental:

“Há duas maneiras de ver este ato de invenção. Em uma versão, foi a realização de um antigo sonho, respondendo a suscetibilidades antigas. O fotógrafo francês Nadar, saudando a invenção de Edison, disse que era como se o conto de Rabelais sobre o mar de palavras congeladas, que liberava vozes no ar quando derretia, tivesse passado do imaginário para o real. Rabelais estava morto apenas trinta e cinco anos quando, em 1589, o cientista italiano Giovanni Batista della Porta, um dos inventores do telescópio, imaginou que tinha "ideado uma maneira de preservar palavras que foram pronunciadas dentro de tubos de chumbo, de tal maneira que elas saíam quando se remove a tampa". Na mesma época, um optometrista de Nuremberg sugeriu encapsular ecos dentro de garrafas, onde ele achava que poderiam ser mantidos por pelo menos algumas horas. [...] Ao mesmo tempo, porque a invenção é sempre uma questão de tentativa e erro, muitas vezes é caracterizada pelo "acidente feliz", e na segunda versão da história do fonógrafo, a invenção é um subproduto do trabalho de Edison no telefone e o resultado acidental da estreita relação entre essas duas invenções.” (1995, p. 1-2, tradução nossa<sup>14</sup>).

Ainda que Thomas Edison não compreendesse a revolução que havia iniciado quando do lançamento de seu fonógrafo, em um artigo escrito por ele no ano de 1878 para a “The North American Review” de título “The Phonograph and its Future”, vislumbrava possíveis usos para sua invenção, muitas das quais só vieram a ser alcançadas mais de 100 anos depois. Dentre elas podemos citar os audiobooks<sup>15</sup> e os assistentes virtuais<sup>16</sup> como a Alexa (Amazon), a Siri (Google), a Cortana (Microsoft) e a Bixby (Samsung). Seguem alguns possíveis usos elencados por ele à época (Edison, 1878b):

<sup>14</sup> There are two ways of seeing this act of invention. In one version, it was the realization of an old dream, answering to ancient susceptibilities. The French photographer Nadar, greeting Edison's invention, said it was as if Rabelais' tale of the sea of frozen words, which released voices into the air when it melted, had passed from the imaginary to the real.' Rabelais was dead only thirty-five years when in 1589 the Italian scientist Giovanni Batista della Porta, one of the inventors of the telescope, imagined that he had 'devised a way to preserve words, that have been pronounced, inside lead pipes, in such a manner that they burst forth from them when one removes the cover". Around the same time a Nuremberg optician suggested enclosing echoes inside bottles, where he thought they would keep for a few hours at least? [...] At the same time, because invention is always a matter of trial and error, it is often characterized by the "happy accident, and in the second version of the phonograph story the invention is a by-product of Edison's work on the telephone, and the accidental result of the close relationship between these two inventions.

<sup>15</sup> Audiolivro.

<sup>16</sup> Os assistentes virtuais são basicamente programas de computadores cujo objetivo é integrar e comandar diversos aparelhos inteligentes através do wi-fi da casa e assim realizar diversas funções requisitadas por comando de voz e texto pelo usuário (fonte: <https://inbot.com.br/assistentes-virtuais/assistentes-virtuais/>).

**Ditado:** Edison acreditava que o fonógrafo poderia ser usado para várias formas de ditado. Isso permitiria que o orador gravasse palavras faladas ou mensagens diretamente no dispositivo, fornecendo um registro confiável e incontestável. Isso poderia ter aplicações no campo jurídico, como gravar o testemunho de testemunhas em tribunal.

**Livros:** Edison viu o potencial de usar o fonógrafo para ler livros em voz alta. Leitores profissionais ou leitores especializados poderiam gravar livros, tornando-os acessíveis a deficientes visuais, pacientes hospitalares ou pessoas que preferissem ouvir a leitura.

**Fins educacionais:** Edison acreditava que o fonógrafo poderia ser inestimável na educação. Ele poderia ajudar os alunos a aprender a soletrar, memorizar lições e oferecer orientações de pronúncia correta, especialmente para passagens difíceis.

**Música:** Edison antecipou que o fonógrafo seria amplamente usado para música. Ele poderia reproduzir com precisão músicas, permitindo que amigos compartilhassem música entre si. Também poderia servir como ferramenta para professores de música e ajudar crianças a aprender a cantar.

**Registro familiar:** Edison acreditava que o fonógrafo poderia superar a fotografia na preservação das vozes e últimas palavras de membros da família, bem como de figuras famosas. Ele forneceria um registro único e insubstituível das vozes históricas.

**Caixas musicais, brinquedos entre outros:** O fonógrafo poderia ser aplicado para criar bonecas falantes, brinquedos cantantes e outros dispositivos que replicam sons naturais e característicos.

**Relógios:** Relógios fonográficos poderiam anunciar a hora, chamar as pessoas para o almoço ou realizar várias funções relacionadas ao tempo por meio de mensagens gravadas.

**Publicidade:** Edison sugeriu que os fonógrafos poderiam ser usados para publicidade, permitindo reproduzir mensagens gravadas para clientes em potencial.

**Preservação da fala e das declarações:** O fonógrafo tinha o potencial de preservar as vozes e palavras de indivíduos notáveis, incluindo figuras como George Washington, Abraham Lincoln e William Gladstone. Isso poderia ser compartilhado em cidades e aldeias em feriados.

**Telefonia e telegrafia:** Edison acreditava que o fonógrafo poderia melhorar os sistemas de telefone e telegrafia gravando conversas e mensagens. Isso forneceria um registro perfeito de discussões e acordos importantes, melhorando a comunicação e reduzindo mal-entendidos.

Edison também discutiu os aspectos técnicos de combinar o fonógrafo com o telefone para criar um sistema de comunicação mais eficiente e confiável, enfatizando o potencial de economizar tempo e dinheiro na comunicação de longa distância.

Sobre a invenção do fonógrafo e seu impacto na sociedade de sua época, Bartók<sup>17</sup> aludiu:

Esta invenção esplêndida, não como aquelas outras que têm sido responsáveis pela destruição de coisas belas, aparentemente nos foi dada como compensação pela devastação imensamente grande que tem sido a consequência desta era das invenções. Com a ajuda do fonógrafo, podemos gravar em alguns minutos a melodia mais elaborada, em toda sua plenitude e seu estado natural, e é uma tarefa fácil depois transcrever a melodia a partir do fonograma (1992, p. 239, tradução nossa<sup>18</sup>)

No entanto, o fonógrafo de Edison tinha limitações técnicas e práticas. Era difícil fazer cópias das gravações, pois cada cilindro era único e só podia ser reproduzido algumas vezes antes de se desgastar. Além disso, o processo era trabalhoso e caro, o que limitava a disseminação das gravações.

Nesse ínterim, no ano de 1887, Emile Berliner<sup>19</sup> aperfeiçoou o conceito de Edison ao inventar o gramofone (figura 3), patenteando-o sob o código US372786A (Berliner, 1887). Em vez de cilindros, o gramofone utilizava discos planos, os

<sup>17</sup> Pianista e compositor húngaro (1881-1945)

<sup>18</sup> This splendid invention, unlike those others which have been responsible for the destruction of beautiful things, has seemingly been given us by way of compensation for the immensely great devastation that has been the consequence of this age of inventions. With the help of the phonograph we can record in a few minutes the most elaborate melody, in all its completeness and natural state, and it is an easy task later to transcribe the melody from the phonogram.

<sup>19</sup> Inventor alemão, naturalizado americano (1851-1929)

primeiros feitos em goma-laca (mais custosos bem como mais facilmente quebráveis e danificáveis pela sua rigidez); em seguida passaram a ser produzidos em acetato (mais baratos e mais maleáveis).

A gravação era feita em sulcos circulares no disco, e a reprodução ocorria com uma agulha que percorria os sulcos. O gramofone de Berliner tinha uma série de vantagens sobre o fonógrafo de Edison. Os discos podiam ser facilmente copiados, permitindo a produção em massa e a distribuição ampla de gravações. Além disso, os discos eram mais duráveis e podiam ser reproduzidos várias vezes sem perder qualidade. (Abreu, 2009; Gomes, 2014).

Figura 3 – Emile Berliner e o gramofone



Fonte: domínio público via Wikimedia Commons

As primeiras gravadoras surgiram e começaram a produzir e vender discos com música popular e outros conteúdos sonoros. A música gravada tornou-se uma forma de entretenimento acessível e popular, contribuindo para a difusão da cultura musical e para o surgimento de ícones da música. Sobre isso, Gomes comenta:

Em meados da década de 1920, a indústria fonográfica passou por uma série de transformações acarretadas pelo advento do rádio e pela substituição da gravação mecânica pela gravação elétrica, que não apenas representou um importante avanço em qualidade, mas também introduziu alterações tanto na prática de gravação quanto na experiência auditiva. Avanços na tecnologia de amplificação elétrica, que incluíam o microfone, proporcionaram aos cantores de blues, country, jazz, e cantores populares em geral, a habilidade de projetar suas vozes como nunca antes. Os cantores não precisavam mais ter vozes operáticas para preencher um

salão ou para serem ouvidos em meio ao ruído produzido por uma banda. A amplificação elétrica proporcionou aos cantores populares um novo conjunto de possibilidades, e o microfone foi acolhido tanto pelo seu caráter de amplificação da voz como por ser uma ferramenta de expressão com técnicas próprias. (2014, p. 76).

A ascensão do fonógrafo de Edison e sua evolução para o gramofone de Berliner não apenas transformou a música e a comunicação, mas também gerou um impacto comercial massivo. Essas inovações revolucionaram a indústria fonográfica, abrindo as portas para um mercado emergente de entretenimento acessível e culturalmente diversificado. A capacidade de transcrição precisa da música em discos permitiu uma distribuição em massa, criando uma indústria lucrativa de gravação e venda de música. Artistas anteriormente inacessíveis para públicos amplos agora encontraram uma plataforma para alcançar admiradores e consumidores ávidos por novidades musicais.

A introdução da gravação elétrica não apenas aprimorou a qualidade do som, mas também desencadeou uma corrida comercial entre empresas para produzir e comercializar gravações de alta fidelidade. Esse avanço tecnológico não só transformou a experiência auditiva, mas também estabeleceu as bases para um mercado em constante evolução, alimentado pela demanda crescente por música gravada e inovações tecnológicas na indústria fonográfica. Esse cenário criou oportunidades sem precedentes para artistas, gravadoras e consumidores, moldando assim o curso da indústria musical e do mercado de entretenimento como o conhecemos hoje.

## 2.2 EVOLUÇÃO DOS SUPORTES SONOROS

Esse processo mercadológico fez com que a indústria se debruçasse a fim de suprir essa nova demanda criada, o que levou ao rápido surgimento de novos suportes sonoros, para além dos cilindros e dos discos de vinil. Os suportes sonoros criados a partir de 1877 relacionam-se diretamente às Eras das Gravações, as quais, segundo Portela (2016) dividem-se em: acústica (de 1877 a 1925); elétrica (de 1925 a 1945); magnética (de 1945 a 1975) e digital (de 1975 até os dias de hoje).

O químico austríaco Fritz Pfleumer foi o responsável pela invenção do suporte informacional denominado fita magnética no ano de 1927 (Livingston, 1998;

Anderson, 1990). Pfeumer, em um primeiro momento, desenvolveu uma fita em que conseguia gravar informação sonora e reproduzi-la depois. Usou para isso em um primeiro momento uma liga metálica chamada Vicalloy<sup>20</sup>, mais tarde, porém, conseguiu um melhor resultado ao revestir uma fita de papel com óxido de ferro (*ibidem*, 1990, p. 89). Essa tecnologia tem sido utilizada desde então — sendo ainda usada nos dias de hoje, principalmente em estúdios musicais e para backup em data centers<sup>21</sup>, apesar de ter vivido seu auge entre a década de 70 até meados dos anos 90 do século passado —, para armazenamento de áudio, vídeo e de dados de modo geral.

Baseada na tecnologia da fita magnética de Fritz Pfeumer, a AEG<sup>22</sup> criou a fita deck de rolo — patenteada na Alemanha sob o nome de Tonband, no ano de 1935, sob o código DE664759C (Patzschke, 1935). Esse suporte era caro e de complexa utilização, o que limitava o mercado a profissionais em estúdios de gravação e emissoras de rádio. As fitas de rolo ofereciam uma vantagem significativa sobre os discos de vinil por permitir gravações mais longas e contínuas e, além disso, as fitas de rolo permitiam a edição mais precisa das gravações, uma vez que os usuários podiam cortar e emendar as seções da fita (Corrêa, 2008)

Com a substituição dos tubos a vácuo por transistores na década de 1960, houve uma queda nos preços e tornou-se mais viável possuir um gravador de fita de rolo para uso doméstico. Nessa direção tecnológica, quanto à miniaturização, a empresa RCA Victor lançou no ano de 1958 a fita RCA estéreo (figura 4) de quatro polegadas, que apesar de suas tentativas, falhou no mercado devido ao seu tamanho extenso e limitada disponibilidade de fitas pré-gravadas.

---

<sup>20</sup> Liga de aço inoxidável magnético com 52% de cobalto, 11% de vanádio e 37% de ferro.

<sup>21</sup> Instalação física que hospeda recursos de infraestrutura de tecnologia da informação (TI).

<sup>22</sup> AEG é um acrônimo para Allgemeine Elektrizitäts-Gesellschaft (Companhia Elétrica Geral). Fundada em 1887, foi uma das maiores empresas da Alemanha, tendo sido dissolvida no ano de 1996.

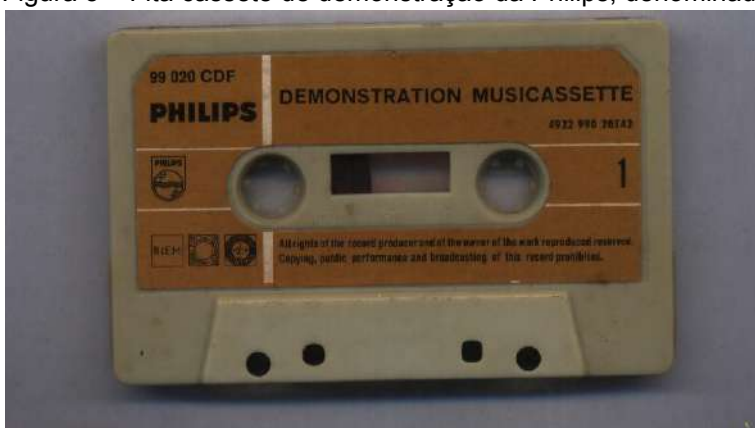
Figura 4 – Tamanho da fita cassette comparado ao da fita RCA (da esquerda para direita)



Fonte: Domínio público via Wikimedia Commons

Em 1963, a invenção da fita cassette (K7) pela empresa holandesa Philips (Rothman, 2013) transformou drasticamente a maneira como as pessoas realizavam as gravações e reproduziam áudio. A fita K7 (figura 5), patenteada sob o código NL6606263A como Magnegrafoon (Philips, 1967), substituiu os discos de vinil volumosos e menos práticos, permitindo a gravação e reprodução portátil de músicas e vozes. Com essa novidade, os usuários podiam gravar músicas de várias fontes, como rádio, discos ou gravações pessoais, enquanto a portabilidade estimulou o surgimento de dispositivos menores, como gravadores portáteis e players de música compactos.

Figura 5 – Fita cassette de demonstração da Philips, denominada Musicassette



Fonte: Site do jornalista, músico e pesquisador de música popular Ayrton Mugnaini Jr.<sup>23</sup>

No entanto, a fita K7 também tinha suas limitações. A qualidade do som não era tão alta quanto a dos discos de vinil e a degradação da fita com o tempo e o uso frequente, eram desafios comuns. Ainda assim, sua praticidade e capacidade de gravação revolucionaram a indústria da música e permitiram um acesso mais amplo à criação e distribuição de conteúdo sonoro.

<sup>23</sup> [https://ayrtonmugnainijr.blogspot.com/2011/08/audiocassetando\\_4953.html](https://ayrtonmugnainijr.blogspot.com/2011/08/audiocassetando_4953.html)

Até esse ponto conclui-se que, enquanto o advento dos discos de vinil contribuiu para que a reprodução sonora se tornasse acessível à população, foi com a popularização das fitas K7 que o processo de gravação se popularizou, o que no âmbito desse estudo, facilitou o trabalho dos documentaristas e historiadores orais. No entanto, cabe salientar que a Moderna História Oral data de 1947, exatamente por ter sido nesse ano criado o primeiro gravador portátil (Herzog, 2014) denominado Webcor (Stursberg, 1983) — o qual usava tecnologia de rolo de fita magnética (figura 6) —, que se não era economicamente acessível à população geral, era para universidades e pesquisadores.

Figura 6 – Anúncio do Webcor Tape Recorder, o primeiro gravador portátil comercializado

of all recorders in the medium price field...

# only **WEBCOR**

## RECORDS IN BOTH DIRECTIONS

(without bothersome reel turnover)



You'll find a professional feature on your Webcor Tape Recorder that gives tremendous recording flexibility. Webcor's TWO high-fidelity recording heads and TWO constant-speed, 4-pole motors let you record in BOTH DIRECTIONS WITHOUT BOTHERSOME REEL TURNOVER. Only Webcor has this feature in the medium price field. With Webcor you needn't interrupt your symphony, opera, play or speech recording just because you come to the end of the reel. Simply flick the Webcor control knob and in a split-second you are recording in the opposite direction up to TWO FULL HOURS ON THE SAME REEL. This outstanding feature is yours...at no additional cost. Shop and compare. See why over 40% of all Tape Recorders sold during 1952 were Webcor! Only \$207.50.



Simple, one-knob control gives split-second direction change without inconvenient reel turnover.



Two recording heads for recording in both directions.

The Webcor Tape Recorder records on 3½ and 7½ ips. Frequency response at 7½ ips up to 10,000 cycles. Webcor Magic EYE recording level mounts professional quality recordings right away. Wow and flutter less than .5%. Special input for recording direct from radio, TV or phonograph. Output welcomes replay through external amplifier or speaker.

\*price slightly higher. Webcor subject to change without notice.

# Webcor®

Webcor is the trade name of the Webster-Chicago Corp., Chicago 39

Fonte: Museum of Magnetic Sound Recording<sup>24</sup>

<sup>24</sup> <https://museumofmagneticsoundrecording.org/RecordersWebcor.html>

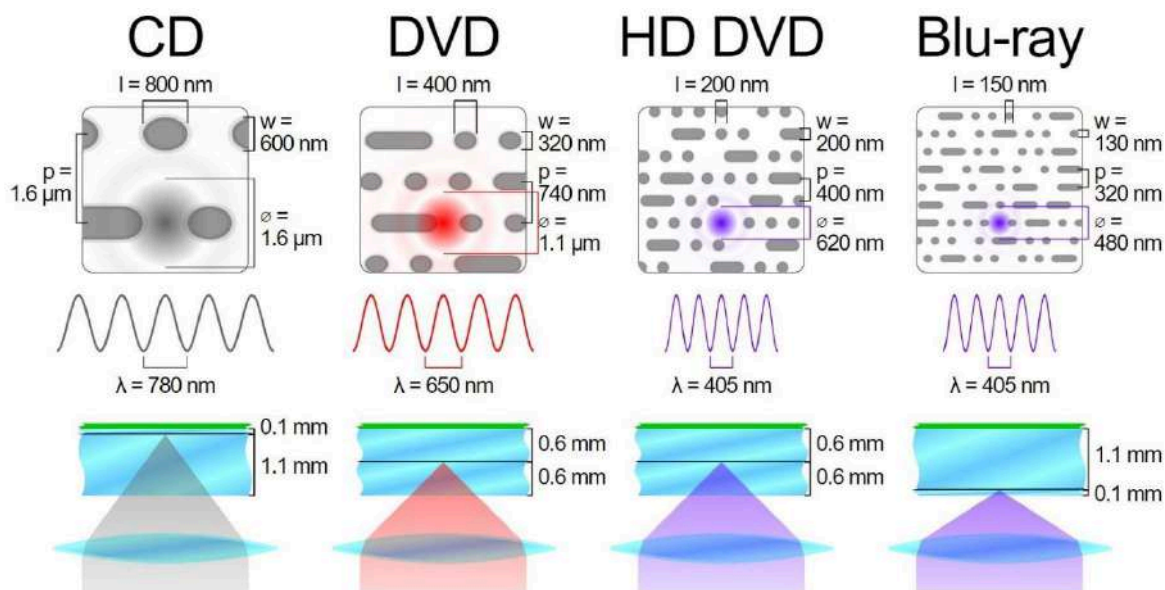


Em 1966, James T. Russell solicitou a patente para uma tecnologia na qual conseguia armazenar um vídeo digital em uma lâmina transparente, e cuja reprodução se dava utilizando uma lâmpada halógena de alta potência. Sua patente foi aprovada em 1970 (US3501586A) e essa invenção foi o embrião que daria origem ao Compact Disc (CD).

Comparado à fita cassete e aos discos de vinil, o CD trouxe várias vantagens significativas. Primeiramente, sua capacidade de armazenamento era muito maior, permitindo até 74 minutos de áudio ininterrupto. Além disso, o CD oferecia uma qualidade de som superior devido à sua natureza digital, livre de ruídos ou distorções analógicas. Outra vantagem era a durabilidade, já que a superfície do CD não era suscetível a arranhões comuns nos discos de vinil ou à degradação gradual da fita cassete.

A popularização do CD não se restringiu somente à música, mas expandiu-se para softwares, jogos, vídeos e, posteriormente, para o armazenamento de documentos, fotos e vídeos pessoais. Essa invenção iniciou uma fase em que diversas tecnologias ópticas como o DVD e o Blu-ray (figura 7), ampliaram ainda mais a capacidade de armazenamento e a qualidade de áudio e vídeo. A transição para esses formatos ópticos mudou a maneira como as pessoas consumiam mídia, proporcionando maior conveniência, portabilidade e qualidade (Weinstein, 2009).

Figura 7 – Comparação da especificação técnicas de mídias ópticas diferentes<sup>25</sup>



Fonte: Domínio público via Wikimedia Commons

Atualmente, com o avanço da tecnologia digital, a música passou a ser gravada, reproduzida e distribuída em diversos formatos digitais, como MPEG-1/2 Audio Layer 3 (MP3), Advanced Audio Coding (AAC), Free Lossless Audio Codec (FLAC), WAVEform audio format (WAV), Ogg Vorbis (OGG), Audio Apple Lossless (ALAC), Windows Media Audio (WMA) entre outros<sup>26</sup>.

Outra solução adotada atualmente tem sido o streaming, o qual permite que as gravações sonoras sejam difundidas através de plataformas digitais, permitindo que milhões de pessoas tenham acesso a uma imensa variedade de músicas e conteúdos sonoros, através de seus computadores e celulares, bem como a partir dos mais diversos tipos de gadgets<sup>27</sup> disponíveis, sem a necessidade de fazer o download do arquivo sonoro em formato digital, e sim através de um player contido

<sup>25</sup> Especificações comparadas na imagem: passo da trilha (p), largura do poço (w), comprimento mínimo (l), tamanho do ponto do laser ( $\phi$ ) e comprimento de onda ( $\lambda$ ).

<sup>26</sup> Serão apresentados em tabela a seguir, com suas especificidades técnicas.

<sup>27</sup> Termo que visa representar diversos tipos de artefatos tecnológicos como *smartwatches*, leitores de MP3, computadores de bordo bem como outros dispositivos embutidos em eletrodomésticos, baseados no conceito de Internet das Coisas (IoT).

na plataforma. Os principais streaming<sup>28</sup> de áudio<sup>29</sup> existentes atualmente são: YouTube, SoundCloud, Pandora Premium, Amazon Music, Spotify, Deezer, Google Play Music e Apple Music.

## 2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS SUPORTES SONOROS

Por questões didáticas, faz-se necessário classificar os suportes sonoros a fim de melhorar a compreensão. Dentre as classificações escolhidas (tabela 1), foram considerados diversos critérios considerados relevantes no sentido de abranger a diversidade de meios utilizados para armazenar e reproduzir áudio ao longo do tempo. As tabelas, com categorizações abaixo, contemplam aspectos como formato físico, capacidade de armazenamento, durabilidade, finalidade de uso, época de gravação, método de gravação, método de reprodução e relação com o suporte físico.

Tabela 1 – Classificação dos suportes sonoros

Classificação	Suportes sonoros
<b>Pela Acessibilidade e Conveniência</b>	
Mídias digitais	Streaming online, arquivos digitais, partituras digitais
Mídias físicas	CDs, vinis, cassetes, partituras físicas em papel
<b>Pela Capacidade de Armazenamento</b>	
Grande capacidade	CDs, DVDs, discos rígidos, armazenamento em nuvem, coleções extensas de partituras em papel
Pequena capacidade	Fitas cassete, discos de vinil, partituras em papel
<b>Pela Durabilidade</b>	
Durabilidade limitada	Discos de vinil em goma-laca, fitas magnéticas, algumas partituras em papel podem se deteriorar com o tempo
Mais duráveis	Discos de vinil em acetato, CDs, DVDs, armazenamento digital sólido, partituras de qualidade em papel resistente
<b>Pela Finalidade de Uso</b>	

<sup>28</sup> Conceito de **fluxo contínuo de mídia**, no qual a informação audiovisual é enviada através da internet para o equipamento do usuário e “roda” automaticamente, após curto período de *buffering* (tempo de carregamento), não necessitando, portanto, do *download* (recebimento do arquivo inteiro a ser armazenado no dispositivo do usuário) do arquivo. Dentro do conceito de streaming, assim que parte do arquivo for baixado ele já começa a ser tocado/exibido, e durante o processo de reprodução as partes faltantes vão sendo baixadas. Tornou-se economicamente viável com a melhoria das tecnologias de rede e do aumento das taxas de download (“velocidade” medida em Mbps), principalmente com o advento da fibra óptica.

<sup>29</sup> Algumas plataformas trabalham com áudio e vídeo, e não exclusivamente áudio.

Consumo doméstico	CDs, cassetes, vinis comerciais, partituras para uso pessoal ou educacional
Profissional	Fitas de estúdio, discos de vinil masterizados, partituras profissionais impressas
<b>Por Era de Gravação</b>	
Acústica	Cilindros fonográficos, gravações antigas antes do advento da eletricidade
Digital	CDs, DVDs, Blu-rays, streaming, gravações digitais em formato de arquivo
Elétrica	Gravações em discos de vinil antigas, usando tecnologia elétrica para captação e reprodução
Magnética	Fitas cassete, rolos de fita, gravações em fita magnética
<b>Por Formato Físico</b>	
Cilíndrico	Cilindros fonográficos
Planar	Discos de vinil, CDs, DVDs, Blu-rays, partituras em papel
Portátil	Pen drives, cartões de memória, reprodutores MP3, partituras digitais
<b>Por Método de Gravação e Reprodução</b>	
Analógico magnético	Fitas cassete, rolos de fita, algumas anotações em partituras escritas à mão
Analógico mecânico	Cilindros fonográficos, algumas partituras impressas por métodos mecânicos antigos
Óptico	CDs, DVDs, Blu-rays,
Digital	Arquivos digitais, partituras digitais

Fonte – Elaborado pelo autor

A seguir, apresentam-se as tabelas onde estão listados os suportes magnéticos e os suportes ópticos com suas informações técnicas, também em seguida apresenta-se uma tabela constando os formatos digitais mais utilizados atualmente, com suas características principais.

Tabela 2 – Suportes sonoros magnéticos

<b>Tipo de Mídia Magnética</b>	<b>Capacidade de Armazenamento</b>	<b>Uso Comum</b>	<b>Principais Características</b>
Fita Cassete	Entre 60 minutos e 120 minutos por lado em fitas C60 e C120	Gravação de áudio, mixtapes	Popular para gravação de áudio, portátil, mas com qualidade de áudio limitada
Disco Magnético	Capacidade variável dependendo do tamanho e densidade	Armazenamento de dados, computadores antigos	Usado em sistemas de computadores mais antigos, capacidade relativamente baixa

Cartucho de Fita de Dados	De alguns megabytes a vários gigabytes	Armazenamento de dados em sistemas antigos	Uso em mainframes e sistemas computacionais mais antigos, capacidade variável
MiniDisc	Até 1 GB por disco (em modo SP)	Gravação de áudio, dados	Comprimia áudio digitalmente, teve popularidade limitada, mas foi usado em gravação portátil
Zip Drive	100 MB a 750 MB por disco (Zip 100, Zip 250, Zip 750)	Armazenamento de dados	Popular nos anos 90 e início dos anos 2000 como alternativa aos disquetes, substituído por mídias USB
Disco Jaz	De 1 GB a 2 GB por disco	Armazenamento de dados	Similar ao Zip Drive, mas com capacidade maior, não tão difundido comercialmente
Disco Bernoulli	Capacidade variável, até vários gigabytes	Armazenamento de dados	Usado em sistemas de armazenamento de dados de alta capacidade, menos conhecido publicamente
SuperDisk (LS-120)	120 MB por disco	Armazenamento de dados	Tentativa de substituir os disquetes, capacidade maior que um disquete tradicional
HiFD (High-Capacity Floppy Disk)	150 MB a 200 MB por disco	Armazenamento de dados	Tentativa de criar um disquete de alta capacidade, mas sem ampla adoção
DataPlay	Até 500 MB por disco	Armazenamento de dados	Disco pequeno usado em dispositivos portáteis, mas não se tornou popular
VXA (Exabyte Packet Technology)	Até 160 GB (VXA-3)	Backup de dados	Alta capacidade de backup, mas não amplamente adotado
Travan	Até 40 GB	Backup de dados	Usado para backup em dispositivos de fita, capacidade razoável

Fonte – Elaborado pelo autor

Tabela 3 – Suportes ópticos

<b>Tipo de Mídia Óptica</b>	<b>Capacidade de Armazenamento</b>	<b>Velocidade de Leitura</b>	<b>Velocidade de Gravação</b>	<b>Uso Comum</b>	<b>Principais Características</b>
CD-ROM	Até 700 MB	150 KB/s a 1,2 MB/s	Não gravável	Distribuição de software, dados	Somente leitura, não pode ser gravado
CD-R (Recordable)	Até 700 MB	150 KB/s a 1,2 MB/s	150 KB/s a 1,2 MB/s	Gravação única de dados, música	Gravável uma vez, não pode ser apagado
CD-RW (Rewritable)	Até 700 MB	150 KB/s a 1,2 MB/s	150 KB/s a 1,2 MB/s	Reutilizável para gravação, apagável	Pode ser regravado várias vezes
CD de 80 Minutos	Até 800 MB	150 KB/s a 1,2 MB/s	150 KB/s a 1,2 MB/s	Variante com maior capacidade de armazenamento	
CD Dupla Camada (DVD-9)	Até 8,5 GB	Varia	Varia	Filmes, jogos	Dupla camada para maior capacidade
DVD-ROM <sup>30</sup>	Até 4.7 GB (Single Layer) a 17.08 GB (Dual Layer)	1.32 MB/s a 16 MB/s	Não gravável	Distribuição de filmes, jogos, software	Somente leitura, não pode ser gravado
DVD-R <sup>30</sup> (Recordable)	Até 4.7 GB (Single Layer) a 8.5 GB (Dual Layer)	1.32 MB/s a 16 MB/s	1.32 MB/s a 16 MB/s	Gravação única de dados, filmes	Gravável uma vez, não pode ser apagado
DVD+RW <sup>30</sup> (Rewritable)	Até 4.7 GB (Single Layer) a 8.5 GB (Dual Layer)	1.32 MB/s a 16 MB/s	1.32 MB/s a 16 MB/s	Reutilizável para gravação, apagável	Pode ser regravado várias vezes
Blu-ray <sup>30</sup>	25 GB (Single Layer) a 128 GB (Quad Layer)	36 MB/s a 72 MB/s	36 MB/s a 72 MB/s	Filmes em alta definição, armazenamento de dados	Alta capacidade, qualidade de vídeo Full HD e 4K

<sup>30</sup> Esses suportes ópticos recebem comumente conteúdo audiovisual, e não somente sonoros. No entanto, quando usados exclusivamente para armazenamento sonoro, podem ser soluções plausíveis, visto a maior capacidade de armazenamento.

HD-DVD <sup>30</sup>	Até 30 GB	Até 36 MB/s	Até 36 MB/s	Filmes, jogos	Competia com o formato Blu-ray, descontinuado
----------------------	-----------	-------------	-------------	---------------	---

Fonte – Elaborado pelo autor

Tabela 4 – Formatos digitais de áudio

Formato de Áudio	Compressão	Qualidade	Bitrate	Taxa de Amostragem	Uso Comum	Principais Características
WAV (Waveform Audio File Format)	Sem perda	Alta	Variável	44.1 kHz, 48 kHz, 96 kHz, 192 kHz	Gravação profissional, áudio não comprimido	Armazena áudio sem perdas, tamanho de arquivo maior
MP3 (MPEG-1 Audio Layer 3)	Com perdas	Boa	64-320 kbps	N/A	Música digital, podcasts	Alta compressão, perda de qualidade em altas taxas de compressão
AAC (Advanced Audio Coding)	Com perdas	Boa a Excelente	64-320 kbps	N/A	Streaming, música digital, iTunes	Qualidade superior ao MP3 no mesmo bitrate, eficiente em compressão
FLAC (Free Lossless Audio Codec)	Sem perda	Excelente	Variável	Variável	Arquivamento de áudio, audiófilos	Compressão sem perdas, mantém qualidade original, arquivos maiores
OGG (Ogg Vorbis)	Com perdas	Boa	Variável	Variável	Streaming, jogos, música digital	Código aberto, eficiente em compressão, qualidade variável
AIFF (Audio Interchange File Format)	Sem perda	Alta	Variável	44.1 kHz, 48 kHz, 88.2 kHz, 96 kHz	Gravação profissional, áudio não comprimido	Similar ao WAV, popular em produtos Apple

ALAC (Apple Lossless Audio Codec)	Sem perda	Excelente	Variável	Variável	Ecosistema Apple, arquivamento de áudio	Sem perdas, uso comum em dispositivos Apple
DSD (Direct Stream Digital)	Sem perda	Excelente	N/A	2.8 MHz, 5.6 MHz	Gravações de alta resolução, audiófilos	Alta resolução, taxa de amostragem em Hertz (MHz)
WMA (Windows Media Audio)	Com perdas	Boa	Variável	Variável	Windows Media Player, streaming	Desenvolvido pela Microsoft, qualidade variável
PCM (Pulse-Code Modulation)	Sem perda	Alta	Variável	Variável	Áudio não comprimido, CD	Utilizado em CD, áudio digitalizado sem compressão
Opus	Com perdas	Boa	6-510 kbps	N/A	Streaming, VoIP (Voz sobre IP)	Qualidade em baixas taxas de bits, suporta diversas aplicações de áudio
M4A	Com perdas	Boa a Excelente	Variável	Variável	iTunes, armazenamento de áudio	Similar ao MP3, suporta formatos de áudio e vídeo, qualidade superior
APE (Monkey's Audio)	Sem perda	Excelente	Variável	Variável	Arquivamento de áudio, audiófilos	Alta compressão sem perdas, arquivos grandes
MP2 (MPEG-1 Audio Layer II)	Com perdas	Boa	32-384 kbps	32 kHz - 48 kHz	Rádiodifusão, vídeo, áudio digital	Usado em transmissão, qualidade próxima ao CD

Fonte – Elaborado pelo autor

## 2.4 ACERVOS SONOROS

Acervo conceitua-se como um “conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação” (Acervo, 2008), portanto acervos sonoros são locais em que os



documentos sonoros são recepcionados, passam pelo processo de tratamento da informação — quando informações sobre sua forma e conteúdo são extraídos e registrados em um sistema informatizado (transformando-se em registros sonoros), muitas das vezes são digitalizados a fim de que essa versão seja disponibilizada para consulta a fim de não danificar os suportes originais, e esses, por sua vez, passam por processos de conservação e restauração. Sobre isso, Buarque comenta:

A preservação de longo prazo só pode ser plenamente alcançada no campo digital, por alguns motivos principais. Primeiramente, em função de sua codificação binária — na qual as informações vêm sob a forma de números (sempre zero e um) — os arquivos digitais podem ser copiados com precisão matemática. Em segundo lugar, e diretamente relacionado ao primeiro ponto, no campo digital não ocorrem perdas de informação quando da passagem de um sistema para outro. Comparando com o campo analógico, quando geramos uma cópia de uma fita cassete, por exemplo, por melhores que sejam a fita, os equipamentos e os acessórios envolvidos no processo, sempre haverá perda de informações, algo que é, na maior parte das vezes, perceptível para o ouvinte/espectador. Finalmente, no campo digital, os dados digitais podem ter sua integridade verificada e, dentro de certo limite de erros, serem recuperados. (2008, p. 46)

Os acervos sonoros desempenham um papel vital na preservação e divulgação da cultura e história através de registros de áudio, representando uma valiosa documentação do patrimônio cultural imaterial. Esses arquivos oferecem uma perspectiva singular da diversidade e riqueza das expressões sonoras ao longo do tempo, sendo essenciais pela capacidade única do som em transmitir nuances, emoções e detalhes que outros meios, como texto ou imagens, não conseguem. Ao possibilitar o acesso a vozes, músicas e histórias que poderiam se perder, os acervos sonoros garantem que as gerações presentes e futuras tenham acesso a esse rico legado cultural.

Somente a título de exemplificação lista-se aqui alguns importantes acervos que estão disponíveis para consulta pela internet. Quanto aos acervos internacionais destacam-se a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos<sup>31</sup>, o British Library Sound Archive<sup>32</sup> no Reino Unido, o ARChive of Contemporary Music nos EUA<sup>33</sup>, a Bibliothèque nationale de France na França<sup>34</sup> e o Sound Archive of the Austrian

---

<sup>31</sup> <https://www.loc.gov/>

<sup>32</sup> <https://www.nts.live/shows/british-library-sound-archive>

<sup>33</sup> <https://arcmusic.org/>

<sup>34</sup> <https://www.bnf.fr/en/bibliotheque-nationale-de-france-catalogue-general>

Mediathek na Áustria<sup>35</sup>. Já no Brasil, merecem menção o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC)<sup>36</sup>, o Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo (MIS SP)<sup>37</sup>, o Instituto Moreira Salles (IMS)<sup>38</sup>, o Instituto de Memória Musical Brasileira (IMMuB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)<sup>39</sup> e o Acervo da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP)<sup>40</sup>.

Esses acervos desempenham papéis cruciais na preservação e divulgação do patrimônio sonoro, documentando expressões culturais e históricas significativas tanto nacional quanto internacionalmente.

## 2.5 CONTEÚDOS SONOROS

Os registros sonoros sob a guarda dos acervos sonoros, para além dos diversos tipos de suportes, cada qual com suas necessidades de tratamento e especificidades técnicas, podem também ser classificados conforme o seu conteúdo. Abaixo estão descritas algumas das categorias, quanto a conteúdos, mais recorrentemente encontradas em acervos sonoros.

**Gravações musicais:** inclui registros de performances musicais, como álbuns, faixas individuais, gravações ao vivo, gravações de estúdio, composições musicais e materiais relacionados à música, como partituras, letras de músicas e notas de álbum;

**Efeitos sonoros:** essa categoria é composta por coleções de efeitos sonoros utilizados em produções audiovisuais, como filmes, programas de TV, rádio, jogos eletrônicos e teatro. Esses efeitos podem incluir sons ambientes, sons de animais, ruídos mecânicos, e outros elementos que auxiliam na criação de uma experiência sonora imersiva;

**Sons ambientais:** consiste em gravações de ambientes naturais ou urbanos, capturando sons característicos de determinadas localidades, paisagens sonoras

---

<sup>35</sup> <https://www.mediathek.at/ueber-uns/information-in-english/>

<sup>36</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

<sup>37</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

<sup>38</sup> <https://ims.com.br/>

<sup>39</sup> <https://immub.org/>

<sup>40</sup> <https://www2.unifesp.br/centros/cehfi/bmhv/index.php/acervo-epm>

específicas ou eventos sonoros relevantes. Esses registros podem ser usados em projetos de pesquisa, criação artística ou como material de referência para documentários e produções audiovisuais;

**Palestras e conferências:** abrange gravações de palestras, apresentações acadêmicas, conferências e discursos proferidos por especialistas em determinados campos do conhecimento. Esses registros são valiosos para fins educacionais, pesquisa acadêmica e disseminação de informações relevantes;

**Documentos orais:** essa categoria engloba registros de entrevistas, depoimentos, histórias pessoais, narrações e qualquer forma de registro de voz que documente informações sobre pessoas, eventos, lugares ou tópicos específicos. As gravações orais são valiosas para a preservação da memória e história de determinadas comunidades ou indivíduos, sendo essa a tipologia documental a qual esse trabalho está voltado, a fim de estabelecer as boas práticas de sua indexação.

Após essa análise, crê-se que o objetivo específico de “traçar uma narrativa histórica sobre as origens dos processos de gravação e reprodução sonora, bem como apresentar os principais suportes sonoros, conceituar acervos sonoros e apresentar suas tipologias documentais” tenha sido alcançado. Pode-se agora avançar para o tópico referente ao estudo do documento oral, propriamente dito.

### 3 ORALIDADE E MEMÓRIA: O DOCUMENTO ORAL

A preservação da história humana é um empreendimento complexo e multifacetado. Enquanto os registros escritos têm sido tradicionalmente considerados as principais fontes para reconstituir o passado, a oralidade e a memória desempenham um papel igualmente importante na construção do conhecimento histórico.

Para Rousso (1998), a memória não é apenas uma reminiscência individual do passado, mas uma construção seletiva que reflete a interação entre o indivíduo e o ambiente em que ele está inserido. Para ele, cada memória é coletiva, enraizada no “contexto familiar, social e nacional” (*ibidem*, p. 94) e molda as experiências e as perspectivas do indivíduo.

Meihy afirma também ser importante não confundir o conceito de história com o conceito de memória. Para ele, história é uma disciplina que se baseia nas análises feitas em documentos de fonte primária, geralmente de cunho escrito, “grafados, estabelecidos e confiáveis” (2005, p. 62). Em contrapartida, a memória seria um “espaço no qual o repertório das versões sobre o passado ainda não ganhou a dimensão escrita, possibilitada pela história oral” (*ibidem*). Logo, cabe à história oral esse papel de materializar as narrativas de memória a fim de que possam ser utilizadas pela história, antropologia, sociologia, etnografia, entre tantas outras disciplinas. Mas, qual a definição de história oral?

Para Yow, “história oral é o registro de depoimentos pessoais entregues de forma oral” (2005, p. 3), já para Meihy em seu Manual de História Oral, o termo possui múltiplas definições aceitas, como sendo “uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato” (2005, p. 17), ou ainda um “processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas” (*ibidem*, p. 18). Alberti, por sua vez, em seu Manual de História Oral, define os programas de história oral como o desenvolvimento de “projetos de pesquisa fundamentados na produção de

entrevistas como fonte privilegiada e, simultaneamente, constituir um acervo de depoimentos para a consulta do público” (2004, p. 27).

Contextualizando a história oral, cabe agora responder como esse método de pesquisa faz para materializar as, anteriormente citadas, narrativas de memória. À essa pergunta, Araújo explica que é através do registro e da análise de depoimentos que ocorre essa materialização, como vê-se no excerto abaixo:

“Para tanto, utilizam-se do registro e da análise de depoimentos. Esses enfoques e procedimentos têm-se vinculado a uma metodologia que já se consagrou chamar de história oral e é a partir dessa metodologia e da utilização da memória oral nos estudos de comunidades que construiremos nossas reflexões ao longo deste trabalho.” (1999, p. 43).

A esses registros é dado o nome de arquivo oral, sendo esse, portanto, o objeto da disciplina, história oral, bem como o objeto de pesquisa deste estudo.

Voldman conceitua o arquivo oral como sendo:

“um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido, logo de início, seu destino natural” (1998b, p. 36).

Borges contribui para a compreensão das nuances terminológicas ao afirmar existir uma diferença entre fonte oral e arquivo oral. Enquanto fonte oral, segundo a autora, é o resultado de um processo deliberado de coleta, no qual um historiador seleciona material específico para atender às necessidades particulares de pesquisa e hipóteses, o arquivo oral seria uma fonte oral que foi “confiada a um órgão público (pessoa física ou jurídica), a qual pode ser consultada atendendo a condições legais habituais pré-estabelecidas, sujeita às diretrizes previstas na Lei de Direitos Autorais brasileira.” (2017, p. 664-665).

Logo, pode-se depreender que o arquivo oral é obrigatoriamente um registro sonoro criado para uma necessidade específica de pesquisa (fonte oral) que foi confiado a um acervo sonoro de caráter público, no qual seja possível fazer-se consultas, servindo, portanto, tanto como fonte primária de pesquisa, a saber, documento que contenha “principalmente novas informações ou novas interpretações de ideias ou fatos acontecidos” (Fonte primária, 2008), ou como fonte

secundária — documento "que contém informações sobre documentos primários e arranjados de acordo com um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e levam o usuário aos documentos originais." (Fonte secundária, 2008) — para pesquisas outras, que não seu fato gerador.

Nesse ínterim podemos perceber que o conceito de arquivo oral obrigatoriamente enquadra-se no atual movimento de acesso livre à informação científica conhecido como Ciência Aberta (Open Science), o que para Pinheiro:

“...representa um alargamento do acesso livre, tornando acessíveis dados científicos, únicos e insubstituíveis, dos mais diversos tipos, básicos para pesquisas, mas em geral não publicados, a outros e futuros pesquisadores, para a sua reutilização. Assim, são abertas perspectivas para novos conhecimentos, quem sabe, queimando etapas e agilizando o processo de fazer ciência. No entanto, esta ação exige esforços maiores para registro e recuperação da informação, o que torna a sua gestão, denominada curadoria digital, mais complexa.” (2014, p. 163).

Quanto à questão terminológica, pode-se perceber a não existência de consenso dentro do campo da história oral, sendo atribuídas diferentes denominações para o mesmo objeto, como podemos verificar na tabela abaixo:

Tabela 5 – Termos alternativos a “documento oral” em estudos de revisão de literatura sobre história oral

<b>Estudos de revisão</b>	<b>Termos alternativos</b>
Cruz, 2012	Arquivo oral, arquivos provocados, documento de história oral, evidência da história oral, fonte oral e fontes orais
Freund, 2014	Documento oral histórico, entrevista, entrevista de história de vida, história de vida e narrativa de vida
Thomsom, 1997	Entrevista e depoimento
Voldman, 1998 <sup>a</sup>	Arquivo oral, fonte oral, história oral, relato de vida e testemunho
Yow, 2005	Autorrelato, biografia oral, história de vida, memórias, narrativa pessoal e testamento

Fonte: Elaborada pelo autor

Assim sendo, tomou-se a decisão de utilizar o termo “documento oral” em detrimento a “arquivo oral” para a elaboração dessa pesquisa a fim de manter um alinhamento ao pensamento otlet-brietiano, segundo os quais, um documento é conceituado como “todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (Briet, 2016, p. 1).

Além disso, essa escolha visa diferenciar abordagens relativas ao mesmo objeto por áreas diversas do conhecimento. Enquanto o primeiro termo (arquivo oral) é utilizado no campo da historiografia, mais especificamente pela história oral, o segundo termo possui maior familiaridade às 3 Marias (Smit, 1993), a saber: Biblioteconomia e documentação, arquivologia e museologia.

A partir desse ponto fica definido com clareza o objeto desse nosso estudo, sendo esse, portanto, o documento oral.

O uso da oralidade como meio de preservação histórica pode ser rastreado até a Dinastia Zhou, na China antiga, onde os ancestrais eram reverenciados mediante a manutenção de tradições orais transmitidas de geração em geração. Na Grécia Antiga, figuras notáveis como Tucídides e Heródoto adotaram abordagens de narrativa oral em suas obras (Freund, 2014; Meihy, 2005), registrando os relatos de testemunhas oculares e depoimentos pessoais para construir uma narrativa histórica.

Sabe-se que essa prática foi amplamente difundida na antiguidade e na idade média, ainda que com o caráter de “história exaltiva<sup>41</sup>” (Meihy, 2005) — quando se tratava da memória dos reis ou de outros poderosos, transformada rapidamente em história oficial. Sobre isso, Cadiou comenta:

Trata-se de uma abordagem específica de sociedades marcadas pela oralidade. Apesar do desenvolvimento da escrita ao longo dos séculos (notadamente durante o Império Romano), um meio de conhecimento histórico valorizado pelos antigos historiadores correspondia ao que Tucídides havia defendido: a observação direta pela visão (*opsis*) e pelo ouvido (*akoé*). (2007, p. 23)

---

<sup>41</sup> Relativo a exaltar, tornar grandioso, louvar, celebrar

No entanto, foi apenas com o advento da tecnologia sonora no século XIX, mais especificamente com a invenção do fonógrafo por Thomas Edison em 1877, que permitiu que o trabalho do oralista — “pesquisador e entrevistador que utiliza a História Oral como metodologia” (Marinho, 2021, p. 133) —, fosse facilitado, pela possibilidade de que a transcrição para o papel ocorresse em um segundo momento, que não simultaneamente à entrevista. Segundo Vidal, a possibilidade de gravação das entrevistas foi o que permitiu o surgimento da metodologia de história oral, que segundo ele, não deva ser considerada um “tributário de um passado clássico” (1990, p. 77) e sim um método da contemporaneidade.

No entanto, a mera possibilidade de gravação dos depoimentos não deve ter sido suficiente para fazer com que a história oral fosse considerada um método válido e crível. Nesse sentido, Alberti afirma que durante o século XIX “com o predomínio da história positivista e a quase sacralização do documento escrito” (2004, p. 18) a coleta de depoimentos esteve relegada a um plano inferior, tendo se estabelecido como método científico após as experiências de Thomas<sup>42</sup> e Znaniecki<sup>43</sup> e principalmente devido a uma “espécie de insatisfação dos pesquisadores com os métodos quantitativos, que, no pós-guerra, começaram a ceder lugar aos métodos qualitativos de investigação” (*ibidem*, p. 19).

Em 1947, Allan Nevins<sup>44</sup> Criou o termo moderna história oral, atribuindo como marco histórico a criação do gravador portátil (Herzog, 2014; Stursberg, 1983). Santhiago, por sua vez, afirma que a data de nascimento do método de história oral deva ser atribuída ao ano de 1948, exatamente quando da criação, por Allan Nevins, de um escritório para a pesquisa de história oral na Universidade de Columbia:

“Foi naquele ano que o historiador estadunidense Allan Nevins criou um escritório de pesquisa, na Columbia University, devotado à prática de documentação que se valeria dela como instrumento central: a história oral. Método de pesquisa baseado em entrevistas abertas com pessoas que viveram ou testemunharam eventos com significado histórico, desde então a história oral transformou-se e aperfeiçoou-se a tal ponto que a herança de Nevins (baseada na premissa de registrar testemunhos no presente para arquivamento e uso de pesquisadores no futuro) é uma dentre as muitas das raízes que a alimentam.” (2020, p. 1).

<sup>42</sup> William Isaac Thomas (1863–1947) foi um sociólogo norte-americano cujas ideias influenciaram significativamente o desenvolvimento da sociologia nos Estados Unidos.

<sup>43</sup> Florian Znaniecki (1882–1958) foi um sociólogo polonês e um dos fundadores da sociologia empírica.

<sup>44</sup> Allan Nevins (1890-1971) foi um historiador e jornalista norte-americano.



No mesmo sentido, Meihy comenta:

A moderna história oral nasceu em 1948, na Universidade de Columbia, em Nova York. Na ocasião, Allan Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo que passou a ser indicativo de uma nova postura em face da formulação e da difusão das entrevistas. Isso se deu quando os avanços tecnológicos foram combinados com a necessidade de se propor formas de captação de experiências como as vividas então tanto por combatentes como por familiares e vítimas dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. O vínculo com os relatos do passado e a necessidade de registrar experiências gravadas e transmitidas por meios mecânicos facilitaram a democratização das informações e serviram de base para o sentido da história oral, que então, para ser diferenciada de outras práticas da oralidade, ganhou o adjetivo “moderna”. (2005, p. 92)

Complementarmente, Picoli comenta:

Neste período – aproximadamente metade do século XX – algumas disciplinas científicas já faziam largo uso das fontes orais, como é o caso da psicologia, da antropologia e da sociologia. E, na história, de forma marginal, na década de 1940, alguns intelectuais norte-americanos se interessaram em constituir uma história das elites que preenchesse as lacunas deixadas pelos documentos escritos (sobre esta perspectiva, hoje ainda pertinente, falaremos mais adiante). Em meados da década de 1960 e início de 1970, com os constantes conflitos sociais e étnicos nos EUA (hippies, movimento pelos direitos civis dos afrodescendentes, movimento feminista...), desenvolveu-se uma história oral militante com claras intenções políticas, dentre as quais, criar uma consciência de grupo marginalizado e/ou excluído. (2010, p. 171).

Já no Brasil, Meihy explica que houve um certo atraso na difusão do método da história oral devido a dois fatores fundamentais: “a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais e de tradições populares, e a ausência de laços universitários em vista dos vínculos com os localismos e com a cultura popular” (2005, p. 99).

Isso significa que, ao contrário de outros países onde tais iniciativas eram mais difundidas, no Brasil faltavam estruturas organizacionais e redes de apoio para a coleta e preservação das narrativas de pessoas comuns. Outro fator é que as universidades e os centros acadêmicos do país estavam mais voltados para outras áreas de estudo, muitas vezes distantes das realidades locais e das manifestações culturais populares. Isso resultou em um certo desinteresse e falta de apoio acadêmico para o desenvolvimento da história oral como uma metodologia de pesquisa reconhecida e respeitada.

Esses dois fatores contribuíram para o atraso no surgimento e na aceitação da história oral como uma ferramenta válida e relevante para a compreensão da história do Brasil. Meihy (2005) comenta ainda sobre um paradoxo que, por um lado contribuiu para o atraso da história oral na América Latina como um todo, e por outro lado, foi seu gérmen: o levante das ditaduras militares. Esse paradoxo é interessante de se explorar.

Se por um lado, as ditaduras militares que assolaram vários países da América Latina nas décadas de 1960 a 1980 restringiram severamente as liberdades civis, incluindo a liberdade acadêmica e a pesquisa histórica independente; por outro lado, essa mesma repressão política e a falta de acesso a arquivos e documentos oficiais levou os historiadores a buscar fontes alternativas para reconstruir a história e dar voz às experiências das pessoas comuns.

A história oral, disciplina que depende fortemente das narrativas individuais, emergiu como uma ferramenta de resistência intelectual contra os regimes autoritários. Assim, o período das ditaduras militares, apesar de suas limitações, também foi o gérmen da história oral na América Latina, incluindo o Brasil, onde os relatos de testemunhas oculares e sobreviventes se tornaram uma forma poderosa de documentar e compartilhar histórias muitas vezes negligenciadas pela narrativa oficial.

Portanto, é importante reconhecer que, embora tenha enfrentado obstáculos significativos, a história oral no Brasil eventualmente encontrou um terreno fértil para se desenvolver e contribuir para uma compreensão mais rica e diversificada da história do país, graças, em parte, ao desejo de dar voz às histórias silenciadas durante os anos sombrios das ditaduras militares.

“Contra as determinações dadas pelas grandes estruturas, a história oral se insurge e impõe-se como o avesso de tendências massificantes que “expulsaram” os seres humanos das reflexões sociais. Contra a “desumanização” da história, a história oral mostra-se um bom antídoto.” (Meihy, 2005, p. 101).

Aspásia Camargo comenta na apresentação da primeira versão do manual de história oral do CPDOC sobre esse período:

“O convívio estreito com os políticos da época cedo nos revelou a dimensão de nossa própria ignorância. Não apenas acerca de fatos desconhecidos ou mal registrados, mas sobretudo acerca do contexto global — cultural, sociológico e político — no qual problemas estruturais do país vieram à tona, e diagnósticos e estratégias de ação foram formulados, moldando nítidas linhas de demarcação entre diversos personagens, tendências, instituições, regiões, e entre vencedores e vencidos de diferentes batalhas.” (Alberti, 2004, p. 12).

Sobre esse período, Ribeiro (2011) comenta que ainda que o Centro de Recursos Rurais e Urbanos (CERU) de São Paulo já trabalhasse utilizando-se de entrevistas e depoimentos antes dos anos 70, não se utilizava da história oral como metodologia. Comenta também que iniciativas similares podem ser encontradas na origem do Museu da Imagem e do Som (1971) — tendo suas origens ligadas à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo —, bem como outros projetos ligados à Universidade Estadual de Londrina, bem como à Universidade Federal de Santa Catarina. No entanto pode-se afirmar que o marco inicial da história oral no Brasil só viria no ano de 1975 com a implantação do programa de história oral do CPDOC/FGV:

“...através de iniciativa da Fundação Ford, num esforço que abrangia toda América Latina, principalmente México e Brasil por serem espaços nacionais em termos de equilíbrio e estabilidade política, no caso do Brasil respaldado pelo milagre econômico... Em 1975 foi lançado um curso de pós-graduação de história oral, contando com professores americanos e 35 alunos de todo país. Ministrado na Fundação Getúlio Vargas contava com o patrocínio da Fundação Ford e da CAPES. A intenção era difundir o uso da metodologia de maneira a implementar programas de história oral em diferentes centros universitários e ativar canais de intercâmbio em todo Brasil. Além do curso era implantado também um programa de história oral no CPDOC/FGV, contando com um pesquisador e um estagiário.” (*ibidem*, p. 111-112)

Ainda segundo o autor, a partir da década de 1980, com o processo de redemocratização e a abertura política, houve um aumento significativo no interesse pela história oral no Brasil. Museus, arquivos e grupos passaram a valorizar as oralidades e a memória como fontes de pesquisa. Além disso, as transformações na historiografia, que passaram a valorizar análises qualitativas e a considerar valiosas as experiências individuais, contribuíram para a consolidação da história oral como um método de pesquisa respeitado.

Comenta ainda que a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em 1994 e a participação ativa do Brasil em encontros nacionais e

internacionais fortaleceram ainda mais a posição da história oral no cenário acadêmico e de pesquisa. Esses avanços marcaram a reafirmação, institucionalização e consolidação da história oral no Brasil, que passou a ser reconhecida como uma ferramenta valiosa para a compreensão da história do país.

Resumindo, a história oral e o documento oral são pilares fundamentais para compreender e preservar a riqueza das sociedades passadas. Enquanto os registros escritos constituem a espinha dorsal da narrativa histórica, a oralidade e a memória oferecem uma perspectiva holística e inclusiva. A história oral transcende a mera coleta de depoimentos; ela materializa narrativas de memória, essenciais para um entendimento multidimensional do passado. O documento oral, derivado dessa prática, torna-se uma fonte valiosa e acessível para pesquisas históricas, proporcionando visões diversas sobre eventos e períodos históricos. É através da preservação e análise desses testemunhos que a história ganha vida, oferecendo uma compreensão mais rica e abrangente das sociedades que moldaram o mundo como o conhecemos hoje.

Quanto aos objetivos específicos deste trabalho, crê-se que nesse momento haja sido concluído o de “conceituar história oral e documento oral, enfatizando a sua importância como fonte primária para diversas áreas do conhecimento”, logo pode-se avançar para a conceituação e análise histórica do processo biblioteconômico de indexação.

## 4 INDEXAÇÃO

A fim de revisar conceitos, observou-se anteriormente que o suporte informacional é a unidade física e a informação é a unidade lógica. Observou-se, também, que a junção de informação (unidade lógica) + suporte (unidade física) compõe o que se conhece por documento. Documento, em Biblioteconomia, pode ser conhecido também como entidade física (ou simplesmente entidade), bem como unidade bibliográfica. Por definição temos que uma unidade bibliográfica é "qualquer documento, parte de um documento, ou vários documentos (tratados como um todo) que constituem uma entrada em sistemas de informação e/ou de descrição bibliográfica" (Unidade bibliográfica, 2008).

Essas unidades bibliográficas são armazenadas, idealmente, em um local que possua condições que favoreçam sua conservação, bem como permitam o acesso a esses documentos, seguindo as políticas ali instituídas. Como visto anteriormente, esse local denomina-se acervo.

As entidades contidas em um acervo, para que possam ser acessadas pelo público interessado, carecem estar representadas em algum tipo de sistema que permita o conhecimento, de antemão, das características físicas (forma) daquela entidade (título, autor, volume, imprensa, ano) bem como de suas características lógicas (conteúdo). O conjunto dessas informações documentárias, quando inseridas em um sistema informatizado, recebe o nome de registro.

Já o sistema informatizado que recebe esses registros informacionais (ou registros bibliográficos), são conhecidos na literatura como Sistema de Recuperação da Informação (SRI). Nomes afins também são atribuídos: Sistema de Armazenamento e Recuperação da Informação, Sistema Documentário, Base da Dados, Catálogo de Acesso Público Online (OPAC), Repositório Bibliográfico, entre outros (Cesarino, 1985; Souza, 2006; Texier, 2013; Wells, 2007).

Sobre esses sistemas, Ortega e Lara explicam que "o sistema documentário é entendido como um conjunto de elementos ligados entre si, de modo a serem interdependentes e orientados, tendo em vista atender um objetivo: obter informação" (2010, p. 8).

Partindo desse ponto, é importante esclarecer que o acesso a informações armazenadas em um SRI exige uma ferramenta de pesquisa que atenda aos usuários. Para que essa pesquisa seja produtiva e os registros desejados sejam recuperados com sucesso, é crucial que os materiais contidos no acervo sejam representados de forma precisa no momento do cadastro no sistema informático.

Para alcançar esse objetivo, a primeira etapa a ser executada por parte do bibliotecário é efetuar a análise documentária da entidade física (documento), que é uma abordagem planejada e intencional de leitura, a qual visa extrair informações de documentos de diversas naturezas, sejam eles bibliográficos, iconográficos, audiovisuais entre outros. Após essa fase de leitura, avança-se para a etapa de representação desses materiais (Cunha, 1987). Sobre as etapas, Fujita comenta sobre a norma brasileira:

Na ABNT 12676 (1992) sobre “Métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação” são apontados três estágios na indexação: a) o exame do documento; b) identificação dos conceitos e c) seleção dos conceitos. Na identificação de conceitos, estágio em que o indexador tem o conteúdo do documento sob sua atenção, ocorre a necessidade de se selecionar os termos em função da finalidade para a qual serão utilizados, pois nem todos os termos identificados servirão para a representação e recuperação. (Fujita, 2012, p. 25)

Assim, a leitura desempenha um papel fundamental nesse processo de análise. Não se limita simplesmente à decifração de sinais e códigos escritos; vai muito além disso. Martins destaca dois tipos de leitura: 1) a decodificação mecânica de sinais linguísticos por meio de um aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); 2) o processo de compreensão abrangente, envolvendo componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (2007).

Esses tipos de leitura descritos por Martins possibilitam a prática da análise documentária, visto ser por meio da decodificação dos códigos e da compreensão abrangente de um documento que o documentalista consegue representar as informações mais relevantes, da maneira mais adequada. Assim, ao considerar a leitura como um processo dinâmico que envolve interações entre leitor e texto, Kato (1985) identifica três pontos fundamentais para estratégias implicadas no processo

de análise documentária: o texto e sua qualidade, o repertório do leitor e a demanda do texto a ser compreendido.

Quanto ao repertório, é útil considerar o conceito de "palavramundo" proposto por Freire (2011), que se refere à compreensão prévia que o leitor possui antes da leitura do texto. Independentemente de quem estiver lendo, sempre há uma consciência prévia sobre a estrutura do texto ou o que esperar dele, bem como um código linguístico compartilhado que viabiliza a experiência de leitura.

Com base nisso, aplica-se o conceito de "esquemas" ao trabalho do leitor que, no caso da análise documentária, trata-se do bibliotecário. Os esquemas podem ser entendidos como ferramentas auxiliares no processo da leitura, como também na análise documentária. Nesse sentido, a prática profissional do leitor-bibliotecário:

"não exige que ele estoque na memória apenas sequências de eventos como ocorre, freqüentemente, com os relatos da vida diária. O bibliotecário deve lançar mão de conhecimentos armazenados em sua memória os quais constituem uma espécie de quadro de referência, formado por uma rede multidimensional de unidades conceituais" (Cintra, 1987, p. 29-30).

Dentro disso, ao realizar as atividades associadas à análise documentária, observa-se que o bibliotecário trabalha com seu próprio repertório, constituindo-se, inicialmente, como um leitor ativo. Ademais, pode-se entender que o processo de leitura não é, mesmo que em muitas vezes possa vir a ser, apenas uma prática exploratória do texto. Ela é, para além disso, uma ação que implica saber o que será lido, para que o leitor possa preparar-se para tal. Acerca disso, Cintra ainda aponta que a ideia de esquemas permite dizer:

"que o leitor trabalha tanto com um quadro de referência composto de entidades linguísticas, quanto conceituais e dele depende para a compreensão do texto, para a construção de novos conhecimentos e para o trabalho operacional com o texto" (Cintra, 1987, p. 30)

Assim, para análise documentária, o trabalho não se esvai no ato de ler, mas sim no pensar quanto ao que será lido antes, durante e depois. A fim de indexar e tratar o documento, tendo em mente a recuperação deste, o bibliotecário deve apossar-se de aparatos teóricos e práticos que permitam a ampliação de seu repertório e a compreensão do material com o qual ele trabalha (Cintra, 1987). Não se trata de um processo fácil, pois implica trabalho e estudo e, portanto, tempo.

Dada essas considerações sobre a análise documentária, é preciso ter consciência do que é o objeto de trabalho de tal processo: o documento. Sob inúmeras definições possíveis, elegeu-se aqui uma generalista, mas que coloca em perspectiva todas as necessidades práticas para este trabalho.

“Entende-se documento como todo e qualquer suporte de uma informação” (Cunha; Cavalcanti, 2008), ou seja, caso a informação esteja registrada em uma revista, este é o documento. Outrora, como é comum na Biblioteconomia, o livro deverá ser o objeto informacional, tornando-se o suporte e, portanto, o documento no qual o documentalista empregará o processo de análise. Além destes, pode-se ter em vista outros suportes materiais, como videocassete, DVDs, CDs, etc.

Sobre isso, deve-se levar em consideração a ideia de documento colocada por Paul Otlet<sup>45</sup>, que trata de dar ao objeto informacional um status de suporte ao conhecimento. Para Otlet (Rayward, 2018), qualquer objeto que, a partir dele mesmo, se pudesse provar um fato, é um material a ser levado em conta, portanto, passível de ser tratado, analisado, usado e recuperado.

Essa fase de leitura documentária propicia a extração de informações que serão usadas para a representação dessa informação em um SRI. Para isso, é importante salientar que, para a Biblioteconomia, a representação da informação acontece em dois níveis diferentes: quanto à forma e quanto ao conteúdo. A representação descritiva, também conhecida como catalogação é o processo biblioteconômico no qual são cadastrados dados relativos à forma (autor, título, ano, editora entre outros). Já a representação temática cuida da inserção de dados relativos ao conteúdo. Ambos os processos integram a atividade conhecida como tratamento da informação, que é a fase de descrição da informação extraída após a leitura documentária. Sobre a ela, Dias explica que:

“Nos sistemas de informação e de recuperação da informação, o tratamento da informação é definido como a função de descrever os documentos, tanto do ponto de vista físico (características físicas dos documentos) quanto do ponto de vista temático (ou de descrição do conteúdo). Essa atividade resulta na produção de representações documentais (fichas de catálogo, referências bibliográficas, resumos, termos de indexação etc.) que não apenas se constituem de unidades mais fáceis de manipular num sistema de recuperação da informação (comparado ao documento em sua íntegra),

---

<sup>45</sup> Advogado belga, empresário, ativista pela paz. Criou o sistema de classificação documentária chamado Classificação Decimal Universal (CDU). Foi um dos pais da Documentação, e por consequência, da Ciência da Informação (1868-1944).



como também representam sínteses que tornam mais fácil a avaliação do usuário quanto à relevância que o documento integral possa ter para as suas necessidades de informação. Para que isso possa ser feito, outras atividades são necessárias, muitas vezes desenvolvidas fora do âmbito dos sistemas de informação e de recuperação da informação. É o caso da criação/manutenção de linguagens e códigos, como as linguagens de indexação (listas de cabeçalhos de assuntos, sistemas de classificação, thesauri) e os códigos de catalogação.” (2001, p. 4-5)

Dentro desses processos acima apresentados, destacamos neste trabalho, o processo de indexação. A indexação é uma tarefa na qual o bibliotecário elabora uma “representação do conteúdo temático de um documento por meio de elementos de uma linguagem documentária ou de termos extraídos do próprio documento (palavras-chave, frases-chave” (Indexação, 2008).

Para Cintra, "a indexação é definida como a tradução de um documento em termos documentários, isto é, em descritores, cabeçalhos de assunto, termos-chave que têm por função expressar o conteúdo do documento" (1983). Para Navarro:

“A indexação consiste em um processo destinado a identificar e descrever ou caracterizar o conteúdo informativo de um documento mediante a seleção das matérias sobre as quais versa (indexação sintética) ou dos conceitos presentes (indexação analítica) para sua expressão da língua natural e sua reunião em índice, com objetivo de permitir posterior recuperação dos documentos pertencentes a uma coleção documental ou conjunto de referências documentais como resposta a uma demanda acerca do tipo de informação que este contém” (1999, p. 70)

Pinto sobre isso, explica que:

Seguindo o raciocínio do professor Jean-Claude GARDIN (1974), consideramos a indexação documentária como um conjunto de atividades que consiste em identificar, nos documentos, os seus Traços descritivos (TD's) ou macro-proposições e, em seguida, extrair os elementos/descriptores (sintagmas) indicadores do seu conteúdo, visando à sua recuperação

Sobre essa divisão de um texto em proposições e em macroproposições (ou macroestruturas), Gil Leiva (2012) comenta, bem como ilustra essa questão (figura 8):

“Van Dijk propôs as noções de micro e macroestrutura para distinguir os dois níveis textuais. O linguista observa que, se uma frase é “mais” do que uma série de palavras, podemos analisar os textos num nível que supera a estrutura das sequências das frases. Desse modo, existem conexões baseadas no texto como um todo ou, pelo menos, em unidades textuais maiores. E são essas estruturas de texto mais globais que são chamadas de macroestrutura. Assim, as macroestruturas representam a estrutura global de significado do texto. Dessa forma, enquanto as sequências de frases devem satisfazer as condições de coerência linear (relação semântica entre as frases em cadeia), os textos não devem apenas atender

a essas condições, mas à coerência global (a percepção do significado e sentido pelo receptor". (2012, p. 34)

Figura 8 – Redução de proposições a macroestruturas

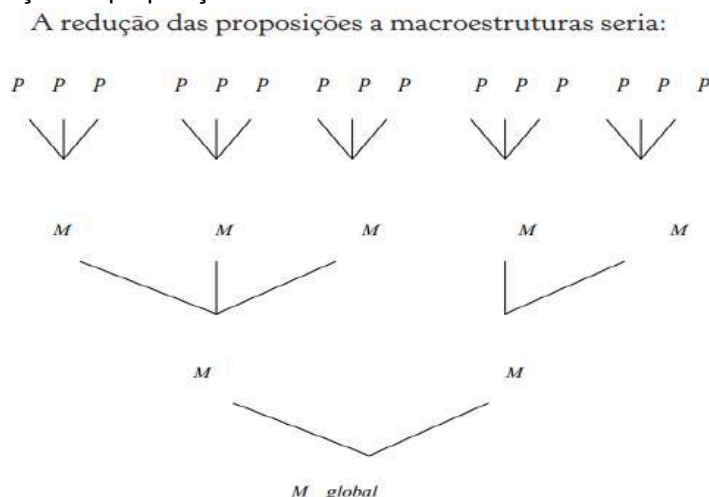


Figura 6 – Redução de proposições a macroestructura

FONTE: VAN DIJK, 1996, P. 56

Fonte: *ibidem* (2012, p. 35)

Chaumier alerta para a importância do processo de indexação:

"Indexação é a parte mais importante da análise documentária. Consequentemente, é ela que condiciona o valor de um sistema documentário. Uma indexação inadequada ou uma indexação insuficiente representam 90% das causas essenciais para a aparição de "ruídos" ou de "silêncios" em uma pesquisa" (1988, p. 63)

Sobre ruídos e silêncios informacionais, Guimarães explica:

**RUÍDO:** documentos fornecidos ao usuário e que não correspondem à solicitação feita, seja: a) por erro no procedimento de busca. b) pelo diferente grau de especificidade entre a questão e o tratamento temático dos documentos. Ex: a) o usuário deseja informação sobre Direito do Trabalho e recebe "Direito ao Trabalho"; b) o usuário deseja informação sobre "Enquadramento sindical" e recebe "Sindicato". **SILÊNCIO:** "conjunto de documentos pertinentes que existem na memória documental e que, portanto, deveriam responder a uma pergunta, mas não foram selecionados no momento da interrogação devido a características não concordantes entre a formulação [da] pergunta e a análise do documento" (Guimarães, 1990, p. 119-120)

Há outros conceitos importantes a serem tratados quando falamos sobre indexação. Lancaster (1991), explora os conceitos de relevância e pertinência na recuperação da informação. Sendo relevância a adequação dos resultados de busca às necessidades do usuário, não sendo, pois, uma característica absoluta dos

documentos, mas uma relação dinâmica com as expectativas do usuário. Já pertinência seria a correspondência precisa entre o que é solicitado e o que é apresentado nos resultados da pesquisa, envolvendo a utilidade direta dos documentos recuperados para a necessidade do usuário.

Ambos os conceitos são cruciais na eficácia da recuperação da informação, com a pertinência representando a utilidade direta dos documentos em relação ao que foi requisitado e a relevância considerando a adequação geral dos resultados às necessidades do usuário.

A fim de serem atingidos resultados de buscas que sejam relevantes e pertinentes para o usuário, é fundamental critério na hora de escolher as palavras-chave que comporão a indexação de determinado material. Fujita (2012) explica que é possível escolher termos mais genéricos ou termos mais específicos para representar um documento, esse conceito é conhecido como especificidade. Quanto maior a especificidade de uma pesquisa, maior será a precisão do resultado.

Lancaster (1991), por sua vez, discute a necessidade de utilizar-se a maior quantidade de termos possíveis para a representação de um documento, sendo esse conceito conhecido como exaustividade. Quanto maior a quantidade de termos usados para a representação, mais abrangente será a busca. Sobre a exaustividade, Gil Leiva (2012) comenta que:

A indexação exaustiva procura extrair do documento o maior número de conceitos de forma a cobrir o seu conteúdo da maneira mais completa possível. É certo que esta maneira de indexar oferece a oportunidade de acesso a um grande número de conceitos, mas, ao mesmo tempo, ela pode ser responsável pelo ruído durante a recuperação da informação. (Pinto, 2001, p. 227-228)

Enquanto a exaustividade refere-se à abrangência ou totalidade da cobertura de informações em um sistema de busca, a especificidade está relacionada à precisão ou detalhamento das informações recuperadas. Sobre isso, Pinto explica que:

A indexação específica, como o nome o diz, leva em consideração os conceitos específicos em função dos temas tratados no documento. Esta maneira de indexar diz respeito à profundidade com a qual o conteúdo de um documento é tratado. Se de uma parte ela favorece a precisão, de outra, contribui para aumentar o silêncio na recuperação da informação, pois é levado em consideração apenas o conteúdo principal do documento, deixando de fora outros assuntos tratados, mesmo que de maneira não

elementar, e que poderiam responder às necessidades de quem está buscando informações. (Pinto, 2001, p. 228)

Encontrar um equilíbrio entre exaustividade e especificidade é essencial para uma recuperação de informação eficaz, sendo, pois, importante considerar o contexto da pesquisa, as necessidades do usuário e a natureza do material a ser recuperado ao decidir o nível ideal de exaustividade e especificidade em um sistema de recuperação da informação. Um sistema bem-sucedido é aquele que consegue oferecer resultados que são suficientemente abrangentes para cobrir o tópico, ao mesmo tempo em que são suficientemente específicos para atender às necessidades particulares do usuário. Reproduzido abaixo quadro retirado do livro Política de Indexação onde Fujita (2012) discute a importância de tentar alcançar um equilíbrio entre especificidade e exaustividade (figura 9):

Figura 9 – Equilíbrio entre especificidade e exaustividade

Essa reciprocidade entre especificidade e exaustividade (opção 1) precisa existir durante a representação do conteúdo documentário para extrair termos de indexação, pois de outro modo, julgados isoladamente (opções 2 e 3), os efeitos obtidos na recuperação serão:

- opção de julgamento 1 com termos específicos e genéricos (ESPECIFICIDADE E EXAUSTIVIDADE) = recuperação com alta precisão e também alta revocação
- opção de julgamento 2 somente para termos específicos (ESPECIFICIDADE) = recuperação com alta precisão e baixa revocação;
- opção de julgamento 3 somente para termos genéricos (EXAUSTIVIDADE) = recuperação com baixa precisão e alta revocação;

Fonte: Política de Indexação (Fujita, 2012)

Além dessas variáveis, há na literatura outras que devam ser introjetadas pelo profissional da informação quando de sua atuação como bibliotecário indexador: revocação, precisão (Fujita, 2012), correção por omissão, correção por inclusão (Gil Leiva, 2008, Lancaster, 1991) entre outras. De modo breve a fim de que possamos avançar na discussão:

- **Revocação:** A revocação diz respeito à capacidade de um sistema de recuperação de informação em recuperar todos os documentos relevantes para uma determinada consulta.

- **Precisão:** A precisão na indexação refere-se à medida em que os documentos recuperados correspondem realmente ao tema ou à necessidade de informação do usuário.
- **Correção por omissão:** correção por omissão refere-se à correção de uma falha onde um termo ou informação relevante foi deixado de fora ou omitido durante o processo de indexação.
- **Correção por inclusão:** a correção por inclusão trata da correção de uma falha onde um termo desnecessário, inadequado ou não pertinente foi adicionado indevidamente durante a indexação, o que pode levar a uma representação imprecisa do documento.

Importante explicar que o estabelecimento dos níveis desejados de cada uma dessas variáveis devem estar definidas no que se estabelece como Política de Indexação, que segundo Carneiro:

“deve servir como um guia para tomada de decisões, deve levar em conta os seguintes fatores: características e objetivos da organização, determinantes do tipo de serviço a ser oferecido; identificação dos usuários, para atendimento de suas necessidades de informação e recursos humanos, materiais e financeiros, que delimitam o funcionamento de um sistema de recuperação de informações.” (1985, p. 221)

Ou seja, a política de indexação deve ser definida como um conjunto de diretrizes, estratégias e critérios estabelecidos para a organização e recuperação de informações em um sistema específico. Ela considera diversos elementos essenciais para o efetivo funcionamento do sistema de recuperação de informações.

Esses elementos incluem:

- **Cobertura de assuntos:** abrange os temas que o sistema engloba, tanto os centrais quanto os periféricos.
- **Seleção e aquisição de documentos-fonte:** define a extensão da cobertura do sistema em áreas de interesse, bem como a qualidade dos documentos incluídos.
- **Processo de indexação:** envolve a exaustividade (medida da inclusão de todos os assuntos discutidos em um documento) e a especificidade (capacidade de ser preciso na descrição do assunto).

- **Escolha da linguagem:** define o tipo de linguagem de indexação a ser utilizada, influenciando a precisão na descrição dos interesses do usuário e dos documentos.
- **Capacidade de revocação e precisão do sistema:** relacionada à exaustividade e à precisão na indexação, afetando a quantidade e a qualidade dos documentos recuperados.
- **Estratégia de busca:** decisões sobre a busca delegada ou não, influenciando como a pesquisa será conduzida.
- **Tempo de resposta do sistema:** Define o tempo que o sistema leva para fornecer resultados de busca.
- **Forma de saída:** refere-se ao formato em que os resultados da busca são apresentados, influenciando a compreensão e aceitação do usuário em relação à precisão dos resultados.
- **Avaliação do sistema:** avalia o quão bem o sistema atende às necessidades dos usuários.

Em suma, o bibliotecário, ao indexar, traduz o conteúdo do documento em termos documentários, buscando expressar de maneira precisa a informação que o documento oferece. Nesse sentido, a indexação é um ponto crucial na análise documentária, exigindo equilíbrio entre especificidade e exaustividade para proporcionar resultados de busca relevantes e pertinentes aos usuários. É um processo que demanda não apenas conhecimento teórico, mas também habilidade prática, constituindo-se como uma etapa fundamental para a eficácia dos sistemas de recuperação de informação. Assim, compreender a indexação não só como uma atividade de tradução, mas como uma ação estratégica que influencia diretamente na qualidade e na precisão da recuperação de informações é essencial para o sucesso dos serviços bibliotecários.

Fica claro também que o estabelecimento de padrões desejáveis para a indexação em cada biblioteca (e outros dispositivos informacionais afins), depende da adoção local de uma Política de Indexação, na qual devem ser definidos as variáveis adotadas, bem como seus níveis. Somente uma política de indexação bem estruturada pode garantir que haja um consenso laboral, fazendo com que cada registro gerado por determinado grupo de bibliotecários indexadores obtenham, dentro de uma margem de erro aceitável, respostas similares no que tange à

precisão e à revocação. Nesse mesmo sentido, afirma-se que uma política de indexação bem elaborada e aplicada garantirá, também, uma experiência de usuário satisfatória, sob o ponto de vista informacional.

Para Kobashi, “a preocupação teórica com a organização e a representação de informações, com fins documentários; é fato relativamente recente se levarmos em conta as práticas relacionadas a esses processos” (1996, p. 5), visto que, segundo ela, as práticas de representação temática da informação podem ser rastreadas desde a atuação dos escribas sumérios no segundo milênio a.C., os quais identificavam os envelopes que envolviam as tabuletas de argila com informações relevantes que pudessem auxiliar o usuário a saber de antemão sobre quais temas aquele conjunto de tabuletas tratava.

Witty (1973), nesse mesmo sentido, comenta que:

“A indexação encontra suas origens primitivas na disposição de cabeçalhos de capítulos ou resumos no início de obras históricas ou de outro tipo de não ficção. A Bíblia - na ausência de concordâncias e índices - foi nos primeiros séculos desta era equipada com tais resumos (tituli, capitula, capita, keph-alaia)” (1973, p. 193, tradução nossa<sup>46</sup>).

Silva e Fujita (2004) trazem também exemplos valiosos de representação da informação em tempos pretéritos ao citar o trabalho desenvolvido por Calímaco ao elaborar um catálogo alfabeticamente arranjado — por nome dos autores e assuntos gerais —, para a Biblioteca de Alexandria, bem como o desenvolvimento do índice alfabético de assuntos para a obra *Apothegmata*, escrita no século V (essa última, de autoria anônima).

Logo percebe-se que, havia por parte desses profissionais da informação, o reconhecimento da necessidade de poupar o tempo do leitor — como defenderia Ranganathan em 1931 em sua 4ª lei (2006) —, mesmo em tempos tão recuados; porém percebe-se que essas iniciativas, até momento histórico relativamente recente, eram isoladas (não havia padronização) e baseadas na tentativa e erro (empirismo).

---

<sup>46</sup> Indexing itself finds its primitive origins in the arrangement of chapter heads or summaries at the beginning of historical or other non-fiction works. The Bible — in the absence of concordances and indexes — was in the early centuries of this era outfitted with such summaries (tituli, capitula, capita, keph-alaia).

Nesse sentido Cunha, Kobashi e Obata comentam que “a análise documentária foi, durante muito tempo, feita em bases empíricas e sem uma sistematização mais rigorosa de seus procedimentos” (1987, p. 114). Complementam ainda, afirmando que essa sistematização é algo recente e produto da automação.

A automação, à qual as autoras se referem, surge como onda concêntrica da Explosão Informacional, fenômeno em que a quantidade de informações disponíveis cresce exponencialmente, tornando-se difícil seu armazenamento, processamento, análise, e recuperação, devido ao grande volume e diversidade (Mendes, 2014).

Esse processo iniciou-se no período pós II Guerra Mundial, momento no qual houve uma grande mudança paradigmática de nossa sociedade, transformando-a de Sociedade Industrial em Sociedade Pós-industrial, sobre isso, Werthein comenta que:

“Esta sociedade pós-industrial ou “informacional”, como prefere Castells, está ligada à expansão e reestruturação do capitalismo [...] As novas tecnologias e a ênfase na flexibilidade – idéia central das transformações organizacionais – têm permitido realizar com rapidez e eficiência os processos de desregulamentação, privatização e ruptura do modelo de contrato social entre capital e trabalho característicos do capitalismo industrial.” (2000, p. 71)

Dentre os diversos fatores responsáveis pela Explosão Informacional, um deles foi a invenção do transistor e a miniaturização dos componentes eletrônicos, permitindo que os computadores e válvulas — que ocupavam prédios inteiros e consumiam grande quantidade de energia elétrica —, pudessem ser substituídos por seus sucessores transistorizados, menores e economicamente viáveis para o uso comercial e doméstico (Wazlawick, 2016).

A miniaturização dos componentes eletrônicos levou ao incremento exponencial de poder computacional, bem como ao aumento da capacidade de armazenamento de dados, ambos expressos pela denominada Lei de Moore. Essa lei — baseada inicialmente em um artigo de Gordon Moore<sup>47</sup> de 1965, e em outros artigos do mesmo autor em anos subsequentes —, vaticinava que os números de transistores existentes em um chip de silício dobrariam a cada dois anos, bem como

---

<sup>47</sup> Empresário e engenheiro americano, Ph.d. em física e química e sócio fundador da Intel (1929-2023).



o desempenho computacional dobraria a cada 18 meses, mantendo-se os custos. Defendia que:

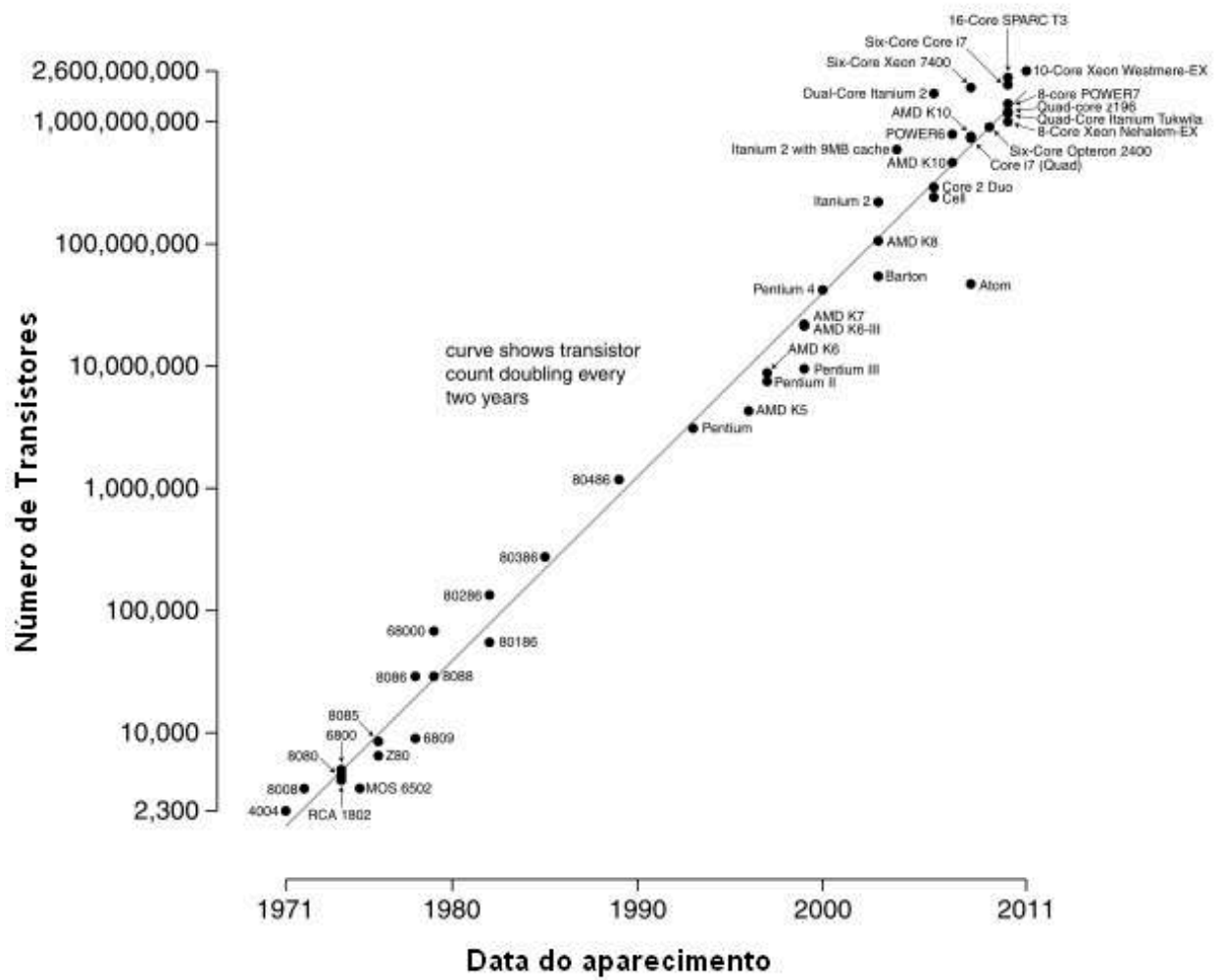
“A complexidade para custos mínimos de componentes tem aumentado a uma taxa de aproximadamente a um fator de dois por ano [...] Certamente, a curto prazo, essa taxa pode ser esperada para continuar, se não aumentar. A longo prazo, a taxa de aumento é um pouco mais incerta, embora não haja razão para acreditar que não permanecerá quase constante por pelo menos 10 anos. Isso significa que, até 1975, o número de componentes por circuito integrado para custo mínimo será de 65.000. Acredito que um circuito tão grande possa ser construído em uma única pastilha de silício. (Moore, 1965, p. 34, tradução nossa<sup>48</sup>)

Os gráficos abaixo demonstram o avanço quanto à miniaturização dos transistores (figura 10) e quanto à eficiência computacional (figura 11) — expressa pela capacidade computacional por KWh —, nas últimas décadas, confirmando as previsões de Moore.

---

<sup>48</sup> The complexity for minimum component costs has increased at a rate of roughly a factor of two per year [...] Certainly over the short term this rate can be expected to continue, if not to increase. Over the longer term, the rate of increase is a bit more uncertain, although there is no reason to believe it will not remain nearly constant for at least 10 years. That means by 1975, the number of components per integrated circuit for minimum cost will be 65,000. I believe that such a large circuit can be built on a single wafer.

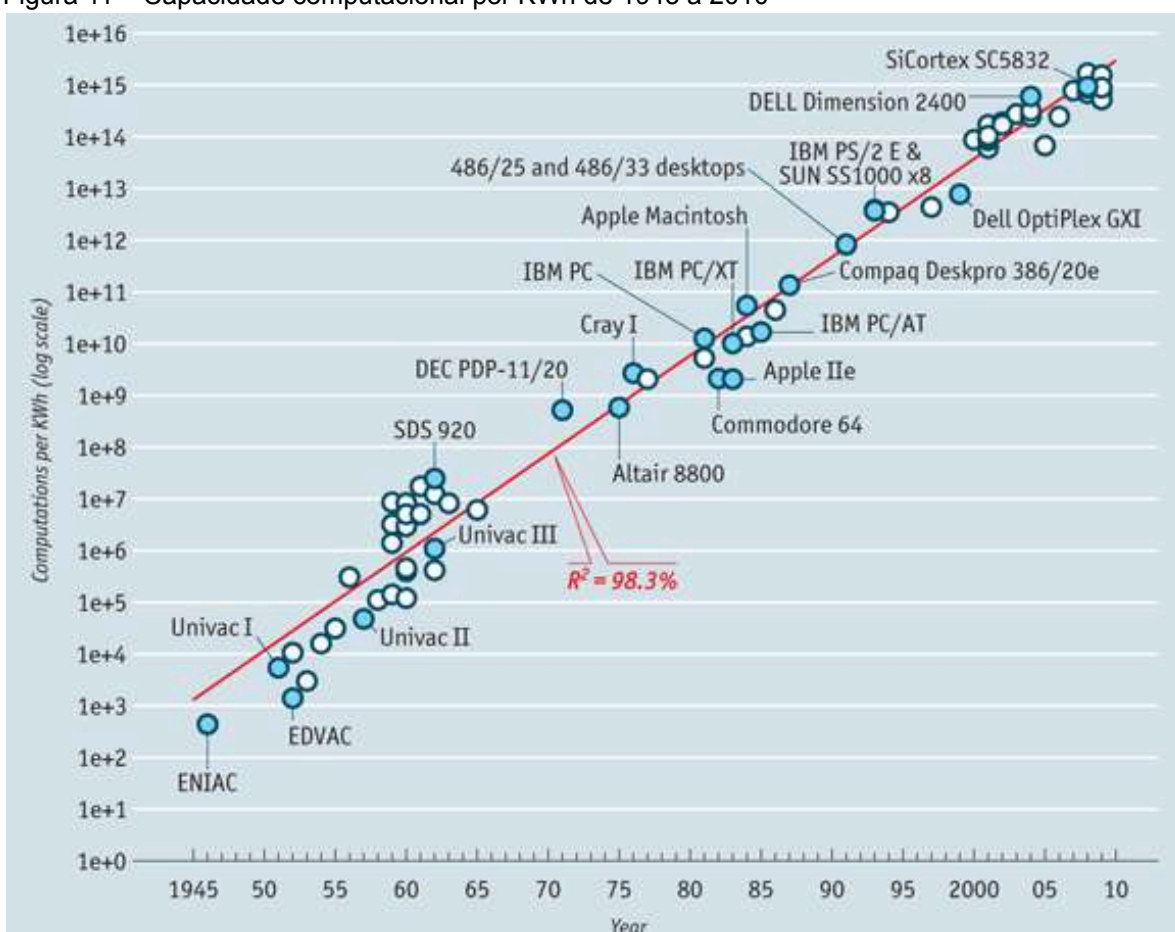
Figura 10 – Transistores em um microprocessador de 1971-2011



Fonte: Instituto NCB<sup>49</sup>

<sup>49</sup> <https://www.newtoncbraga.com.br/projetos/8084-a-lei-de-moore-art1177.html>

Figura 11 – Capacidade computacional por KWh de 1945 a 2010



Fonte: Instituto NCB<sup>50</sup>

Para além do aumento do poder computacional e da diminuição do consumo elétrico, o surgimento das redes de comunicação, da Internet, do telefone celular, das redes sociais, dentre outras tecnologias, provocou uma mudança significativa no fluxo informacional.

Sobre essa mudança no fluxo informacional, Sweeney, analisando dados coletados entre 1983 e 1996, percebe um aumento muito significativo na geração de dados entre essas datas — dados de certidões de nascimento, convênios médicos, transações de supermercado entre outros. Quanto a esse comportamento, característico da explosão informacional, observa que:

“A sociedade está vivenciando um crescimento sem precedentes no número e na variedade de coleções de dados à medida que a tecnologia computacional, a conectividade de rede e o espaço de armazenamento em disco se tornam cada vez mais acessíveis. Detentores de dados que operam de forma autônoma e com conhecimento limitado enfrentam a dificuldade de liberar informações que não comprometam a privacidade, a confidencialidade ou os interesses nacionais.” (Sweeney, 2001, p. 1)

<sup>50</sup> <https://www.newtoncbraga.com.br/projetos/8084-a-lei-de-moore-art1177.html>

Esse aumento de volume informacional foi percebido em quase todas as áreas. No âmbito da produção acadêmica, Schulz traçou um paralelo entre a Lei de Moore e o avanço das produções científicas (figura 12), propondo ainda que essas últimas devessem ser regidas pela Lei de Neylon (figura 13), a qual propõe a existência de “limites intrínsecos” que fazem com que, de tempos em tempos, seja alcançado um platô nas produções científicas, limitando-as por determinado tempo até que alguma “inovação endógena” faça com que o crescimento das publicações volte a acelerar-se:

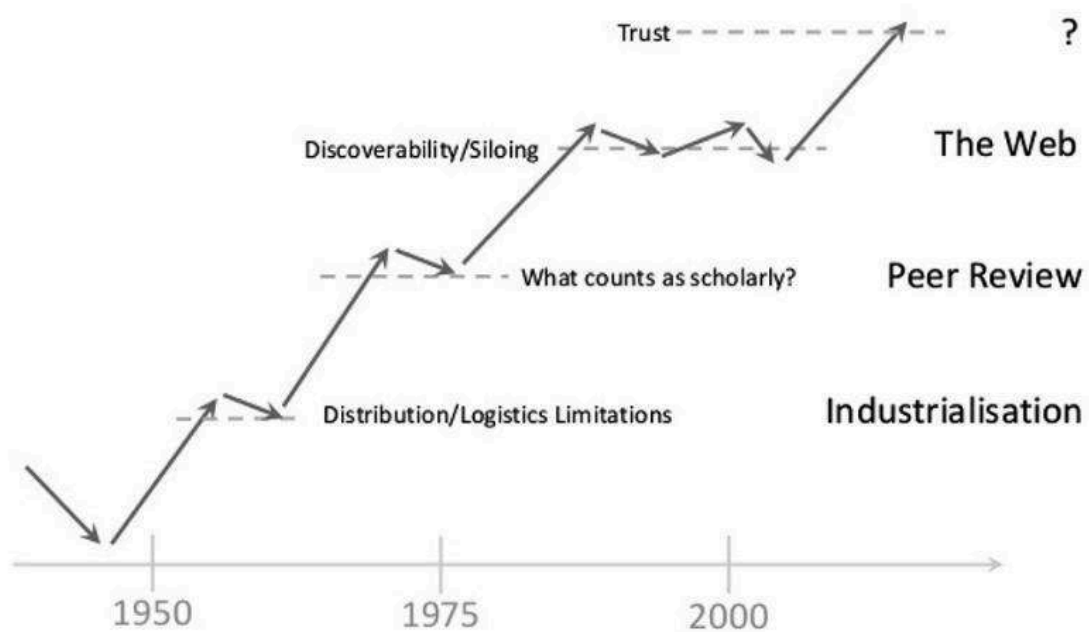
O interessante na Lei de Moore é a sucessão de “fatores facilitadores” que a mantém ao longo das décadas, os passos e saltos tecnológicos já aventados acima. Quais seriam os facilitadores para a publicação científica? E ao identificá-los poderíamos sugerir que no caso dos artigos a lei chamasse “lei de Neylon”. Cameron Neylon é um biofísico australiano que virou professor de comunicação de pesquisa e defensor do acesso aberto. Em uma palestra no 6º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria ele apresentou o gráfico esquemático que reproduzo abaixo [111]. As linhas ilustram a produção científica publicada ao longo do tempo. Os degraus são atingidos quando se alcançam o que ele nomeia de limites intrínsecos para a expansão, que são superados pela adoção do que ele chama de inovação endógena (ou seja, dentro do próprio sistema de produção científica) e a coisa volta a crescer. Sou tentado a enxergar uma correspondência entre os degraus dessas inovações endógenas e os pequenos “acidentes” na primeira figura que eu gerei. Como isso é uma coluna e não um artigo científico, posso me contentar apenas com essa sugestão de correspondência, sem verificá-la à exaustão. Essas “inovações endógenas” seriam os “fatores facilitadores” para a manutenção da “lei de Neylon”. (2018)

Figura 12 – Evolução da produção científica com autores britânicos de 1900 a 2020



Fonte: Jornal da Unicamp<sup>51</sup>

Figura 13 – Lei de Neylon



Fonte: Jornal da Unicamp<sup>52</sup>

<sup>51</sup>

<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/peter-schulz/lei-de-moore-da-publicacao-cientific-a#2>

<sup>52</sup>

<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/peter-schulz/lei-de-moore-da-publicacao-cientific-a#2>

Fujita, analisando o cenário de explosão informacional, discute sobre a problemática de como tratar essa informação a fim de que ela seja recuperável:

“Além da geração de grande número de documentos convencionais (periódicos, publicações seriadas e livros) e não-convencionais (teses, relatórios, patentes, preprints, prepapers), é necessário considerar as diferentes formas de multiplicação desses documentos. A problemática da explosão da informação, contudo, não envolve apenas seu aspecto físico, se considerarmos que o desenvolvimento da ciência, de um modo geral, é acompanhado do crescimento complexo de assuntos multifacetados, combinado com a criação de novos conceitos e eliminação de outros. Em consequência, o comportamento sempre mutável do aspecto temático da geração da informação exige, dos sistemas envolvidos com sua organização bibliográfica, flexibilidade suficiente para comportar uma contínua e, de certa forma, acelerada adaptação de seus canais de recuperação.” (1988, p. 21).

E a própria autora, em momento, posterior comenta sobre como o aumento das publicações intensificou a prática e os estudos relacionados à indexação:

A indexação como processo de análise documentária é realizada mais intensamente desde o aumento de publicações periódicas e da literatura técnico científica de modo geral, que impulsionaram a necessidade de criação de mecanismos de controle bibliográfico em centros de documentação especializados. (Fujita, 2003)

Em seguida traça-se alguns dos esforços e seus respectivos arcabouços teóricos à criação da Teoria da Análise Documentária, a qual sistematizou os processos de representação da informação, dentro dos quais a indexação se insere, a fim de poderem fazer frente às demandas informacionais emergidas após essa mudança paradigmática da sociedade contemporânea.

No panorama do conhecimento humano é recorrente observar descobertas e teorias surgirem de modo independente, em localidades geográficas distantes entre si — sem que haja uma conexão intelectual direta entre elas. A história da ciência é pontuada por momentos nos quais a mesma descoberta foi alcançada, simultaneamente ou em intervalos próximos, por autores diferentes — o que, muitas das vezes, gera disputas sobre quem deve ser reconhecido como o verdadeiro pioneiro e alimenta debates históricos.

Para um brasileiro, talvez a contenda mais conhecida e recorrente seja pela “paternidade” do avião, protagonizada entre o brasileiro Santos Dumont e os americanos, irmãos Wright. A autoria do cálculo diferencial entre o alemão Gottfried Wilhelm Leibniz e o inglês Isaac Newton não foi menos controversa. A história está repleta de outros episódios, como a batalha pela invenção do rádio entre Marconi e

Tesla, e a teoria da evolução por seleção natural, que foi simultaneamente desenvolvida por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace. Outros inventos como o microscópio e a tabela periódica evidenciam que esse fenômeno é mais corriqueiro do que o senso comum acredita.

Uma das hipóteses possíveis para o acontecimento desse fenômeno seria a existência de condições prévias comuns, sejam elas mudanças sociais, avanços tecnológicos ou mesmo circunstâncias culturais que criem um ambiente propício para certas descobertas. Além disso, a disseminação de um conhecimento de base comum, seja por meio de trocas comerciais, viagens de estudiosos ou acesso a livros e artigos científicos, poderia influenciar diretamente as pesquisas em diferentes regiões, visto avançarem todos sobre ombros dos mesmos gigantes<sup>53</sup>.

Outra explicação plausível residiria nas pressões externas e necessidades compartilhadas. Problemas similares, enfrentados por diferentes sociedades poderiam conduzir à busca de soluções análogas ou à necessidade de inovações específicas para enfrentar desafios comuns.

Partindo dos pressupostos das necessidades compartilhadas e dos desafios comuns, encontramos duas linhas correntes, as quais buscavam a sistematização do processo de representação da informação no pós-guerra: a inglesa e a francesa. Sobre os principais autores de cada corrente e sobre a diferença primordial entre ambas, Silva e Fujita explicam:

“A corrente francesa adota a expressão Análise Documentária, introduzida por Gardin (1981) e este, tem seus seguidores como: Chaumier, Kobashi, Smit, Tálamo, Ginez de Lara, Cintra, Cunha, Guimarães, Fujita, Gil Leiva, Ruiz Perez, Pinto Molina, entre outros. Segundo essa concepção, a Análise Documentária é um macro universo no qual a indexação está inserida. A indexação é, então, o resultado da fase de representação, fase final da análise documentária, em que se utilizam as linguagens documentárias para a geração de produtos documentários. [...] A corrente inglesa, representada por autores como Foskett, Lancaster, Campos, Van Slype, Farrow, entre outros, faz o uso da expressão indexação, entendendo-a como um processo.” (2004, p. 137-138)

Considerando que este trabalho se desenvolve como parte dos requisitos para a obtenção do bacharelado em Biblioteconomia na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, a escrita seguirá, a partir deste ponto,

---

<sup>53</sup> Termo que se refere ao ato de descobrir algo novo baseado em conceitos e descobertas anteriores; do latim: “*nanos gigantum humeris incidentes*”. Pressuposto fundamental para o fazer científico, eternizado em carta enviada por Isaac Newton a Robert Hooke, seu rival, no ano de 1676.

predominantemente os preceitos da corrente francesa, apesar de recorrer-se a conceituações de diversas linhas a fim de contextualização.

A decisão de adotar essa abordagem decorre da presença de proeminentes figuras dessa corrente como docentes na Universidade de São Paulo<sup>54</sup>. Além disso, esses acadêmicos colaboraram entre si em um movimento que teve início na pós-graduação da ECA, contando posteriormente com a participação de pesquisadores da UNESP de Marília, resultando na formação do Grupo TEMMA<sup>55</sup> em 1986 (Smit, 2012).

Sobre o Grupo TEMMA e a adoção da linha francesa no ensino e pesquisa no campo da Representação da Informação na ECA/USP, Vogel destaca:

“Formado em 1986, o Grupo Temma é composto, em sua maioria, por pesquisadores e professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e integra, também, alguns pesquisadores da UNESP-Marília. Sua preocupação principal se dirige à construção de conhecimentos relacionados à organização da informação”. Inicialmente organizado em torno da noção de Análise Documentária, vai progressivamente alterando seu vocabulário para aproximá-lo das questões gerais de organização da informação. Gostaríamos ressaltar o papel da professora doutora Johanna W. Smit, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nos anos 70 ela estudou na França com Jean-Claude Gardin e trouxe ao Brasil muito de suas idéias, com o que formou o Grupo Temma, e logo em seguida coordenou a publicação do livro *Análise documentária: a análise da síntese*, considerado literatura de referência para a Documentação...” (2009, p. 84-85)

Em seu livro de estreia, portanto, o grupo TEMMA traz em seu último capítulo uma revisão de literatura (Cunha; Kobashi; Obata, 1987), na qual as autoras perfazem o caminho conceitual seguido pelo grupo até chegarem àquele momento. Defendem que a sistematização dos processos de representação da informação — a qual levou ao desenvolvimento da Teoria da Análise Documentária —, só foi possível graças à combinação de 3 grandes blocos conceituais: 1 – Linguística Geral, 2 – Lógica/Filosofia da Linguagem e 3 – Linguística/Documentação.

<sup>54</sup> A saber, Nair Yumiko Kobashi, Johanna W. Smit, Maria de Fátima G. M. Tálamo, Anna Maria Marques Cintra e Maria R. Ferin Cunha, segundo Currículo Lattes.

<sup>55</sup> “Os autores deste primeiro livro coletivo são Anna Maria Marques Cintra, Eunides A. do Vale, Isabel Maria R. Ferin Cunha, Johanna W. Smit, Maria de Fátima G. M. Tálamo, Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko Obata F. Amaro” (Smit, 2012, p. 222)



A fim de melhor organizar os conteúdos tratados por elas, apresenta-se em tabela abaixo, onde constam as referências das obras e um breve resumo de sua contribuição para o desenvolvimento da Linguística Documentária, sendo, atualmente, a disciplina que inclui os preceitos da Análise Documentária na grade curricular do curso de Biblioteconomia da ECA/USP.

Tabela 6 - Resumo das referências e conceitos usados para a elaboração da linguística documentária

Linguística Geral	
Saussure, 1973	O Curso de Linguística Geral foi uma obra póstuma de Ferdinand de Saussure, sendo um marco na história da linguística moderna. O livro introduz conceitos fundamentais, como a distinção entre língua e fala, destacando a língua como um sistema estruturado de regras e convenções e a fala como manifestações individuais dessa língua. Saussure também apresenta a teoria do signo linguístico, enfatizando a relação arbitrária entre o significado e o significante. Além disso, ele introduz a noção de sincronia (estudo da língua em um determinado momento) e diacronia (análise da evolução histórica da língua). Essa obra influenciou a linguística e áreas afins ao estabelecer conceitos que continuam relevantes na teoria linguística contemporânea, e para a Biblioteconomia ajudou a aprimorar a “precisão na análise, tradução e estruturação de informação” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 114-115), bem como contribuiu para o processo de escolha de palavras-chave com os conceitos das relacionais paradigmáticas e sintagmáticas.
Pottier, 1974	Essa obra categoriza os casos gramaticais <sup>56</sup> (nominativo <sup>57</sup> , acusativo <sup>58</sup> , dativo <sup>59</sup> , locativo <sup>60</sup> entre outros) em três zonas distintas: I – zona central, II – zona de participação secundária e III – zona de dependência, o que pode colaborar para a “estruturação do vocabulário de base de área específica, através da identificação de categorias formais” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p.115-116). Importante ressaltar que os casos gramaticais acontecem em línguas que possuem declinações <sup>61</sup> , o que não é o caso da língua portuguesa; mas, independentemente disso, essa obra tem o potencial de contribuir na tarefa de construção de campos semânticos e “estruturação de vocabulários” nas línguas em que for aplicável.

<sup>56</sup> O caso gramatical é uma característica morfológica de certas línguas, como o latim, grego antigo, alemão, entre outras, onde as palavras (substantivos, adjetivos, pronomes) adquirem diferentes formas para indicar sua função sintática na frase. Essas formas, chamadas casos, substituem a posição fixa das palavras na sentença, identificando se um termo é sujeito, objeto direto, objeto indireto, posse, entre outras funções, por meio de desinências flexionais. Em línguas como o português, a marcação de casos foi reduzida, e as funções sintáticas são mais determinadas pela ordem das palavras na frase e pelo uso de preposições.

<sup>57</sup> O caso nominativo é uma forma gramatical utilizada em idiomas que possuem declinação de substantivos, adjetivos e pronomes. É o caso principal ou base, muitas vezes associado ao sujeito da frase.

<sup>58</sup> O caso acusativo é usado para marcar o objeto direto de um verbo.

<sup>59</sup> O caso dativo é usado para indicar o destinatário de uma ação, o receptor de algo, ou para expressar o complemento indireto de um verbo

<sup>60</sup> O caso locativo é um caso gramatical que indica um local ou um lugar onde algo está localizado ou acontece

<sup>61</sup> É um conceito gramatical que se refere à variação sistemática das terminações ou terminações de palavras (substantivos, adjetivos, pronomes) em uma língua, de acordo com sua função gramatical na frase. Geralmente, essa variação está associada aos casos gramaticais.

Greimas, 1976	<p>Neste capítulo de seu livro <i>Semiótica do Discurso</i>, Greimas apresenta sua Teoria das Modalidades Discursivas, a qual é uma abordagem que considera a modalização como um procedimento discursivo que exprime a posição do enunciador em relação ao que é dito.</p> <p>A teoria estabelece critérios para identificar as modalidades de base (factitiva<sup>62</sup>, veridictória<sup>63</sup>, volitiva<sup>64</sup>, deôntica<sup>65</sup> entre outras), que são organizadas por procedimentos dedutivos independentemente dos lexemas modais das línguas naturais. Além disso, a teoria destaca a importância das modalidades na compreensão da discursivização e apresenta exemplos de como as modalidades podem ser manifestadas em diferentes tipos de textos.</p> <p>Para a Biblioteconomia, as autoras comentam que o uso dessa teoria auxilia, entre outras coisas, no “reconhecimento das ‘constantes’ que regem implicitamente o ‘bom-senso’ na identificação da ‘informação significativa’” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 119-120).</p>
Pottier, 1977	<p>Nesse artigo o autor designa um “conjunto de traços mínimos distintivos de significação” (Semema, 2009) dividindo-os em semas<sup>66</sup> específicos, genéricos e virtuais. Propõe também a hierarquização entre eles, desenvolvendo termos como semema<sup>67</sup>, classema<sup>68</sup>, arquissemema<sup>69</sup> e virtuema<sup>70</sup>.</p> <p>Essas noções, ao possibilitar o reconhecimento de traços semânticos entre termos, auxilia a Biblioteconomia nos processos de “construção do glossário da área específica” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 116-117) e na “passagem das palavras da linguagem natural para a linguagem documentária” (<i>ibidem</i>, 1987).</p>
<p>Para além dos trabalhos apresentados acima, as autoras elencam também Fillmore (1977) e Lyons (1977), os quais que, por possuírem características similares aos anteriores, decidiu-se por não os resumir. De qualquer modo, apresentam-se listados aqui a fim de auxiliar no rastreamento das linhas de raciocínio seguidos pelo grupo TEMMA.</p>	
<b>Lógica/Filosofia da Linguagem</b>	
Apel, 1980	<p>Nessa obra o autor discute a natureza da linguagem, passando por Wittgenstein, Peirce e Chomsky, e suas implicações para uma base racional na ciência moderna. É fundamentalmente um estudo de filosofia da linguagem, e esse interessa à Biblioteconomia, segundo as autoras, no sentido de permitir uma análise do “processo de aquisição do conhecimento” (Cunha; Kobashi; Obata,</p>

<sup>62</sup> Expressa a capacidade ou habilidade de alguém em realizar uma ação. Ex: Ele conseguiu consertar o carro.

<sup>63</sup> Expressa a verdade ou falsidade de uma afirmação. Ex: A Terra gira em torno do Sol.

<sup>64</sup> Expressa a vontade ou desejo de alguém em realizar uma ação. Ex: Eu quero viajar para a Europa.

<sup>65</sup> Expressa a obrigação ou permissão de alguém em realizar uma ação. Ex: Você deve estudar para a prova.

<sup>66</sup> É um termo utilizado na linguística estrutural e na análise do significado para se referir a uma unidade mínima de significado que compõem as palavras.

<sup>67</sup> O semema é a unidade mínima de significado lexical. Ele representa um elemento semântico fundamental que não pode ser mais decomposto. Por exemplo, em uma palavra como "cão", o semema básico seria o significado associado a esse conceito.

<sup>68</sup> O classema é um conjunto de sememas que têm uma afinidade semântica. Eles compartilham um aspecto específico de significado, mas podem ter variações. Por exemplo, palavras como "gato", "cão" e "pássaro" podem pertencer ao classema de "animais domésticos".

<sup>69</sup> O arquissemema é um conceito mais abstrato, uma ideia geral que engloba vários classemas. É uma categoria mais ampla que abrange diferentes aspectos de significado. Para o exemplo dado em nota anterior um arquissemema poderia ser "animais".

<sup>70</sup> Virtuema é uma unidade de significado ainda mais abstrata, uma categoria que engloba vários arquissememas. É um nível de abstração maior. Por exemplo, "seres vivos" poderia ser um virtuema que engloba categorias maiores como animais, plantas, fungos, entre outros.

	1987), e possibilitar a criação de relações “com o pensamento e a linguagem” ( <i>ibidem</i> , 1987, p. 121-122).
Pescador, 1980	Obra em dois volumes onde o autor discute aspectos da “linguagem humana” e dos “sistemas de comunicação animal” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 123-124), bem como são expostas as visões acerca da linguagem propostas por filósofos como Chomsky, Russell, Frege, Locke, Wittgenstein, Kripke e Grice. Contribui à Biblioteconomia ao agregar pontos de vista sobre a inter-relação entre linguagem, conhecimento e lógica, o que tem o potencial de contribuir para a “estruturação de instrumentos de trabalho e nas definições [...] a nível de vocabulários” ( <i>ibidem</i> , 1987)
Nesse bloco as autoras perpassam também por Bronckart (1985) e Pêcheux (1969), os quais desenvolvem ideias sobre a análise dos discursos, identificação de unidades textuais e análise de conteúdo, todos conceitos fundamentais para a criação do alicerce de uma Teoria de Análise Documentária.	
<b>Linguística/Documentação</b>	
Gardin, 1974	Livro considerado um <b>marco para a Análise Documentária</b> , onde o autor propõe a “formalização de seus procedimentos” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 127-128) e para isso, indica como subsídio teórico o uso da lógica, da filosofia da linguagem e da linguística, constituindo-se a análise documentária, desde a sua origem, a partir de bases interdisciplinares.
Smit, 1983	Estudo voltado à análise do discurso científico tomando por pressupostos teóricos “estudos semânticos e semiológicos” (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 128-129)
Cintra, 1983	Nesse artigo a autora, visando o reforço das bases teóricas da Teoria da Análise Documentária, “discute os conceitos de língua e fala, arbitrariedade e linearidade do signo linguístico” pensando na aplicação no documento (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 129-130)
Cattenat; Paul, 1984	Nesse livro os autores discutem as potencialidades do uso da IA para a análise documentária e para a indexação automática de textos (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 132-133)
Gardin, 1985	Partindo do ponto de vista da arqueologia, o autor propõe a criação de bases de dados pelo viés qualitativo em detrimento do quantitativo, usando para isso simulações em IA (Cunha; Kobashi; Obata, 1987, p. 131-132)

Fonte - Elaborada pelo autor

Neste levantamento teórico dos pilares que sustentam a Teoria da Análise Documentária, evidencia-se não apenas a pluralidade de influências e a patente interdisciplinaridade para a consolidação desse campo do conhecimento, mas também demonstra a convergência de ideias que, a despeito das diferentes abordagens e enfoques, contribuíram para a consolidação desse campo de estudo.

A interseção entre a Linguística Geral, a Lógica/Filosofia da Linguagem e a Linguística/Documentação revela o esforço intelectual realizado na busca por respostas, bem como demonstra a riqueza de perspectivas que se somam na compreensão e sistematização da representação da informação.

No âmbito desse capítulo, acredita-se que o objetivo específico de “descrever a origem da prática e da sistematização da indexação no âmbito da Biblioteconomia” haja sido alcançado, frisando que no momento histórico apresentado, a indexação — como processo de Análise Documentária —, era pensada com o objetivo de ser aplicada a documentos textuais.

Para o próximo capítulo pretende-se analisar se essas práticas poderiam ser aplicadas também a documentos orais, respondendo à pergunta inicial: para os documentos orais pode-se utilizar os mesmos princípios de indexação dos documentos textuais?

## 5 INDEXAÇÃO DE DOCUMENTOS ORAIS

Como proposto nos objetivos deste trabalho, têm-se por intenção neste capítulo analisar as práticas de indexação existentes, voltadas a documentos orais. De maneira a exemplificar e comparar essas práticas, selecionamos três instituições que possuem acervos sonoros e realizam a indexação de documentos orais, são elas: o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro (RJ); o Museu da Imagem e do Som (MIS) do estado de São Paulo (SP) e o Acervo Guilherme Santos Neves. Sobre os quais apresenta-se um breve histórico.

O CPDOC ( Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), foi estabelecido em 1973 como parte integrante da Escola de Ciências Sociais da FGV, desempenhou um papel pioneiro na organização e preservação de arquivos privados no país. Em um momento em que poucas instituições se dedicavam a essa iniciativa, o CPDOC desenvolveu técnicas próprias para a gestão desses registros, visando facilitar o acesso às informações contidas em seu acervo (Alberti, 2004).

Hoje, suas instalações abrigam diversos programas, incluindo o Programa de Arquivos Pessoais, o Programa de História Oral, o Núcleo de Audiovisual e Documentário, além do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB). Desde sua fundação, o Programa de Arquivos Pessoais do CPDOC tem sido responsável pela preservação de acervos de figuras proeminentes na história recente do país. O primeiro arquivo integrado foi o do ex-presidente Getulio Vargas. Com 238 arquivos atualmente, o CPDOC é um local crucial para a preservação dos arquivos pessoais da história contemporânea brasileira. O centro foi um dos precursores ao guardar e disponibilizar esses registros para consulta pública, além de dedicar-se à organização, preservação e disseminação de documentos textuais, visuais, sonoros e audiovisuais.

O CPDOC introduziu a metodologia da história oral no país por meio do Programa de História Oral (PHO). Criado em 1975, inicialmente focado em figuras políticas e posteriormente expandido para abranger diversos temas. Com aproximadamente 2.500 entrevistas, o PHO passou a gravar em formato audiovisual

a partir de 2006. O Núcleo de Audiovisual e Documentário, também criado em 2006, desempenha um papel crucial na divulgação do acervo por meio de produção e disponibilização online de entrevistas de história oral, além da produção de documentários. Essas iniciativas, juntamente com a informatização do acervo por meio da base de dados ACCESSUS nos anos 2000 e a inauguração da Casa Acervo em 2016, evidenciam o contínuo compromisso do CPDOC com a preservação da memória nacional e a ampliação do acesso público ao seu acervo documental.

O Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP) foi criado por decreto estadual em 1970 e sua concepção foi guiada pela "Carta de Princípios e Finalidades". Esse documento fundador delineava os propósitos, a composição dos acervos e estabelecia diretrizes para o futuro do MIS no Estado de São Paulo. Os Estatutos do MIS foram aprovados em 1969, tendo Arrobas Martins como figura influente no incentivo à criação do museu (Lira, 2015). O 1º Conselho de Orientação foi formado por representantes de instituições como a Cinemateca, Gabinete do Governador, Associação dos Repórteres Fotográficos, TV 2 Cultura e Ordem dos Músicos.

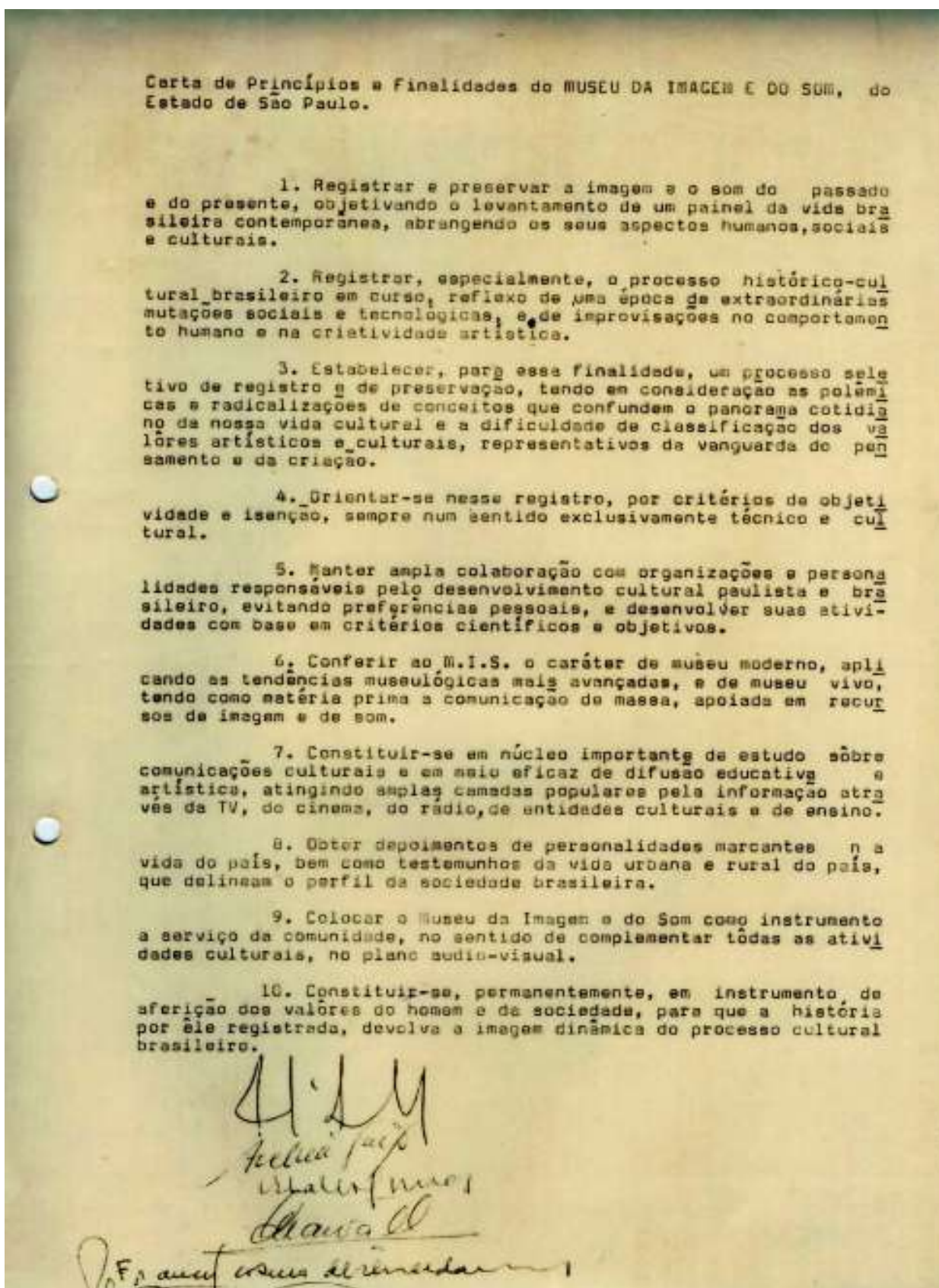
Oficialmente instituído pelo decreto-lei n.º 247 em 29 de maio de 1970, o MIS teve uma trajetória marcada por diferentes sedes. Inicialmente, ocupou locais como a Rua Antônio de Godoy, 88, e o Palácio dos Campos Elíseos em reforma, até se estabelecer na Avenida Europa, 158, como sua sede definitiva. As primeiras coleções do MIS foram concebidas com base no princípio da "Carta de Princípios e Finalidades", visando criar um "Museu Vivo" por meio da coleta de material de comunicação de massa da época no Brasil. Inicialmente, os acervos começaram a ser formados por alunos e professores da ECA, que, munidos de equipamentos de gravação e câmeras, registraram histórias orais, a cultura paulista e aspectos da sociedade daquele período. Um dos primeiros projetos documentou o Vale do Ribeira, gerando fotografias, fitas magnéticas e filmes que documentavam a economia, trabalho, meio ambiente e cultura local.

Em 1975, o MIS ocupou sua sede atual e, a partir desse momento, começou a receber doações que ampliaram significativamente seu acervo. A gestão de Boris Kossoy, no início dos anos 80, trouxe a profissionalização para a catalogação e

guarda do acervo (Hollanda; Alfonsi, 2018). Projetos como o laboratório de história oral foram criados, gerando entrevistas e registros sonoros, como no caso da "História do Futebol".

A "Carta de Princípios e Finalidades" (figura 14) contou com as assinaturas de intelectuais e produtores culturais como Rudá de Andrade, Francisco de Almeida Salles, Paulo Emilio Salles Gomes, Luís Ernesto Kawall e Roberto de Abreu Sodré. Rudá de Andrade, filho de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu), foi o primeiro diretor do MIS de 1970 até 1981, além de ser professor na primeira turma de Cinema da ECA/USP.

Figura 14 – Carta de Princípios do Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo





Além disso, o acervo do MIS conta com mais de 200 mil itens que abrangem fotografias, filmes, vídeos, cartazes, peças gráficas e uma variedade de materiais que refletem a riqueza e diversidade da cultura audiovisual. Esses itens representam um valioso registro da história, da arte e da comunicação de massa no Brasil, enriquecendo as possibilidades de pesquisa, estudo e apreciação do público interessado na memória audiovisual do país.

O Acervo Guilherme Santos Neves foi criado pelo Instituto Goia<sup>71</sup> com base no material deixado pelo por Guilherme Santos Neves<sup>72</sup>, possui uma vasta gama de documentos que retratam manifestações culturais populares em diversas localidades do estado do Espírito Santo. No todo o acervo contém 45 rolos de fitas magnéticas e 14 fitas K7 que foram coletadas, organizadas, higienizadas, digitalizadas e disponibilizadas no site<sup>73</sup> para consulta pública; bem como mantém o material original sob guarda e conservação. O projeto foi desenvolvido pelo Instituto Goia, com a produção da Pique-Bandeira Filmes, e contou com o apoio da Secretaria da Cultura (Secult) e Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, por meio do Edital Memória e Diversidade Cultural, da Lei Aldir Blanc.

O acervo inclui registro de uma ampla variedade de localidades do estado do Espírito Santo, referenciando explicitamente cidades e bairros como Vitória, São Mateus, Vila Velha, Serra (Manguinhos, Nova Almeida e Jacaraípe), Conceição da Barra, Aracruz, Serra, Muqui, Alegre, Cariacica, João Neiva (Acioli), Santa Leopoldina e Viana. Contempla, pois, uma diversidade de manifestações culturais, desde toadas de congo, cantigas de roda, romances versificados, folias de Reis, ternos de Reis, folias do Divino, Reis de Boi, Bailes de congo, pontos de jongo e de caxambu, contos populares, Marujada, cantos típicos italianos, até cantigas de diferentes estilos (toadas da cachaça, do Tango-lo-mango, cantigas de cego e de ninar), proporcionando um retrato abrangente e diversificado do folclore presente no Espírito Santo na segunda metade do século XX.

A fim de comparar registros dessas instituições, é essencial compreender os detalhes sobre as características do documento oral. Embora não haja na literatura essa classificação de modo explícito, foi observado que existem definições mais

<sup>71</sup> <https://www.facebook.com/p/Instituto-Goia-100065574696201/>

<sup>72</sup> Folclorista capixaba (1906-1989)

<sup>73</sup> <https://acervoguilhermesantosneves.com.br/>

abrangentes e outras mais restritivas em relação ao que constitui um documento oral. Ao analisar os manuais de história oral disponíveis, identificamos dois níveis de análise possíveis: documento oral em sentido material e documento oral em sentido formal:

O documento oral em sentido material refere-se a documentos contendo entrevistas geradas para atender a necessidades de pesquisa, com potencial para serem utilizados em estudos posteriores. Esses documentos possuem a capacidade de esclarecer questões específicas, fornecendo insights valiosos sobre determinado tema ou período. Como define Yow a “história oral é o registro de depoimentos pessoais entregues de forma oral” (2005, p. 3), definição que Voldman corrobora:

“um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido, logo de início, seu destino natural” (1998b, p. 36).

O documento oral em sentido formal é um documento que incorpora as características do documento oral em sentido material e foi transcrito para o formato textual. Esse processo de transcrição converte o conteúdo oral em um registro escrito, facilitando a análise, interpretação e preservação do material ao transformá-lo em um documento legível e de fácil acesso. Meihy ao definir história oral deixa claro ser um “processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas” (2015, p. 18).

Quanto a isso, pode-se perceber que o próprio CPDOC tomou por liberdade utilizar transcrição para algumas entrevistas e para outras não. Dentro dessas questões, há sempre que se levar em conta os custos financeiros e a mão-de-obra disponível, apesar de Alberti não deixar isso claro em sua fala:

“No Programa de História Oral do CPDOC, até aproximadamente 1990, todas as entrevistas liberadas para consulta eram transcritas e processadas. Atualmente, optamos por liberar algumas entrevistas na forma de escuta. Como as demais, elas recebem uma ficha técnica e os instrumentos de auxílio à consulta (sumário e índice temático). A única diferença é que o pesquisador interessado em consultá-las escuta a gravação diretamente na fita gravada, em vez de ler a versão escrita do depoimento. Pode ser conveniente elaborar uma ficha de orientação para a escuta, da qual constariam todas as informações necessárias à compreensão do depoimento, desde a lista de nomes próprios proferidos, passando pela explicação de trechos pouco claros, pela correção de dados inexatos e o

esclarecimento de palavras ou frases difíceis de entender, até a descrição de gestos, expressões faciais ou outras circunstâncias que acompanham e muitas vezes alteram o conteúdo do discurso. Assim, à medida que o pesquisador escutasse a gravação, poderia seguir a ficha de orientação de escuta, onde as observações se sucederiam na mesma ordem em que as passagens a elas correspondentes aparecessem na entrevista.” (1998, p. 173)

O porquê de levantar-se essa questão é exatamente a fim de se poder enquadrar as diversas entrevistas que hoje constam gravadas e disponíveis em acervos sonoros e que estão perdidas em um certo limbo informacional. Entrevistas que apesar de estarem armazenadas e disponíveis, não foram adequadamente tratadas; tesouro potencial para pesquisas futuras, mas um tesouro inacessível por não ser recuperável.

Talvez a conscientização dos profissionais da informação quanto à existência desse gênero dentro dos acervos sonoros, de sua importância como fonte de informação, da existência de vasto arcabouço teórico tratando sobre ele — se não na Biblioteconomia e nas ciências irmãs, na Historiografia — possa levá-los a perceber que há modelos a serem seguidos, padrões a serem adotados e, porque não, a possibilidade de serem estudados e modificados pelo ponto de vista privilegiado do profissional da informação.

Nota-se na fala de Alberti que, mesmo que não haja uma transcrição completa, há sempre um documento textual que é resultado de um PHO, no caso, uma ficha de orientação.

Isto posto, passamos agora à análise de um registro do CPDOC a fim de entender o que constitui para eles documento oral — na prática —, bem como verificar como os mesmos dispõem em seu site as informações do documento oral descrito, bem como analisar quais critérios adotar para sua indexação. Usa-se a partir daqui o símbolo “>” para indicar qual o próximo menu a ser acessado nos sites, a fim de tornar mais fluida a comunicação textual.

Ao acessar a página do CPDOC<sup>74</sup>, acessando o link “acervo” > “busca integrada”, apresenta-se a página de consulta ao acervo do CPDOC. Nela há as opções de “busca simples”, “busca avançada”, “login” e “cadastro” (figura 15).

---

<sup>74</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Apresenta também a possibilidade de escolher acessar, através de links, os arquivos pessoais de cada autoridade ali representada.

Figura 15 – Página inicial do acervo online do CPDOC

**Busca Simples**

[Ajuda](#)

Busca

Acervos

Tipo

Número de itens por página

**Consulta ao acervo do CPDOC**

Documentos de arquivos pessoais, entrevistas de história oral e verbetes do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro; aqui você tem a possibilidade de realizar uma busca integrada ao acervo do CPDOC. O acesso é livre e gratuito.

Para mais informações sobre cada um dos fundos consulte o [Guia dos Arquivos do CPDOC](#).

Acesse diretamente os documentos textuais já digitalizados e disponíveis online a partir dos links abaixo:

- [Arquivo Alexandre Marcondes Filho](#)
- [Arquivo Almerinda Farias Gama](#)
- [Arquivo Alzira Vargas do Amaral Peixoto](#)
- [Arquivo André Franco Montoro](#)
- [Arquivo Anísio Teixeira](#)
- [Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça](#)
- [Arquivo Antônio Azeredo da Silveira](#)
- [Arquivo Café Filho](#)
- [Arquivo Clemente Mariani](#)
- [Arquivo Delminda Aranha](#)
- [Arquivo Ernani do Amaral Peixoto](#)
- [Arquivo Ernesto Geisel](#)
- [Arquivo Eurico Dutra](#)
- [Arquivo Felinto Epitácio Maia](#)
- [Arquivo Fernando Setembrino de Carvalho](#)

Fonte: Site do CPDOC<sup>75</sup>

Importante frisar que um pequeno percentual dos arquivos está digitalizado e disponível para acesso online. Ao escolhermos a opção “busca avançada”, apresentam-se duas opções: “consulta à base de dados – Acessus” e “consulta à base de dados – História Oral”. Pode-se perceber que a base “Acessus” (figura 16) permite uma melhor filtragem, permitindo escolher o arquivo desejado, a tipologia documental (textual, audiovisual, livro/folheto entre outros), período de produção dos documentos, assunto, autoridades e série.

<sup>75</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Figura 16 – Base Acessus do CPDOC

Fonte: Site do CPDOC<sup>76</sup>

Já a base “História Oral”, permite executar apenas dois tipos de consultas: por entrevistado e por assunto (figura 17). Importante ressaltar que enquanto pela Base Acessus se pode acessar qualquer tipo de material constante nas bases do CPDOC, a Base de História Oral é voltada somente para entrevistas nos moldes dos PHOs.

<sup>76</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Figura 17 – Base História Oral do CPDOC

Consulta à base de dados - História Oral

[Sobre a consulta](#)

Escolha o tipo de consulta

☒ Consulta por Entrevistado ☐ Consulta por Assunto

[Saiba mais](#)

**Consulta por entrevistado**

Entrevistados:

Listar

Remover

Executar a consulta

[Termos de Uso](#)

CPDOC | FGV • Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil  
Praça de Botafogo, 190, Rio de Janeiro - RJ - 22254-900 • Tel: (21) 5799-5676 / 5755-3677  
Horário da sala de consulta: de segunda a sexta, de 9h às 16h30

© Copyright Fundação Getúlio Vargas 2009. Todos os direitos reservados

Fonte: Site do CPDOC<sup>77</sup>

Tendo escolhido o método de consulta, o usuário pode digitar o termo que deseja para executar a consulta ou pode clicar em “listar” a fim de escolher, em uma lista suspensa, os termos pelos quais executará a consulta (figura 18).

Figura 18 – Lista de termos para pesquisa na base de História Oral do CPDOC

Procurar por:  [Filtrar](#)

- Administração
- Administração de empresas
- Administração estadual
- Administração federal
- Administração municipal
- Administração pública
- Adolf Hitler
- Adolfo Penha
- Advocacia
- Adyr Fiúza de Castro
- Aécio Neves
- Aerofotogrametria

1 2 3 4 5 6 ...

Fonte: Site do CPDOC<sup>78</sup>

Escolheu-se para esse exemplo a entrevista do ex-futebolista e ídolo do Palmeiras, Ademir da Guia. Importante notar que o acesso ao registro completo só é

<sup>77</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

<sup>78</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

possível se o usuário estiver logado no sistema, logo é fundamental que se crie um usuário, confirme-o a partir de e-mail enviado pelo CPDOC e acessar em seguida o sistema com a senha cadastrada.

Após essas etapas, pesquisando por Ademir da Guia, o sistema apresentou a seguinte saída (figura 19).

Figura 19 – Resultado da busca na base de História Oral do CPDOC

Consulta à base de dados - História Oral

[Sobre a consulta](#)

Escolha o tipo de consulta

☒ Consulta por Entrevistado ☐ Consulta por Assunto

[Saiba mais](#)

**Foram encontrada(s) 1 ocorrência(s).**

1 - [Ademir da Guia](#)

Entrevista realizada no contexto do projeto "Futebol, Memória e Patrimônio: projeto de constituição ..."

[Parâmetros da Última Consulta Realizada](#) [Nova Consulta](#)

Fonte: Site do CPDOC<sup>79</sup>

Acessando o registro, há um campo introdutório relacionado à entrevista, o qual contém dados quanto à data da entrevista, contexto da entrevista e dados relativos ao fomento. Traz também informações quanto à disponibilidade da entrevista para download em texto, bem como via consulta audiovisual em sala própria no CPDOC. Em seguida, traz o nome de dois entrevistadores, a saber, Bernardo Buarque de Holland e Clarissa Batalha da Silva Alves; data da entrevista; duração da entrevista e dados biográficos do entrevistado (figura 20)

<sup>79</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Figura 20 – Registro Ademir da Guia 1/3

Entrevista	
Ademir da Guia	
<p>Entrevista realizada no contexto do projeto “Futebol, Memória e Patrimônio: projeto de constituição de um acervo de entrevistas em História Oral”, desenvolvido entre dezembro de 2010 e dezembro de 2012, em convênio com o Museu do Futebol e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O projeto tem como objetivos a constituição de um banco de depoimentos (registrados em áudio e vídeo), além da produção de um DVD a partir do material gravado com jogadores de futebol que participaram da seleção brasileira entre 1954 e 2010. Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista <a href="#">clique aqui</a>.</p>	
Forma de Consulta:	<p>Entrevista em texto disponível para download.</p> <p>Entrevista em vídeo disponível na Sala de Consulta do CPDOC e trechos no portal.</p>
Tipo de entrevista:	História de vida
Entrevistador(es):	<p>Bernardo Buarque de Hollanda</p> <p>Clarissa Batalha da Silva Alves</p>
Data:	07/12/2011
Local(is):	São Paulo ; SP ; Brasil
Duração:	2h3min
<input type="checkbox"/> Dados biográficos do(s) entrevistado(s)	<p>Nome completo: Ademir da Guia</p> <p>Nascimento: 03/04/1942; Rio de Janeiro; RJ; Brasil;</p> <p>Formação:</p> <p>Atividade: Atuou como jogador de futebol nos clubes: Bangu (1956-1961), Palmeiras (1961-1974). Atuou pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1974 e 1984.</p>

Fonte: Site do CPDOC<sup>80</sup>

Em seguida é apresentado a ficha relativa à equipe que trabalhou nessa entrevista, divididos em: levantamento de dados, pesquisa e elaboração do projeto, transcrição, conferência da transcrição, técnico de gravação e elaboração do sumário. Em seguida, apresentam-se os termos escolhidos pela equipe para a indexação desse documento oral (figura 21).

<sup>80</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>



Figura 21 – Registro Ademir da Guia 2/3

<p><b>Equipe</b></p> <p>Levantamento de dados: Fernando Henrique Neves Herculiani; Theo Di Pierro Ortega; Marcos Longo Conde; Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro; Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Daniela Alfonsi; Clarissa Batalha da Silva Alves; Bruno Romano Rodrigues;</p> <p>Pesquisa e elaboração do roteiro: Fernando Henrique Neves Herculiani; Theo Di Pierro Ortega; Marcos Longo Conde; Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro; Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Daniela Alfonsi; Clarissa Batalha da Silva Alves; Bruno Romano Rodrigues;</p> <p>Transcrição: Fernanda de Souza Antunes;</p> <p>Conferência da transcrição: Thomas Dreux Miranda Fernandes ;</p> <p>Técnico Gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;</p> <p>Sumário: Ninna Carneiro;</p>
<p><b>Temas</b></p> <p>Anos 1960;</p> <p>Anos 1970;</p> <p>Assuntos familiares;</p> <p>Copa do Mundo;</p> <p>Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã);</p> <p>Família;</p> <p>Formação profissional;</p> <p>Infância;</p> <p>Política;</p> <p>Santos Futebol Clube;</p> <p>Sociedade Esportiva Palmeiras ;</p>

Fonte: Site do CPDOC<sup>81</sup>

Por fim, apresenta-se um sumário da entrevista de história oral (figura 22). Importante frisar que pela leitura dos termos de indexação e pela leitura do sumário apresentado, crê-se que quase todas as necessidades de informação relacionadas à essa entrevista teriam sido sanadas de antemão, auxiliando de modo definitivo quanto à utilização ou não desse material por parte de pesquisador interessado.

<sup>81</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Figura 22 – Registro Ademir da Guia 3/3

**Sumário**  
Entrevista: 7 de dezembro 2011

A infância em Bangu; a relação com a mãe; a influência da fama do pai no início da carreira; lembranças de morar em São Paulo quando o pai foi jogar no Corinthians; a figura do pai, Domingos da Guia; o apoio do pai ao ingressar no futebol; convivência com o status de ídolo do pai; o estilo de jogar de Domingos da Guia; o início da carreira no Bangu Atlético Clube; a preferência por jogar no meio-campo; a conciliação do futebol com a escola; contato com Tomás Soares da Silva, o Zizinho; lembranças da Copa do Mundo de 1958; o peso da derrota da Copa de 50; o ataque da seleção brasileira em 58; excursão para o exterior com o Bangu; a viagem para Nova York; excursão pela Europa; jogos contra os quatro principais times do Rio de Janeiro; a saída do Bangu; a transferência para o Palmeiras; Guilherme da Silveira, o Silveirinha, patrono do Bangu; a afeição pelo Bangu; o início no Palmeiras; a vitória da seleção brasileira na Copa de 62; a adaptação ao ambiente da cidade de São Paulo; a equipe do Palmeiras na década de 60; a rotina no Palmeiras; a afirmação como titular no Palmeiras; a chegada do técnico Oswaldo Brandão no Palmeiras, no início da década de 70; o apelido de “divino mestre”, herdado do pai; lembranças de jogar no Estádio do Maracanã; o respeito pela forma de comandar de Oswaldo Brandão; o primeiro jogo no Maracanã, quando ainda atuava no Bangu; a “Academia” do Palmeiras no Maracanã; o carinho pelo Palmeiras; passagens pela seleção brasileira; a importância em jogar pela seleção; a Copa de 66; a resignação com as poucas convocações para a seleção; as mudanças no calendário dos torneios nacionais; a Copa do Mundo de 1974; a convocação para a Copa; a posição de reserva durante a Copa; a derrota na Copa; a cobrança pela vitória da seleção brasileira; o término da carreira de jogador; retorno ao Palmeiras após a Copa de 74; problema respiratório que o fez encerrar a carreira prematuramente; propostas de jogar em outros clubes no início da carreira; teste para o Botafogo; convite para jogar no Santos no final da década de 50; trajetória após a aposentadoria no futebol; a questão financeira após a aposentadoria; a família; a inserção na política; considerações finais; o livro e o filme baseados em sua trajetória; momento marcante na carreira; os desafios da seleção brasileira atualmente.

Fonte: Site do CPDOC<sup>82</sup>

Em seguida, ao acessar o link “clique aqui”, o qual consta na introdução do registro, é apresentado um texto biográfico do entrevistado (figura 23), um arquivo *embedded*<sup>83</sup> à página no qual consta a entrevista, decupagem da entrevista<sup>84</sup> bem como arquivo em pdf com a transcrição completa da entrevista (figura 24).

Figura 23 – Dados biográficos de Ademir da Guia

**Ademir da Guia**

Ademir da Guia nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 3 de abril de 1942. Filho do ex-zagueiro da seleção brasileira, Domingos da Guia, seguiu a carreira de futebolista do pai. Sua primeira equipe foi o Bangu Futebol Clube. Entre 1956 e 1960, pertenceu às categorias infanto-juvenis do clube. Na temporada 1960-1961, firmou-se no time profissional do alviburo da zona oeste carioca. Transferiu-se em seguida para o Palmeiras, onde atingiu o seu auge como atleta, compondo a legendaria “Academia”. Permaneceu no clube paulista até o encerramento da carreira.

No âmbito clubístico, disputou 901 partidas e marcou um total de 153 gols. Sagrou-se campeão brasileiro em 1972 e 1974. Obteve o título do torneio Internacional de Mar del Plata em 1972. Arrebatou diversos campeonatos estaduais paulistas: 1963, 1966, 1972, 1974 e 1976. Mais do que o número de conquistas, destaca-se o estilo de jogar de Ademir. A altivez e a classe são as marcas do meio-campista, capaz de conduzir como poucos a bola entre a intermediária e o ataque.

Foi convocado para compor o selecionado nacional na Copa do Mundo de 1974, ocasião em que o Brasil obteve a quarta colocação. Vestiu a camisa da seleção brasileira em 12 partidas. Em período recente, ingressou na política e foi eleito vereador da cidade de São Paulo em 2004, pelo Partido Comunista do Brasil. Atualmente, pertence ao Partido da República e candidatou-se novamente ao cargo de vereador em 2012.

Fonte: Site do CPDOC<sup>85</sup>

<sup>82</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

<sup>83</sup> Arquivo áudio ou vídeo embutido, os quais são executados na própria página, sem a necessidade de download.

<sup>84</sup> Divisão das “cenas” da entrevista por tópicos, com apresentação ao usuário a minutagem específica de cada uma dessas cenas.

<sup>85</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Figura 24 – Entrevista, decupagem e transcrição de Ademir da Guia

## Futebol, Memória e Patrimônio

### Minutagem

00:00:28 - A infância em Bangu; a relação com a mãe; influência da fama do pai no início da carreira; lembranças de morar em São Paulo quando o pai foi jogar no Corinthians.

00:08:51 - A figura do pai, Domingos da Guia; o apoio do pai ao ingressar no futebol; convivência com o status de ídolo do pai; o estilo de jogar de Domingos da Guia.

00:15:57 - O início da carreira no Bangu Atlético Clube; a preferência por jogar no meio-campo; a conciliação do futebol com a escola; contato com Tomás Soares da Silva, o Zizinho.

00:22:59 - Lembranças da Copa do Mundo de 1958; o peso da derrota da Copa de 58; o ataque da seleção brasileira em 58.

00:27:45 - Excursão para o exterior com o Bangu; a viagem para Nova York; excursão pela Europa; jogos contra os quatro principais times do Rio de Janeiro.

00:35:09 - Saída do Bangu; a transferência para o Palmeiras; Guilherme da Silveira, o Silveirinha, patrono do Bangu; a afeição pelo Bangu.

00:42:31 - O início no Palmeiras; a vitória da seleção brasileira na Copa de 62; a adaptação ao ambiente da cidade de São Paulo; a equipe do Palmeiras na década de 60; a rotina no Palmeiras.

00:54:00 - A afirmação como titular no Palmeiras; a chegada do técnico Oswaldo Brandão no Palmeiras, no início da década de 70; o apelido de “dívino mestre”, herdado do pai.

01:00:14 - Lembranças de jogar no Estádio do Maracanã; o respeito pela forma de comandar de Oswaldo Brandão; o primeiro jogo no Maracanã, quando ainda atuava no Bangu; a “Academia” do Palmeiras no Maracanã; o carinho pelo Palmeiras.



© Todos os direitos reservados à FGV.

TRANSCRIÇÃO  
Entrevista1950.pdf

Fonte: Site do CPDOC<sup>86</sup>

Antes de acessar a transcrição, a página traz o seguinte aviso:

“Transcrições de entrevistas estão sempre sujeitas a erros. Elas são aqui disponibilizadas apenas com o intuito de facilitar a pesquisa, não devendo substituir a consulta ao documento audiovisual. Caso você perceba algum erro, por favor avise-nos através do “Fale Conosco” ou da ferramenta “Colabore”, disponível no sistema de acervo do CPDOC (é preciso estar registrado para utilizar esta ferramenta)” (CPDOC, 2011)

Acessando a transcrição, toma-se contato com um documento de 48 páginas, não bloqueado (logo, permite que trechos sejam copiados), pesquisável e visivelmente bem elaborado (Guia, 2012). Apresenta-se abaixo trecho da folha de rosto dessa entrevista (figura 25).

<sup>86</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>

Figura 25 – Transcrição da entrevista de Ademir da Guia

## Transcrição



**Nome do entrevistado:** Ademir da Guia

**Local da entrevista:** Museu do Futebol- São Paulo, SP

**Data da entrevista:** 7 de dezembro 2011

**Nome do projeto:** Futebol, Memória e Patrimônio: Projeto de constituição de um acervo de entrevistas em História Oral.

**Entrevistadores:** Bernardo Buarque (CPDOC/FGV) e Clarissa Batalha (Museu do Futebol)

**Câmera:** Fernando Herculiani e Theo Ortega

**Transcrição:** Fernanda de Souza Antunes

**Data da transcrição:** 8 de março de 2012

**Conferência da transcrição :** Thomas Dreux

**Data da conferência:** 22 de agosto 2012

**\*\*** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Ademir da Guia em 7/12/2011. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Fonte: Site do CPDOC<sup>87</sup>

Fica evidente que a quantidade de recursos informacionais disponíveis neste registro suprirá a maior parte das necessidades que um usuário pesquisador possa ter; visto a meticulosidade e nível de detalhamento.

Quanto à indexação, visto que os documentos orais (em sentido formal) possuem sempre uma saída escrita (transcrição ou ficha de orientação), conclui-se que se pode utilizar para eles os mesmos princípios de indexação dos documentos textuais.

Logo, pode-se utilizar das noções de micro e macroestruturas propostas por Van Dijk para a indexação desse tipo de documento, como explica Gil Leiva:

“Van Dijk propôs as noções de micro e macroestrutura para distinguir os dois níveis textuais. O linguista observa que, se uma frase é “mais” do que uma série de palavras, podemos analisar os textos num nível que supera a

<sup>87</sup> <https://cpdoc.fgv.br/>



estrutura das seqüências das frases. Desse modo, existem conexões baseadas no texto como um todo ou, pelo menos, em unidades textuais maiores. E são essas estruturas de texto mais globais que são chamadas de macroestrutura. Assim, as macroestruturas representam a estrutura global de significado do texto. Dessa forma, enquanto as seqüências de frases devem satisfazer as condições de coerência linear (relação semântica entre as frases em cadeia), os textos não devem apenas atender a essas condições, mas à coerência global (a percepção do significado e sentido pelo receptor)” (2012, p. 34)

O mesmo autor propõe uma seqüência de descritores baseados no paradigma de Lasswell<sup>88</sup> (figura 26), o qual propôs na década de 1940 um modelo teórico que tinha intenção de compreender os processos comunicacionais respondendo a cinco questões fundamentais: quem diz o quê, através de qual canal, para quem e com que efeito. É considerado uma estrutura básica para análise da comunicação em diversos campos acadêmicos e sociais, fornecendo uma estrutura simples para entender como as mensagens são transmitidas e recebidas. Quando aplicado à indexação, esse paradigma pode auxiliar bibliotecários indexadores a melhor descrever o documento em que estiver trabalhando.

Figura 26 – Escolha dos termos baseado no paradigma de Lasswell

O que	→ Assunto, ação, objeto	→ descritor temático → embasamento de assunto → subcabeçalho de assunto
Como	→ instrumento, técnica, método	→ descritor temático → embasamento de assunto → subcabeçalho de assunto
Quem	→ nome próprio da pessoa → nome próprio do objeto	→ Descritor onomástico → embasamento de assunto → identificador → embasamento de assunto
Quando	→ tempo	→ Descritor cronológico → subcabeçalho de tempo
Onde	→ lugar	→ Descritor topográfico → subcabeçalho de lugar

Fonte: Gil Leiva (2012)

Lancaster (1991), indica que um documento deva ter entre 8 e 15 termos a fim de que esteja devidamente descrito. Fujita (2012) recomenda que haja um equilíbrio entre termos específicos (especificidade) e termos genéricos (exaustividade) a fim

<sup>88</sup> Harold Dwight Lasswell foi um sociólogo, cientista político e teórico da comunicação estadunidense (1902-1978).

de que seja alcançada a “recuperação com alta precisão e também alta revocação” (ibidem, p. 27). Partindo desses pressupostos, analisa-se a indexação desse documento oral supra apresentado.

Termos escolhidos: Anos 1960; Anos 1970; Assuntos familiares; Copa do Mundo; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Família; Formação profissional; Infância; Política; Santos Futebol Clube; Sociedade Esportiva Palmeiras.

Quantidade: 11 termos, sendo 7 genéricos e 4 específicos.

Quanto às categorias propostas por Gil Leiva, estão divididas conforme tabela abaixo (tabela 7):

Tabela 7 – Classificação dos termos da entrevista de Ademir da Guia (CPDOC)

<b>Categorias</b>	<b>Termos</b>
Genéricos	Anos 1960; Anos 1970; Assuntos familiares; Família; Formação profissional; Infância; Política
Específicos	Copa do Mundo; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Santos Futebol Clube; Sociedade Esportiva Palmeiras
Topográficos	Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã)
Cronológicos	Anos 1960; Anos 1970
Temáticos	Copa do Mundo; Assuntos familiares; Família; Formação profissional; Infância; Política
Onomásticos	Santos Futebol Clube; Sociedade Esportiva Palmeiras

Fonte – Elaborado pelo autor

Baseado no proposto por Lancaster (1991), a quantidade de termos escolhidos está adequada e segundo o que foi analisado em Fujita (2012), há equilíbrio entre especificidade e exaustividade. Segundo a proposta de Gil Leiva (2012), há termos representando cada uma das classificações por ele propostas, a partir do qual entende-se que as questões fundamentais, a saber, o que, como,

quem, quando e onde, são respondidas por esses termos, logo, crê-se existir aí um exemplo de indexação que cumpra sua função.

Agora tomemos por base um documento oral do MIS SP. Ao acessar o site do MIS<sup>89</sup> e acessando a opção “acervo” > “acervo online” > “acessar acervo”, é solicitado um aceite relativo às regras de uso do mesmo, em conformidade com a lei dos direitos autorais, a saber 9.610/1998 (figura 27).

Figura 27 – Aviso quanto ao uso das obras do acervo, de acordo com a Lei de Direitos Autorais

O acervo do MIS está disponível apenas para consulta local gratuita. O usuário é o único e exclusivo responsável pelo respeito aos direitos autorais, personalíssimos e conexos das obras pesquisadas. É vedada a reprodução de obras originais ou cópias, no todo ou em parte, de qualquer forma e para qualquer finalidade, em conformidade com a [Lei 9.610 de 19.02.1998](#)

Para reprodução de qualquer obra, original ou cópia, em quaisquer meios e mídias e para quaisquer fins, e para solicitação de empréstimos, o interessado deverá seguir os procedimentos estabelecidos pela Política de Acervo do Museu. Para informações sobre empréstimo, reprodução e demais usos, entre em contato com a equipe do CEMIS através do [Fale Conosco](#).

Aceito

Fonte: Site do MIS SP<sup>90</sup>

Como esclarecido anteriormente, o MIS surgiu com a intenção de ser um museu vivo e sua primeira coleção foi a referente ao trabalho feito de 1973 no Vale do Ribeira. Então, após dar-se o aceite, acessa-se “busca avançada” (figura 28). Nessa opção é apresentada diversos tipos documentais disponíveis, entre eles: áudio, disco, fotografia, iconográficos, filme, vídeo, equipamento entre outros. Selecionando a opção “áudio” e preenchendo em “coleção” com a frase “Vale do Ribeira”, tem-se como resultado, ao clicar em “filtrar”, 61 registros relacionados à essa coleção (figura 29).

<sup>89</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

<sup>90</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

Figura 28 – Busca avançada no acervo online do MIS SP

**Busca Avançada**

Título:

Coleção:

Autoridades:

Descritores:

Descritores onomásticos:

- ☐ Áudio
- ☐ Disco
- ☐ Fotografia
- ☐ Iconográfico
- ☐ Filme
- ☐ Vídeo
- ☐ Equipamento
- ☐ Livro
- ☐ Catálogo
- ☐ Periódico

*obs: utilize o símbolo \* antes e depois da expressão para realizar uma busca exata/específica*


Fonte: Site do MIS SP<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>



Figura 29 – Resultado da busca no acervo online do MIS SP


busca:  [busca avançada](#) 

---

**RESULTADOS DA BUSCA**


Quantidade de registros: 61

Título: [Folclore de Cananéia - Festa de Nossa Senhora dos Navegantes parte 2/4] at.



[VER DETALHES](#)

Título: [Folclore de Cananéia - Festa de Nossa Senhora dos Navegantes parte 3/4] at.




[VER DETALHES](#)

Título: [Folclore de Cananéia - Artesanato e Música parte 2/2] at.




[VER DETALHES](#)

Título: [Folclore de Cananéia - Festa de Nossa Senhora dos Navegantes parte 4/4] at.



[VER DETALHES](#)

Título: [Folclore de Eldorado Paulista - Artesanato e Cantigas de Roda] at.



**Busca Avançada**

Título:

Coleção:

Autoridades:

Descritores:

Descritores enômásticos:

☒ Áudio  
☐ Disco  
☐ Fotografia  
☐ Iconográfico  
☐ Filme  
☐ Vídeo  
☐ Equipamento  
☐ Livro  
☐ Catálogo  
☐ Periódico

[filtrar](#)

obs: utilize o símbolo ^ antes e depois da expressão para realizar uma busca exata/específica


Fonte: Site do MIS SP<sup>92</sup>

Escolheu-se o registro abaixo para esse estudo:


<sup>92</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

Figura 30 – Registro escolhido no acervo online do MIS SP

ÁUDIO E DISCO

busca   [busca avançada](#)

Busca Avançada +



00:00 / 18:24

**Título:**  
[Folclore de Eldorado Paulista - Contação de histórias] at.

**Tipo:**  
Áudio diverso

**Número do Item:**  
00044VLR00020AD

**Número de Registro:**  
FA.00001.20/73;  
A.0038FA.00001.20/73; A.0038

**Uso e acesso:**  
Consulta local sem agendamento; Divulgação virtual

**Coleção:**  
00044VLR - Vale do Ribeira

**Autoridades:**  
Walter Rogério  
Eduardo Alberto Escalante

**Classificação:**  
Técnico de som  
Entrevistador(a)

**Local de Produção:**  
Eldorado Paulista - São Paulo - Brasil

**Data de Produção:**  
1973

**Local de gravação:**  
Eldorado Paulista - São Paulo - Brasil

**Data de Gravação:**  
1973

**Suporte/Formato:**  
CD

**Duração:**  
- h 18min 25s

**Idioma:**  
Português

**Gênero:**  
Registro documental

**Descritores:**  
folclore; estória

**Descritores Geográficos:**  
Eldorado Paulista - São Paulo - Brasil

Fonte: Site do MIS SP<sup>93</sup>

Como é possível ver, trata-se de um registro relativo a uma contação de história produzida no ano de 1973, na cidade de Eldorado Paulista, cidade da região do Vale do Ribeira, sul do estado de São Paulo. O registro traz como autoridades o técnico de som, Walter Rogério e o entrevistador, Eduardo Alberte Escalante. Informa-se que o gênero é registro documental e que consta em um suporte do tipo CD (provavelmente esse material estava originalmente em fita magnética e foi digitalizado por questões de preservação).

Quanto à duração, informa-se que essa entrevista durou 18 minutos e 25 segundos, tendo sido registrado no SRI da instituição com o número de registro FA.00001.20/73; A.0038FA.00001.20/73; A.0038, relativo ao número do item 00044VLR00020AD, classificado como áudio diverso, estando disponível para

<sup>93</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

consulta local sem agendamento (ao CD-ROM), bem como virtualmente a partir do site do acervo.

O registro não apresenta resumo, decupagem, transcrição e nem ficha de orientação, logo não se pode classificá-lo como documento oral em sentido formal, mas ainda assim, pela intenção original da instituição do MIS em sua Carta de Princípios de ser um museu vivo, bem como pela definição de documento oral<sup>94</sup>, esse registro refere-se a um documento oral em sentido material. Ou seja, traz vestígios de um tempo pretérito e de um modo de ser e/ou de uma sociedade que já podem ter se transformado muito; logo tem o potencial de servir como fonte de informação para pesquisas e deve ser recuperável.

Pensando nisso, analisemos seus descritores. Foram definidos os seguintes termos para esse registro: estória; folclore; Eldorado Paulista; São Paulo; Brasil. Estão classificados da seguinte forma (tabela 8):

Tabela 8 – Classificação dos termos da contação de história (MIS SP)

<b>Categorias</b>	<b>Termos</b>
Genéricos	Estória; folclore
Específicos	Eldorado Paulista; São Paulo; Brasil
Topográficos	Eldorado Paulista; São Paulo; Brasil
Cronológicos	
Temáticos	Estória; folclore
Onomásticos	

Fonte – Elaborado pelo autor

Parece claro que a quantidade de termos não está adequada e que esses não podem responder com exatidão às perguntas o que, como, quem, quando e onde, propostas por Gil Leiva (2012).

Talvez a falta de termos (ou a ausência de uma melhor escolha) possa ser justificada pela ausência de documento escrito, saída adicional fundamental dentro de um PHO. É sabido também que a inexistência de uma transcrição — ou documento equivalente —, pode ser justificada por questões de ordem financeira ou

<sup>94</sup> “um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido, logo de início, seu destino natural” (Voldman, 1998b, p. 36).

de recursos humanos, visto que anteriormente afirmava-se que cada hora de áudio, a transcrição levaria em torno de cinco horas, conforme declara Alberti:

“A conferência deve ser realizada escutando-se o depoimento e ao mesmo tempo lendo-se sua transcrição, corrigindo erros, omissões e acréscimos indevidos feitos pelo transcritor, bem como efetuando algumas alterações que visam a adequar o depoimento à sua forma escrita e viabilizar sua consulta. Isso implica constantes pausas, retrocessos e interrupções na escuta da gravação. É por isso que o tempo de realização dessa etapa ultrapassa em muito o tempo de duração da gravação; estimamos uma média de cinco horas de trabalho de conferência de fidelidade para uma hora de gravação” (2004, p. 185).

No entanto, atualmente há diversos aplicativos disponíveis que podem ajudar nessa tarefa de transcrição, entre eles citamos: Transcriber Bot<sup>95</sup>, Sonix<sup>96</sup>, Riverside<sup>97</sup>, Descript<sup>98</sup> e os próprios transcritores dos editores de texto como o Google Docs e o Word 365.

Para esse exemplo, utilizamos o recurso transcrever do Word 365 associado à extensão do Google Chrome chamada “Video & Audio Downloader”. Acessando o menu inicial do Google Chrome > Extensões > Acessar a Chrome Web Store, abrirá um menu no qual é possível pesquisar por uma extensão que o usuário deseje instalar em seu navegador. Procurando por “Video & Audio Downloader”, aparecerá uma opção com essa extensão e ao clicar sobre ela, aparecerá a opção “usar no Chrome”. Tendo clicado em usar no Chrome, ela passará a constar na lista de extensões (figura 31)

Figura 31 – Extensão Video & Audio Downloader instalada no Google Chrome



Fonte: Software Google Chrome

<sup>95</sup> [https://t.me/transcriber\\_bot](https://t.me/transcriber_bot)

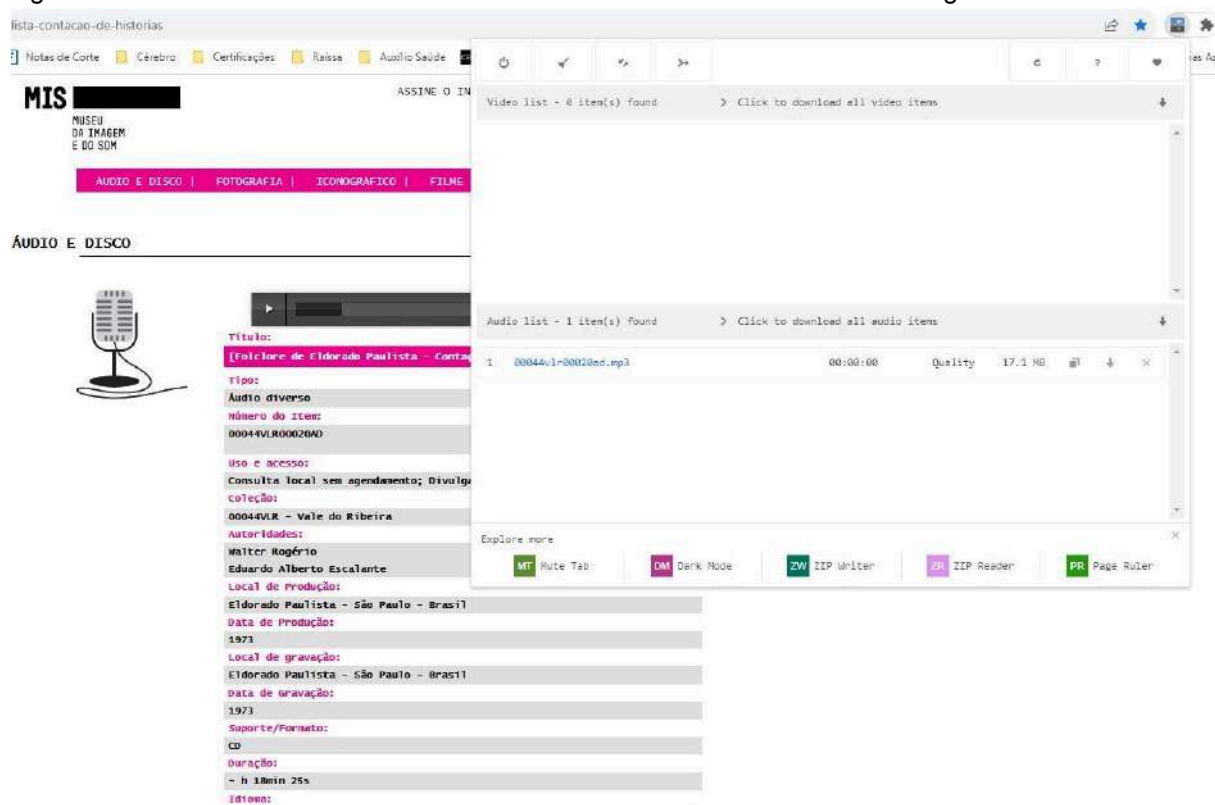
<sup>96</sup> <https://sonix.ai/pt>

<sup>97</sup> <https://riverside.fm/transcription>

<sup>98</sup> <https://www.descript.com/>

Em seguida, ao acessar a página em que contém o áudio que se deseja extrair — no caso, o registro da contação de história do MIS, ao acessarmos o menu extensões e clicar sobre “Video & Audio Downloader”, teremos como resultado a seguinte tela (figura 32):

Figura 32 – Baixando o áudio do acervo do MIS SP usando a extensão no Google Chrome



Fonte: Site do MIS SP<sup>99</sup>

Verifica-se que o nome do arquivo de extensão MP3 é o mesmo do número do item, no caso 00044VLR00020AD. Acima do nome do arquivo há um texto em que mostra a quantidade de áudios encontrados, bem como uma opção que permite baixá-los.

Uma vez baixado na máquina esse arquivo, para que seja feita a transcrição, basta abrir o Word 365, e acessar a opção Página Inicial > Ditar > Transcrever (figura 33).

<sup>99</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

Figura 33 – Ferramenta de transcrição do Word 365



Fonte: Software Word 365

Será aberta a janela do Transcribe, na qual o usuário deve escolher a língua em que a gravação está, e será apresentado duas opções “Carregar áudio” e “Iniciar gravação” (figura 34), o que demonstra que além de transcrever gravações, esse recurso permite também fazer transcrições em tempo real, o que pode facilitar o trabalho de um Oralista, caso deseje usá-lo como recurso.

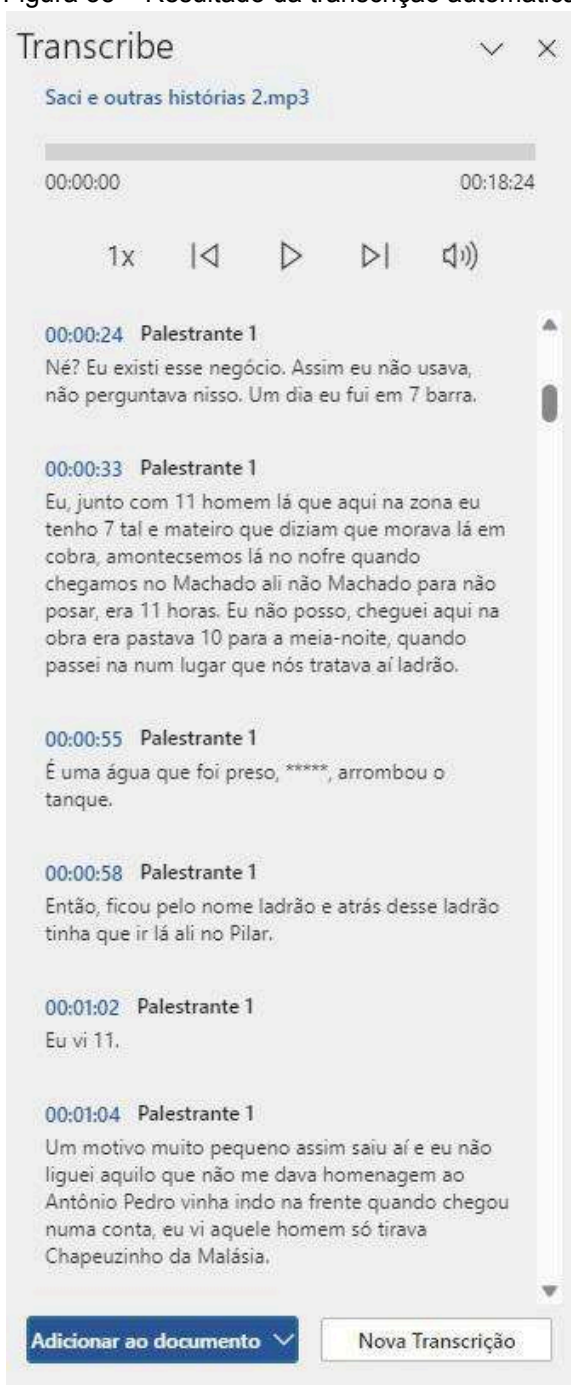
Figura 34 – Carregamento de áudio na ferramenta de transcrição do Word 365



Fonte: Software Word 365

Escolhida a opção "Carregar áudio", basta indicar o arquivo MP3 que foi baixado do acervo online do MIS e após alguns minutos de carregamento, o software apresenta a seguinte saída (figura 35):

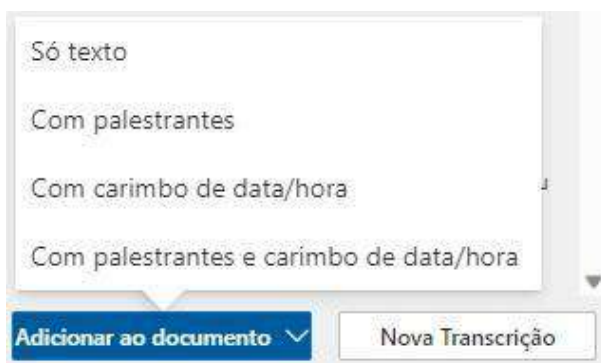
Figura 35 – Resultado da transcrição automática do Word 365



Fonte: Software Word 365

Quando acessada a opção “Adicionar ao documento” a mesma oferece a opção de adicionar ao documento somente o texto, adicionar com marcação dos palestrantes, adicionar com carimbo de data/hora (minutagem) bem como adicionar com marcação de palestrantes e minutagem (figura 36).

Figura 36 – Escolha do formato de saída da transcrição no Word 365



Fonte: Software Word 365

Certamente que ainda haverá a necessidade de correções no texto final, visto haver trechos que não são corretamente captados pelos equipamentos de gravação utilizados — no caso, em 1973 —, bem como, devido ao regionalismo, diversas expressões não são automaticamente reconhecidas pelo software. A transcrição desse consta no Apêndice A. Essa transcrição de aproximadamente 18 min gerou um documento de 7 páginas e levou cerca de 30 minutos para ser concluída (tempo de processamento de máquina + tempo de correção/inclusão de termos), o que demonstra que a falta de recursos humanos e/ou financeiros pode atualmente ser superada com o uso da tecnologia, vide redução para cerca de  $\frac{1}{3}$  do tempo quanto à estimativa original ( $18 \text{ min} \times \frac{5}{3} = 30 \text{ min}$ ).

Tendo essa transcrição em mãos e visando elaborar uma nova lista de descritores para esse texto, propomos a seguinte lista de termos: Anos 1970; Caipora<sup>100</sup>; Cavalo d'água<sup>101</sup>; Contação de histórias; Eldorado Paulista<sup>102</sup>; Folclore;

<sup>100</sup> A Caipora é uma figura do folclore brasileiro, especialmente presente nas lendas e tradições das regiões de florestas, como a Amazônia e o interior do país. Essa entidade é conhecida por sua ligação com a natureza e sua habilidade de proteger os animais silvestres e as matas. Geralmente descrita como um ser pequeno, de estatura baixa, a Caipora é representada como uma entidade protetora das florestas e dos animais selvagens. Ela é considerada uma guardiã, responsável por proteger e preservar a fauna e a flora contra a ação de caçadores e intrusos. A Caipora tem características variadas em diferentes relatos: alguns a descrevem como uma figura feminina, outros como um ser masculino; às vezes é retratada montada em um porco do mato ou possuindo pernas invertidas, o que dificulta o rastreamento de suas pegadas na mata.

<sup>101</sup> O Cavalo d'água é uma criatura lendária ou uma entidade do folclore presente em algumas culturas ao redor do mundo. Essa figura mitológica é frequentemente associada a rios, lagos, mares e outras massas de água. Nas lendas, o Cavalo d'água é retratado como um ser místico, muitas vezes descrito como um cavalo com características aquáticas. Ele pode ter crinas feitas de algas, escamas semelhantes às de peixes e a capacidade de se deslocar sobre a água ou até mesmo mergulhar profundamente.

<sup>102</sup> Eldorado Paulista é um município localizado no estado de São Paulo, no Brasil. Faz parte da região do Vale do Ribeira, uma área conhecida por sua rica biodiversidade, com uma grande extensão de Mata Atlântica preservada. Eldorado Paulista é reconhecida por suas belezas naturais e atividades relacionadas ao ecoturismo e turismo rural.



Indígenas; Lendas folclóricas; Nego d'água<sup>103</sup>; Saci<sup>104</sup>; Sereia<sup>105</sup>; Seres míticos; Sete Barras<sup>106</sup>.

Têm-se aí 13 termos, número adequado conforme Lancaster (1991), os quais representam cada uma das classificações elencadas por Gil Leiva (2012), equilibrando especificidade e exaustividade segundo Fujita (2012) e os quais conseguem responder às questões “o quê”, “como”, “quem”, “quando” e “onde”, referentes ao paradigma de Lasswell, quanto à essa contação de história.

Tabela 9 – Classificação dos termos da contação de história propostos pelo autor

<b>Categorias</b>	<b>Termos</b>
Genéricos	Contação de histórias; Indígenas; Lendas folclóricas; Seres míticos; Folclore
Específicos	Eldorado Paulista; Sete Barras; Saci; Caipora; Nego d'água; Sereia; Cavalo d'água
Topográficos	Eldorado Paulista; Sete Barras; Rio Capivari
Cronológicos	Anos 1970
Temáticos	Contação de histórias; Indígenas; Lendas folclóricas; Seres míticos; Folclore
Onomásticos	Saci; Caipora; Nego d'água; Sereia; Cavalo d'água

Fonte – Elaborado pelo autor

Dada essa lista de termos propostos, analisa-se que se, hipoteticamente, um folclorista pesquisasse nesse acervo sobre o “nego d'água”, por exemplo, ele não teria resultado algum, como demonstra-se abaixo (figura 37). Quando procurando

<sup>103</sup> Nos mitos e lendas brasileiras, o “nego d'água” é uma criatura lendária que supostamente habita rios, lagos ou áreas aquáticas. Geralmente descrito como um ser misterioso, com características humanas ou animais, é associado a histórias folclóricas e populares, muitas vezes usado para assustar ou advertir crianças a não se aventurarem em áreas perigosas próximas à água.

<sup>104</sup> O Saci é uma figura do folclore brasileiro, uma entidade lendária bastante conhecida na cultura popular do país. Ele é retratado como um ser travesso, com apenas uma perna, um gorro vermelho e um cachimbo na boca. O Saci é descrito como um menino negrinho, ágil, que pode aparecer e desaparecer subitamente, além de possuir poderes mágicos, como controlar ventos e sumir em redemoinhos.

<sup>105</sup> As sereias são criaturas mitológicas geralmente associadas ao mar e às águas. Na mitologia grega, as sereias são descritas como mulheres com metade do corpo de peixe, com belas vozes que encantavam marinheiros e navegadores. Elas costumavam atrair os marinheiros com seu canto sedutor, levando-os à perdição e fazendo com que seus navios naufragassem nas rochas.

<sup>106</sup> Sete Barras é um município localizado no estado de São Paulo, Brasil, situado na região do Vale do Ribeira. É conhecido por suas belezas naturais, já que está inserido em uma área de preservação ambiental, com grande parte do território coberto por Mata Atlântica, rios, cachoeiras e trilhas que atraem visitantes interessados em ecoturismo e turismo rural.

pelo termo “saci”, retornaram 40 registros, porém dentre esses, este áudio de contação de história não estava listado (figura 38), o que reforça a extrema importância de uma indexação feita segundo os padrões estabelecidos dentro da literatura específica, a fim de tornar relevantes conteúdos, recuperáveis.

Figura 37 – Resultado da busca pelo termo nego d’água



Fonte: Site do MIS SP<sup>107</sup>

Figura 38 – Resultado da busca pelo termo “saci”



Fonte: Site do MIS SP<sup>108</sup>

A fim de solidificar uma afirmativa feita na justificativa deste trabalho, na qual levantava-se a questão da falta de padronização nos acervos sonoros, traz-se a seguir um exemplo de outro acervo sonoro, somente a título de complementação.

O Acervo Guilherme Santos Neves possui a guarda, é responsável pela conversação, bem como digitalizou as 45 fitas rolo e as 14 fitas K7, produto essas

<sup>107</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

<sup>108</sup> <https://www.mis-sp.org.br/>

do trabalho do folclorista que nomeia este acervo. Nelas estão contidas importantes instantâneos culturais do estado do Espírito Santo.

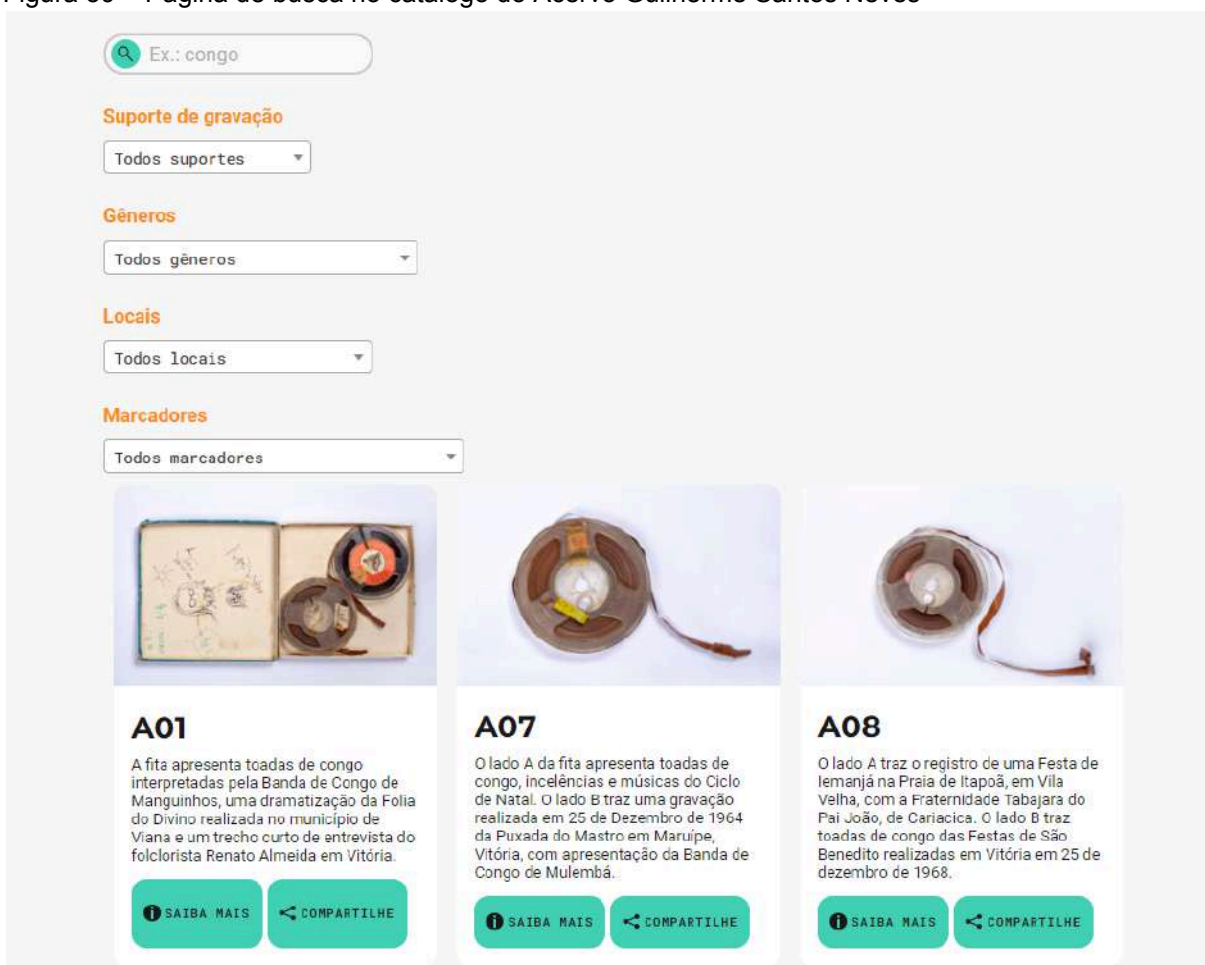
Possui um site<sup>109</sup> de fácil navegação e visualmente agradável, tendo em sua página inicial apenas as opções “biblioteca”, “o projeto”, “o pesquisador”, “ensaios” e “contato” no menu de navegação. Ao acessar o link “biblioteca”, abre uma página que contém uma breve descrição do acervo, contando em seguida com uma ferramenta de busca textual, bem como as opções de filtragem “suporte de gravação”, “gêneros”, “locais” e “marcadores”. Analisando os registros pode-se notar que o que denominam como marcadores refere-se às palavras-chave, os termos de indexação (figura 39).

Algo que chama a atenção é que junto aos registros há uma fotografia do suporte magnético original, no qual é possível ver escritos e desenhos do folclorista, o que aproxima simbolicamente o usuário do acervo, e concomitantemente, de seu conteúdo.

---

<sup>109</sup> <https://acervoguilhermesantosneves.com.br/>

Figura 39 – Página de busca no catálogo do Acervo Guilherme Santos Neves



Fonte – Site do Acervo Guilherme Santos Neves<sup>110</sup>

Escolheu-se o registro B33, gravado na capital do estado do Espírito Santo, a saber, Vitória, por um aluno do Colégio Estadual (cujo nome não é especificado) no ano de 1961, onde populares e conhecedoras do folclore local, Ana Ferreira de Santana e Izaurina Maria de Campos, executam uma oração, denominada Oração de Santo Custódio.

Como exemplo do CPDOC, esse registro possui uma decupagem (figura 40) com sua respectiva minutagem. Quanto à descrição, recebeu o código de referência GSN\_FR\_B33, seguido por título, data de gravação, local de gravação, suporte de gravação, duração, idioma, gênero, data da digitalização, informações no estojo, marca e modelo e referências externas (figura 41), e após toda representação descritiva feita, traz lá embaixo um termo, sozinho, pelo qual esse acervo sonoro pretende representar tematicamente este documento oral: oração.

<sup>110</sup> <https://acervoguilhermesantosneves.com.br/>

Figura 40 – Registro B33 do Acervo Guilherme Santos Neves

## B33 • Oração do Anjo Custódio

[FICHA TÉCNICA](#)
[COMPARTILHE](#)

Gravação realizada por um aluno do Colégio Estadual, de Vitória, em abril de 1961, com duas portadoras de folclore conhecedoras da Oração do Anjo Custódio, Ana Ferreira de Santana e Izaurina Maria de Campos. Não há referência do local de gravação.

Obs: Orador 1 não identificado até o momento.

### Conteúdo detalhado

#### INÍCIO

**[00:00:01.19]**  
 > Orador 1: Da residência do senhor Rogério Muniz Carvalho para ouvir a palavra da Senhora Ana. Ana de que? A senhora poderia...?

> Oradora 2: Ana Ferreira de Santana.

> Orador 1: Da senhora Ana Ferreira de Santana, que vai prestar alguns esclarecimentos sobre o folclore no Brasil, pois essa gravação tem a finalidade de reerguer o nosso clube no Colégio Estadual, o Clube de Pesquisas Folclóricas Afonso Cláudio. Então vamos ouvir aqui a senhora Ana, que vai falar sobre a oração do Anjo Custódio. A palavra é sua, dona.

**[00:00:46.00]**  
 [falas indistintas]

> Ana Ferreira de Santana: Oração do Anjo Custódio.

### Destaques

**00:00:01.19**  
 ORADOR 1: "DA RESIDÊNCIA DO SENHOR ROGERIO MUNIZ CARVALHO..."

**00:00:46.00**  
 ANA FERREIRA DE SANTANA: ORAÇÃO DO ANJO CUSTÓDIO.

**00:00:11.19**  
 BREVE ENTREVISTA COM ANA FERREIRA DE SANTANA.

**00:10:59.15**  
 BREVE ENTREVISTA COM IZAURINA MARIA DE CAMPOS.

### Ficha técnica

CÓDIGO DE REFERÊNCIA  
 GSN\_FR\_B33

TÍTULO (ATRIBUÍDO)  
 Oração do Anjo Custódio

DATA DE GRAVAÇÃO  
 Abril de 1961

LOCAL DE GRAVAÇÃO  
 Não especificado

SUPORTE DE GRAVAÇÃO  
 Fita Rolo

Fonte – Site do Acervo Guilherme Santos Neves<sup>111</sup>

<sup>111</sup> <https://acervoguilhermesantosneves.com.br/audio/b33/#conteudo-detalhado>

Figura 41 – Ficha técnica do registro B33 do Acervo Guilherme Santos Neves

**Ficha técnica**

CÓDIGO DE REFERÊNCIA  
GSN\_FR\_B33

TÍTULO (ATRIBUÍDO)  
Oração do Anjo Custódio

DATA DE GRAVAÇÃO  
Abril de 1961

LOCAL DE GRAVAÇÃO  
Não especificado

SUPORTE DE GRAVAÇÃO  
Fita Rolo

DURAÇÃO  
14min14s

IDIOMA  
Português

GÊNERO  
Registro Documental

DATA DA DIGITALIZAÇÃO  
07/05/2021

INFORMAÇÕES NO ESTOJO  
Na parte de trás: Oração do Anjo Custódio. Abril 1961.  
  
Na lombada: 6

MARCA E MODELO  
Irish Brand Green Band Professional No. 211

PERSONAGENS  
Ana Ferreira de Santana; Maria Izaurina de Campos

REFERÊNCIAS EXTERNAS  
Sobre a oração Santo/Anjo Custódio, ver:  
NEVES, Guilherme Santos. As doze palavras ditas e retornadas. Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba: 1944-1982. Vol 1. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas no Espírito Santo, 2008, pp. 409-415.

USO E PERMISSÃO  
Permitida divulgação. Permitida utilização educacional. Não permitido uso comercial.

**ORAÇÃO**

Fonte – Site do Acervo Guilherme Santos Neves<sup>112</sup>

Utilizando a mesma metodologia aplicada anteriormente, elaborou-se a transcrição deste registro (apêndice B) e propõe-se os seguintes termos a serem usados na indexação desse documento oral: Afonso Cláudio, Anjo da guarda, Década de 1960, Espírito Santo, Folclore, Guilherme Santos Neves, Oração, Religião.

Classificando esses termos com base no proposto por Leiva (2012), divide-se assim:

<sup>112</sup> <https://acervoguilhermesantosneves.com.br/audio/b33/#conteudo-detalhado>

Tabela 10 – Classificação dos termos da Oração do Anjo Custódio propostos pelo autor

<b>Categoria</b>	<b>Termos</b>
Genéricos	Década de 1960, Folclore, Oração, Religião
Específicos	Anjo da guarda, Catolicismo, Espiritismo, Guilherme Santos Neves, Afonso Cláudio, Espírito Santo, Rogério Muniz Carvalho
Topográficos	Afonso Cláudio, Espírito Santo
Cronológicos	Década de 1960
Temáticos	Folclore, Oração, Anjo da guarda, Religião, Catolicismo, Espiritismo
Onomásticos	Guilherme Santos Neves, Rogério Muniz Carvalho

Fonte – Elaborado pelo autor

Para a indexação deste documento oral (Oração do Anjo Custódio) haveria talvez a necessidade de uma maior pesquisa por parte do bibliotecário indexador. Em um primeiro momento para conseguir localizar de onde os interlocutores falavam. Somente com a escuta e a leitura atenta pode-se depreender que falam de um Colégio Estadual, de nome não informado, localizado no município de Afonso Cláudio, no Espírito Santo. A desatenção levaria o indexador, possivelmente, a entender Afonso Cláudio como um personagem e talvez removê-lo da lista de termos possíveis. Partindo disso, foi acrescentado tanto “Afonso Cláudio” como “Espírito Santo” como termos topográficos.

Outra pesquisa necessária seria no sentido de entender que seria o “Anjo Custódio”. Essa oração por ter origem portuguesa, remontando, provavelmente, ao período da colonização; essa origem faz com que utilize-se o termo “Anjo custódio” — grafada incorretamente no registro, onde atribuíram a letra maiúscula por entenderem que se tratava de um anjo específico: “Anjo Custódio<sup>113</sup>” —, em detrimento de “Anjo da guarda” (ou seja, um anjo que custodia<sup>114</sup>, por isso Anjo custódio), termo mais usualmente empregado no Brasil.

<sup>113</sup> Em Portugal há a existência de um anjo reverenciado com o nome próprio de Anjo Custódio, porém esse refere-se ao anjo de guarda da nação de Portugal, ao qual, pela leitura da transcrição, não se refere esta oração em específico.

<sup>114</sup> Garantir proteção ou guarda a (alguém ou algo); resguardar, proteger.

Ainda abordando a questão da pesquisa necessária, caso o indexador fizesse uma leitura documentária superficial poderia deixar passar despercebida a influência espírita que uma das interlocutoras afirma ter tido, ao final da fita, fato que poderia fazer com que apenas o termo “catolicismo” pudesse ser escolhido.

Por onomástico utilizou-se somente o nome do folclorista, a saber Guilherme Santos Neves e do professor da Universidade Federal do Espírito Santo (atualmente aposentado), Rogério Muniz Carvalho. Apesar do aparecimento de outros nomes na transcrição, esses possuem menor relevância para o registro no sentido de recuperação documental.

Deve-se relatar que essa foi uma indexação mais difícil de ser realizada, e mesmo com esforço, escolheu-se apenas 11 termos para representar esse documento. Ainda assim, essa quantidade está adequada segundo o recomendado por Lancaster (1991), bem como supre a necessidade informacional proposta no Paradigma de Lasswell.

Frente ao exposto, crê-se que fica demonstrado a falta de padronização existente entre acervos sonoros quando no tratamento de documentos orais. Não poderiam ser mais díspares os tratamentos informacionais recebidos por instituições diferentes, apesar de compartilharem — as duas primeiras e alvo deste trabalho —, intenções parecidas e terem sido fundadas em datas aproximadas, logo bebendo de fontes teóricas comuns.

Infelizmente, para a História, para a Memória, para a Biblioteconomia, para a pesquisa científica e para a sociedade, esses casos de **sub-representação temática** pululam com muita recorrência no que tange a acervos sonoros, bastando para isso pesquisa rápida para além desse exemplos que aqui foram trazidos.

Completa-se aqui também os dois objetivos específicos elencados no início do capítulo, a saber:

- Analisar as práticas de indexação existentes, voltadas a documentos orais, usando para isso o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro (RJ) como modelo;



- Comparar a indexação de um documento oral feita pelo CPDOC com indexação de documentos similares feitas pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) do estado de São Paulo (SP) e pelo Acervo Guilherme Santos Neves.

Além disso, firmado embasamento teórico interdisciplinar; apresentado instituições e tomados exemplos; listadas tecnologias que visem facilitar o trabalho dos bibliotecários indexadores e sugeridas correções para o exemplo do registro do MIS SP — considerado insatisfatório —; crê-se ter cumprido o objetivo de “analisar as práticas recomendadas para a indexação de documentos orais em acervos sonoros, visando à promoção da recuperação eficiente desses materiais e à orientação de bibliotecários indexadores para a execução precisa de suas tarefas”, bem como acredita-se ter respondido à questão de pesquisa — demonstrando que no caso dos documentos orais deve-se utilizar as técnicas de indexação existentes para documentos textuais, sendo para isso fundamental a elaboração de uma saída textual para o documento sonoro, seja esta uma transcrição ou uma ficha de orientação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta investigação, traçou-se um panorama versando desde das primeiras formas de gravação e reprodução sonora até a indexação atual de documentos orais em acervos sonoros, tendo por base as metodologias de História Oral e da Análise Documentária.

No capítulo 2, intitulado "Som: suportes e descrição", analisou-se a trajetória dos suportes sonoros, desde o invento dos primeiros suportes até os atuais formatos digitais e o streaming. Essa análise contextualizou a evolução contínua dessas tecnologias — do fonógrafo de Thomas Edison ao aperfeiçoamento do gramofone por Emile Berliner —, explorou-se não apenas os avanços técnicos, mas também os impactos culturais e comerciais dessas inovações na indústria fonográfica. A ascensão da gravação elétrica, a inventividade de Fritz Pfleumer com a fita magnética e o lançamento pioneiro da fita cassete pela Philips foram momentos destacados neste trabalho. Não restringindo-se apenas à evolução dos suportes físicos, como as fitas de rolo e o Compact Disc (CD), mas também transitando por formatos digitais de áudio.

Além disso, explorou-se o conceito de acervos sonoros, abordando o tratamento da informação nesses contextos e a importância crucial da preservação digital para esses acervos. Destacou-se o papel vital desses acervos na preservação da cultura e da história por meio de registros sonoros, listando, como exemplo, acervos sonoros internacionais e nacionais de relevância. A classificação dos registros sonoros com base no conteúdo foi examinada, revelando categorias recorrentes encontradas em acervos sonoros, como gravações musicais, efeitos sonoros, sons ambientais, palestras e conferências.

No capítulo 3, intitulado "Oralidade e memória: o documento oral", apresentou-se o conceito de documento oral, no qual explorou-se a relevância da oralidade e da memória na construção do conhecimento histórico. Este capítulo ofereceu uma análise abrangente das definições e conceituações de memória, história, história oral e documento oral, por meio das perspectivas de autoridades no tema e em seus Manuais de História Oral. Examinou-se também a evolução da

história oral nos Estados Unidos e no Brasil, destacando seu papel como ferramenta de resistência política e social, bem como traçou-se um panorama quanto à consolidação e o fortalecimento da história oral no Brasil com o surgimento de instituições como a ABHO.

O capítulo 4, intitulado "Indexação", abordou-se os fundamentos da representação e da recuperação da informação. Começando pelo conceito de documento, entendido como a união de um suporte informacional e uma informação, onde delineou-se a importância dos sistemas de recuperação da informação (SRI) na organização, busca e eficiente recuperação de documentos.

Em seguida, explorou-se o conceito de análise documentária, detalhando o processo pelo qual os bibliotecários extraem informações relevantes dos documentos para sua representação em sistemas informatizados. A representação da informação em níveis descritivos e temáticos foi destacada, enfatizando a relevância do tratamento da informação para facilitar a recuperação por parte dos usuários.

A indexação, componente central deste trabalho, foi definida bem como foi demonstrada sua importância na representação do conteúdo temático dos documentos por meio de termos ou palavras-chave, permitindo uma recuperação eficiente nos sistemas. Conceitos cruciais como relevância, pertinência, ruídos e silêncios informacionais foram explorados, elucidando os desafios e problemas enfrentados na busca por informações.

Buscou-se esclarecer quanto à necessidade da adoção de uma Política de Indexação, a ser implementada em dispositivos informacionais — sejam eles bibliotecas, arquivos ou acervo sonoros —, de modo a estabelecer os níveis desejados de especificidade e exaustividade na indexação; a relação entre precisão e abrangência na recuperação da informação; bem como o controle de variáveis como revocação, precisão e correção por omissão e inclusão durante o processo de indexação — a fim de que a indexação seja um processo padronizado, eficaz e eficiente. Além disso, o capítulo mergulhou na história e na evolução da indexação, desde suas origens históricas até as mudanças decorrentes da explosão informacional e avanços tecnológicos, como a automação e a miniaturização eletrônica.

As correntes teóricas da representação da informação foram abordadas, enfatizando a corrente francesa e a inglesa, na sistematização do processo de representação da informação, explorando autores e diferenças primordiais entre ambas as correntes. Foi apresentado o trabalho do Grupo TEMMA e a sua importância para o estabelecimento da linguística documentária, fundamento para a teoria da Análise Documentária. Foram apresentadas também as suas influências teóricas, que partiram da linguística geral, passaram pela interação entre lógica e a filosofia da linguagem e culminaram na integração da linguística a fim de sistematizar os processos de Análise Documentária.

No capítulo 5, intitulado “Indexação de documentos orais”, estabeleceu-se que para cada item de História Oral é desejável que sempre haja, como saída em um SRI, duas entidades: uma gravação digitalizada e um documento textual (uma transcrição ou uma ficha de orientação). Estabeleceu-se também que a partir da análise de ambas instâncias informacionais, poder-se-ia — aplicando o Paradigma de Lasswell, bem como a releitura de Gil Leiva (2012), quanto às estratégias de redução textual a micro e macro-estruturas de Van Dijk, e utilizando-se também das orientações para a indexação de documentos textuais propostas por Lancaster (1991) —, executar uma indexação que suprisse as necessidades quanto a recuperação da informação desses documentos orais. Tratou-se também dos documentos orais em sentido formal, ou seja, os que cumprem com os requisitos dos manuais de História Oral, bem como os documentos orais em sentido material, estes últimos compostos por entrevistas relevantes para pesquisa científica, mas que não possuem ainda uma entidade textual que auxilie no tratamento informacional, na busca e na recuperação, carecendo estes, portanto, de maior atenção por parte de bibliotecários, documentalistas, arquivistas e historiadores orais.

A fim de exemplificar esse processo, foi trazido um exemplo de um documento oral indexado pelo CPDOC, elaborado este sob uma cuidadosa política de indexação, e a partir dele, contrastou-se com outros dois exemplos — um do MIS SP e outro do Acervo Guilherme Santos Neves —, e quando provados insuficientes quanto à indexação, propôs-se outra, seguindo os critérios supramencionados.

Crê-se que a importância da correta indexação dos documentos orais nos acervos sonoros foi reafirmada a partir desse exercício prático, visto ser ela a ferramenta que permite a recuperação desses documentos, objetivando-se a preservação e o acesso às informações contidas nestas unidades bibliográficas.

Demonstrou-se também dois pontos importantes:

1. É possível utilizar as técnicas de indexação usadas para documentos textuais em documentos orais e;
2. Falta padronização quanto a indexação de documentos orais entre os acervos orais pesquisados;

Tendo por certa a necessidade da existência de um documento textual e sabendo-se não existir, na maioria dos registros de documentos orais em acervos sonoros, propôs-se uma solução a fim de facilitar a transcrição desses documentos utilizando-se um plugin para o navegador Google Chrome aliado à ferramenta Transcribe do Word 365. Nesse exercício ficou demonstrado uma redução de tempo, para a execução dessas transcrições (apêndices A e B), na casa de  $\frac{1}{3}$ .

Reforçou-se, pois, que a adequada indexação é uma ferramenta que tende a possibilitar que tais registros sirvam como material para pesquisas futuras, reiterando que hoje, como apresentam-se em sua maioria, estão em um certo limbo informacional, ou seja, existem mas não são recuperáveis; não sendo esses registros, portanto, estudados, usados e difundidos.

Isto posto, conclui-se que a indexação e a preservação de documentos orais em acervos sonoros são fundamentais para a perpetuação da história e da identidade de uma sociedade, permitindo que as vozes do passado ecoem no presente e continuem a auxiliar as gerações futuras na compreensão do mundo que as precedeu.

## Referências

ABREU, Paula. A indústria fonográfica e o mercado da música gravada: histórias de um longo desentendimento. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, ano 2009, n. 85, p. 105-129, 1 jun. 2009. DOI <https://doi.org/10.4000/rccs.356>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/356>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ACERVO. *In: Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*, Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 15 jun. 2023

ANDERSON, Kevin J. Magnetic Recording Materials. **MRS Bulletin**, v. 15, n. 3, p. 88-91, 1990. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/mrs-bulletin/article/magnetic-recording-materials/D8D3183089F76C6D97479D6B43E5ADC7>. Acesso em: 24 nov. 2023

ALBERTI, Verena. O acervo de história oral do CPDOC: trajetória de sua constituição. *In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL*, II., 1998, São Paulo. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, 1999. p. 1-17. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6840/863.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 set. 2023.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 236 p. ISBN 85-225-0473-3.

APEL, Karl-Otto. **Towards a transformation of philosophy**. London, Routledge & Kegan Paul, 1980.

ARAUJO, Francisco José. Estudo de comunidade & história oral. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, ed. 5, p. 43-62, 24 ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10313>. Acesso em: 13 set. 2023.

BARTÓK, Bela. **Bela Bartók Essays**. SUCHOFF, Benjamin (ed.). London: University of Nebraska Press, 1992. 567 p. ISBN 0-8032-6108-X.

BERLINER, Emile. **Gramophone**. Titular: Emile Berliner. US372786A. Depósito: 4 maio 1887. Concessão: 8 nov. 1887. Disponível em: <https://patentimages.storage.googleapis.com/04/bb/8a/5af726bd6e0b50/US372786.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BIG THINK. **Michio Kaku: Tweaking Moore's Law and the Computers of the Post-Silicon Era**. YouTube, 13 abr. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bm6ScvNygUU>. Acesso em: 25 nov. 2023

BRONCKART, Jean Paul. **Le fonctionnement des discours**. Paris Delachaux & Niestlé, 1985.

BUARQUE, Marco Dreer. Documentos sonoros: Características e estratégias de preservação. **Ponto de Acesso**, v. 2, n. 2, p. 37-50, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3021>. Acesso em: 25 set. 2023.

BUCKLAND, Michael K. What is a "document"? **Journal of the American society for information science**, v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997. Disponível em: [https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199709\)48:9%3C804::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-V](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(199709)48:9%3C804::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-V). Acesso em: 24 nov. 2022

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução: Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos, 2016. 106 p. ISBN 978-85-85637-64-4.

BORGES, Viviane Trindade. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente. **Diálogos**, Maringá, v. 16, ed. 2, p. 663-676, 15 mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36152>. Acesso em: 13 set. 2023.

CADIOU, Francis *et al.* **Como se faz a história**: historiografia, método e pesquisa. Tradução: Giselle Unti *et al.*,. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. 179 p. ISBN 978-85-326-3506-8.

CARNEIRO, Marília Vidigal. Diretrizes para uma política de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 14, n. 2, p. 221-241, 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36523>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARVALHO, Ana Cláudia Coelho. **Disco e aquilo**: as capas de discos do rock português (1960-1989). Orientador: Prof. Dr. Hugo Daniel da Silva Barreira. 2022. 280 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte, Patrimônio e Cultura Visual) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2022. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/145195/2/591056.pdf>. Acesso em: 7 set. 2023.

CATTENAT, Annette e PAUL, Gérard. Intelligence artificielle. *In*: **Les Nouvelles Technologies dans l'Information Scientifique et Technique**. Valbonne, Institut National de Recherche en Informatique Automatique, 1984.

CESARINO, MARIA AUGUSTA DA NÓBREGA. Sistemas de recuperação da informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 14, n. 2, 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36507>. Acesso em: 1 dez. 2023

CINTRA, Anna Maria M. Elementos de linguística para estudos de indexação, **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 5-22, 1983. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/190>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CINTRA, Anna Maria Marques. Estratégias de leitura em documentação. In: Johanna W. (coord.) **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1011>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CHANAN, Michael. **Repeated takes**: a short history of recording and its effects on music. New York: Verso Books, 1995. 214 p. ISBN 978-1859840122.

CHAUMIER, Jacques. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, 1988. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/388/362#page=67>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CORRÊA, Antenor Ferreira. Música eletroacústica no Brasil e o pioneirismo de Gilberto Mendes. **Encontro de Música e Mídia**, v. 4, 2008. Disponível em:

<http://www.musimid.mus.br/4encontro/files/pdf/Antenor%20Ferreira%20Correa.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

CPDOC. Ademir da Guia. *In*: **FGV CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/ademir-guia?pesquisa-conhecimento=1105>. Acesso em: 5 dez. 2023.

CRUZ, Keity Verônica Pereira da. **O documento oral e o documento arquivístico no contexto da preservação da memória organizacional**. Orientador: Prof. Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa. 2012. 110 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/33542760>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CUNHA, Maria Isabel Ribeiro Ferin. Análise documentária. *In*: SMITH, Johanna Wilhelmina (coord.) **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p. 38. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1011>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CUNHA, Maria Isabel Ribeiro Ferin; KOBASHI, Nair Yumiko; OBATA, Regina Keiko. Revisão bibliográfica. *In*: SMIT, Johanna Wilhelmina (coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. cap. 7, p. 114-133.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. p. 132. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DIAS, Eduardo Wense. Contexto digital e tratamento da informação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Porto Alegre, ano 2001, v. 2, n. 5, p. 1-10, 2001. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/01/pdf\\_8df58fec78\\_0007466.pdf](https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_8df58fec78_0007466.pdf). Acesso em: 29 nov. 2023.

EDISON, Thomas Alva. **Phonograph or speaking machine**. Titular: Thomas Alva Edison. US200521A. Depósito: 24 dez. 1877. Concessão: 19 fev. 1878a. Disponível em: <https://patentimages.storage.googleapis.com/e1/c8/cc/94480e5d10e12d/US200521.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

EDISON, Thomas Alva. The phonograph and its future. **The North American Review**, Boston, v. 126, n. 262, p. 527-536, 1 jul. 1878b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25110210>. Acesso em: 6 set. 2023.

FAIRTHORNE, Robert Arthur. Automatic Retrieval of Recorded Information. **The Computer Journal**, United Kingdom, v. 1, n. 1, p. 36-41, 1 jan. 1958. DOI 10.1093/comjnl/1.1.36. Disponível em: <https://academic.oup.com/comjnl/article/1/1/36/373956>. Acesso em: 03 jun. 2023.

FILHO, Elvio. Invenção que revolucionou o mundo da gravação completa 70 anos. *In*: **Terra da música blog**. Vitória: Terra da música, 8 jul. 2016. Disponível em: <https://terradamusicablog.com.br/fita-magnetica-70-anos/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FONTE PRIMÁRIA. *In*: **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**, Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 15 jun. 2023

FONTE SECUNDÁRIA. *In*: **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**, Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 15 jun. 2023



FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREUND, Alexander. História oral como processo gerador de dados. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 2, p. 28-62, 24 abr. 2014. DOI 10.36449/rth.v17i2.9877. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/9877>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GARDIN, Jean-Claude. **Les analyses de discours**. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1974.

GARDIN, Jean-Claude *et al.* **La logique du plausible: essais d'épistémologie pratique**. Paris, E. Maison des Sciences de l'Homme, 1981.

GARDIN, Jean-Claude. **Informática e arqueologia**. Lisboa, Inst. Nac. de Invest. Científica, 1985.

GARDIN, Jean-Claude *et al.* **Systèmes experts et sciences humaines: les cas de l'Archéologie**. Paris, Eyrolles, 1986.

GIL LEIVA, Isidoro. Aspectos conceituais da indexação. In: GIL LEIVA, Isidoro; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **Política de indexação**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. cap. 2, p. 31-106. ISBN 978-85-7983-199-7.

GOMES, Rodrigo Menezes. Do fonógrafo ao MP3: algumas reflexões sobre música e tecnologia. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, Natal, ed. 5, p. 73-82, 1 ago. 2014. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/6tyg2cy4yzgnnkq3eevzwld2qq/access/wayback/https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/pfigshare-u-files/12778529/dofonografoaomp3.pdf>. Acesso em: 5 set. 2023.

GREIMAS, Algirdas J. Da Modalidade. In: **Semiótica do discurso científico**. São Paulo, Difel/Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, 1976. p. 57-86.

GUIA, Ademir da. **Ademir da Guia** (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 48p. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/storage/historal/arq/Entrevista1950.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Recuperação temática da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s. l.], ano 1990, v. 23, ed. 1/4, p. 11-130, jan./dez. 1990. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/18789>. Acesso em: 30 nov. 2023.

HERZOG, Pedro. **Sistema para indexação e visualização de depoimentos de história oral: o caso do Museu da Pessoa**. Orientador: Prof. Dr. Marcos André Franco Martins. 2014. 89 f. Dissertação (Mestre em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/9117>. Acesso em: 12 set. 2023.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; ALFONSI, Daniela. Entrevista com Boris Kossoy. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 31, p. 495-520, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/fMTPN7g48rnFr9pdsj74tMd/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; ALFONSI, Daniela. Entrevista com Boris ossoy. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 31, p. 495-520, 2018.

KATO, Mary A. Uma visão interativa da legibilidade. **Ilha do Desterro**, v. 13, p. 57-66, 1985. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/49617971\\_Uma\\_visao\\_interativa\\_da\\_legibilidade\\_Uma\\_visao\\_interativa\\_da\\_legibilidade/fulltext/57bd214b08ae6c703bc52dcf/Uma-visao-interativa-da-legibilidade-Uma-visao-interativa-da-legibilidade.pdf?\\_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19](https://www.researchgate.net/publication/49617971_Uma_visao_interativa_da_legibilidade_Uma_visao_interativa_da_legibilidade/fulltext/57bd214b08ae6c703bc52dcf/Uma-visao-interativa-da-legibilidade-Uma-visao-interativa-da-legibilidade.pdf?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19). Acesso em: 01 dez. 2023

KOBASHI, Nair Yumiko. A análise documentária e representação da informação. **Informare: Cadernos do programa de pós-graduação em ciência da informação**, Rio de Janeiro, ano 1996, v. 2, n. 2, p. 5-27, 1 jul. 1996. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40976>. Acesso em: 25 nov. 2023.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1991. 347 p. ISBN 85-85637-01-3.

LEVAUX, Christophe. The Forgotten History of Repetitive Audio Technologies. **Organised Sound**, Cambridge, ano 2017, v. 22, n. 2, p. 187-194, 1 ago. 2017. DOI 10.1017/S1355771817000097. Disponível em: [https://www.cambridge.org/core/journals/organised-sound/article/forgotten-history-of-repetitive-audio-technologies/B166AF60A32D684B70477D67D89EACF6?utm\\_campaign=shareaholic&utm\\_medium=copy\\_link&utm\\_source=bookmark](https://www.cambridge.org/core/journals/organised-sound/article/forgotten-history-of-repetitive-audio-technologies/B166AF60A32D684B70477D67D89EACF6?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=copy_link&utm_source=bookmark). Acesso em: 28 nov. 2023.

LIVINGSTON, James D. 100 years of magnetic memories. **Scientific American**, v. 279, n. 5, p. 106-111, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26058166>. Acesso em: 24 nov. 2023

LIRA, Patricia Andreia. Guia eletrônico de fundos e coleções do acervo arquivístico do Museu da Imagem e do Som. **São Paulo: Museu da Imagem e do Som**, 2015. Disponível em: [https://www.mis-sp.org.br/assets/site/downloads/guia\\_do\\_acervo.pdf](https://www.mis-sp.org.br/assets/site/downloads/guia_do_acervo.pdf). Acesso em: 5 dez. 2023

LYONS, John. **Semântica I**. Lisboa, Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

MARINHO, Alexandre Ceconello. A história oral de vida como método desestabilizador nas pesquisas sobre sexualidade e gênero. **ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá, v. 8, ed. 16, p. 131-144, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11769>. Acesso em: 11 set. 2023.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 291 p. ISBN 85-15-01324-X.

MENDES, Luciana Corts. **Do tecer do algodão ao tecer da informação**: organizando a explosão informacional do século XIX. Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Johanna Wilhelmina Smit. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Mendes/publication/297194182\\_Do\\_tecer\\_do\\_algodao\\_ao\\_tecer\\_da\\_informacao\\_organizando\\_a\\_explosao\\_informacional\\_do\\_seculo\\_XIX/](https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Mendes/publication/297194182_Do_tecer_do_algodao_ao_tecer_da_informacao_organizando_a_explosao_informacional_do_seculo_XIX/)

inks/56dd87ba08ae628f2d249f1a/Do-tecer-do-algodao-ao-tecer-da-informacao-organizando-a-explosao-informacional-do-seculo-XIX.pdf. Acesso em: 6 nov. 2023.

MENDONÇA, Tânia Mara Quinta Aguiar de. **Museus da imagem e do som: o desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil**. 2012. 397 f. Tese (Doutorado em Museologia) - Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012. Disponível em: [http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tania\\_mendonca.pdf](http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tania_mendonca.pdf). Acesso em: 5 dez. 2023.

MOORE, Gordon E. Cramming more components onto integrated circuits, Reprinted from Electronics, volume 38, number 8, April 19, 1965, pp. 114 ff. **IEEE solid-state circuits society newsletter**, v. 11, n. 3, p. 33-35, 2006. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/4785860/>. Acesso em: 25 nov. 2023

NAVARRO, S. **Interface entre lingüística e indexação: revisão de literatura**. Revista de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v.21, n.1/2, p.46-62, 1988. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/388/362#page=50>. Acesso em: 20 out. 2023

ORTEGA, Cristina Dotta; DE LARA, Marilda Lopes Ginez. A noção de documento: de otlet aos dias de hoje. In: **Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento: actas del congreso**. Servicio de Publicaciones, 2009. p. 120-139. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2924444.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de estrutura e os registros de informação dos sistemas documentários. **TransInformação**, v. 22, p. 07-17, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/MzKktSmdrZJcbmbm3zq9KCg/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2023

PATZSCHKE, Willi. **Geraet zur magnetischen Schallaufzeichnung und Schallwiedergabe**. Depositante: AEG AG.. Titular: AEG AG. DE664759C. Depósito: 27 jul. 1935. Concessão: 3 set. 1935. Disponível em: <https://patents.google.com/patent/DE664759C/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours**. Paris, Dunod, 1969.

PESCADOR, José Hierro S. **Principios de Filosofía del Lenguage**. Madrid, Alianza Editorial, 1980, 2 vols.

PICOLI, Bruno. Memória, história e oralidade. **Mnemosine Revista**, Campina Grande, v. 1, ed. 1, p. 168-184, 2 ago. 2010. Disponível em: <http://mnemosinerevista.com/index.php/revista/issue/view/3/3>. Acesso em: 13 set. 2023.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Do acesso livre à ciência aberta: conceitos e implicações na comunicação científica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, ed. 2, p. 153-165, 2014. DOI 10.3395/reciis.v8i2.946.pt. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17107>. Acesso em: 11 set. 2023.

PHILIPS (Holanda). **Magnegrafon**. Titular: Philips Gloeilampenfabrieken em Eindhoven. NL6606263A. Depósito: 7 maio 1966. Concessão: 8 nov. 1967. Disponível em: <https://worldwide.espacenet.com/patent/search/family/026644034/publication/NL6606263A?q=pn%3DNL6606263A>. Acesso em: 23 nov. 2023.

PINTO, Virgínia Bentes. Indexação documentária: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, ano 2001, v. 6, n. 2, p. 223-234, 1 jul. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23380/18875>. Acesso em: 13 jul. 2023.

PORTELA, Ricardo Gil Góis Correia. **História da gravação sonora em Portugal**. Orientador: Prof. Dr. Pedro Pestana. 2016. 108 f. Tese (Doutorado em Design de Som) - Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/21586>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 200 p. ISBN 978-85-62959-47-9.

POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris, Klincksieck, 1974.

POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. In: **A semântica na linguística moderna: o léxico; seleção, introdução e revisão de Lúcia Maria Pinheiro Lobato**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977. p. 21-31.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **The Five Laws of Library Science**. Bangalore: Ess Ess Publications, 2006. 482 p. ISBN 978-81-700-0499-8.

RAYWARD, Warden Boyd. Organização do conhecimento e um novo sistema político mundial: ascensão e queda e ascensão das ideias de Paul Otlet. In: OTLET, Paul. **Tratado de Documentação: o livro sobre o livro**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. Disponível em: [http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2018/09/otlet\\_tratado\\_de\\_documenta%C3%A7%C3%A3o.pronto.pdf](http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2018/09/otlet_tratado_de_documenta%C3%A7%C3%A3o.pronto.pdf). Acesso em: 10 ago. 2023.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. História oral brasileira: trajetórias e perspectivas. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 3, n. 6, ed. dez/2011, p. 108-121, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/download/28979/16148/122095>. Acesso em: 14 set. 2023.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Visões e Perspectivas: documento em história oral. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, ano 1, n. 2, 1 jul. 2007. Artigos, p. 35-44. Disponível em: [https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202\\_0.pdf](https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%202_0.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

ROTHMAN, Lily. Rewound: On its 50th birthday, the cassette tape is still rolling. **Time Magazine**, 2013. Disponível em: <https://www.techworkscorner.com/2014/ForTheOffice/20130812-Time.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2023

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap. 7, p. 93-101. ISBN 85-225-0200-5.

SANTHIAGO, R. A história oral e seus lugares: GROSSEYE, J.; STEAD, N.; VAN DER PLAAT, D. (org.) **Speaking of Buildings: Oral History in Architectural Research**. New York: Princeton Architectural Press, 2019. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Presidente Prudente, v. 22, 2020. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202021. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6333>. Acesso em: 13 set. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 1973.

SEMEMA. *In: E-dicionário de termos literários de Carlos Ceia*, Lisboa, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/semema>. Acesso em: 27 nov. 2023

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2014. 274 p.

SCHULZ, Peter. Lei de Moore da publicação científica? *In: Jornal da Unicamp*. Campinas: Unicamp, 10 ago. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/peter-schulz/lei-de-moore-da-publicacao-cientifica#2>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A prática da indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, ano 2004, v. 16, n. 2, p. 133-161, 01/08/2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/cNngvqQdWfBGrJtLSdLRKnP/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SMIT, Johanna W. Grupo TEMMA. *In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (org.). Desafios e perspectivas científicas para a organização do conhecimento na atualidade*. Marília: ISKO-Brasil, 2012. p. 222-226. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SMIT, Johanna. **Les langages documentaires comme métalangages du discours scientifique**. Paris, École Pratique des Hautes Études, 1973.

SMIT, Johanna Wilhelmina. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 26, n. 1-2, p. 81-85, 1993. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000866736>. Acesso em: 12 nov. 2022

SOUZA, Renato Rocha. Sistemas de recuperação de informações e mecanismos de busca na web: panorama atual e tendências. **Perspect. ciênc. inf.**, Mai/Ago. 2006, vol.11, no.2, p.161-173. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/7tt9ykG8xTGbWsyYnDhmghr/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

STURSBURG, Peter; LOCHEAD, Richard. Overviews of Oral History. *In: Oral History Forum d'histoire orale*. 1983. Disponível em: <https://www.oralhistoryforum.ca/index.php/ohf/article/download/271/348>. Acesso: 23 nov. 2023.

SUPORTE DE INFORMAÇÃO. *In: Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*, Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 20 set. 2023

THOMSOM, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 15, p. 51-84, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11216/8224>. Acesso em: 4 set. 2023.

TEXIER, Jose. Los repositorios institucionales y las bibliotecas digitales: una somera revisión bibliográfica y su relación en la educación superior. **E-prints in library & information science**, Cancun, v. 11, p. 1-9, 14 ago. 2013. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/19925/1/LACCEI%202013%20-%20Texier.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.

UNIDADE BIBLIOGRÁFICA. *In: Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*, Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 19 set. 2023

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: histórias da história oral. **Resgate**: revista interdisciplinar de cultura, Campinas, v. 1, ed. 1, p. 77-82, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8645455/12762>. Acesso em: 6 set. 2023.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). Usos & abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998a. p. 248-265. ISBN 85-225-0200-5.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). Usos & abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998b. p. 33-41. ISBN 85-225-0200-5.

YOW, Valerie Raleigh. **Record Oral History**: a guide for the humanities and social sciences. 2. ed. Lanham: Altamira Press, 2005. 398 p. ISBN 0-7591-0654-1.

WAZLAWICK, Raul Sidnei. **História da Computação**. Barueri: GEN LTC, 2016. 584 p. ISBN 9788535285468.

WEINSTEIN, Steve. Origins and Successors of the Compact Disc: Contributions of Philips to Optical Storage (Peek, H. et al; 2009) [Book Review]. **IEEE Communications Magazine**, v. 47, n. 9, p. 14-16, 2009. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/5277446/>. Acesso em: 5 out. 2023

WELLS, David. What is a library OPAC? **The Electronic Library**, v. 25, n. 4, p. 386-394, 2007. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/02640470710779790/full/html>. Acesso em: 1 dez. 2023.

WITTY, Francis J. The beginnings of indexing and abstracting: some notes towards a history of indexing and abstraction in antiquity and middle ages. **The indexer**, Liverpool, ano 1973, v. 8, n. 4, p. 193-198, 1 out. 1973. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7880427/mod\\_resource/content/1/WITTY\\_1973\\_The%20beginnings%20of%20indexing%20and%20abstracting....pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7880427/mod_resource/content/1/WITTY_1973_The%20beginnings%20of%20indexing%20and%20abstracting....pdf). Acesso em: 25 nov. 2023.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO ACERVO DO MIS SP

**Nome do Arquivo:** [Folclore de Eldorado Paulista - Contação de histórias] at.

**Nome do Item:** 00044VLR00020AD

**Número do Registro:** FA.00001.20/73; A.0038FA.00001.20/73; A.0038

### Legenda

... – pausa, interrupção do discurso ou mudança de tópico

[...] – palavra/trecho incompreensível

(hipótese) – hipótese da palavra/trecho ouvido

[comentário] – comentários do transcritor

(F) – palavra grafada pelo fonema

ENTREVISTADOR: [...] o que que aconteceu com o senhor a questão do Saci?

ENTREVISTADO: Nessa época eu viajava nessa estrada aqui, estrada, no mato, que naquele tempo não era estrada, era mato, né? E eu... existia esse negócio de Saci, eu [...] não acreditava nisso. Um dia eu fui em Sete Barra, eu junto com um homem lá que aqui... a dona Aurora conhecia, tem até Antônio Mateiro que diziam que morava lá no Mobral. Anoteamos lá no Onofre, quando chegamos no Machado [...], para nós pousar, era onze horas, eu não quis pousar, cheguei aqui na [...] era... faltava dez para meia noite, quando passei no lugar que nós tratava aí ladrão, era uma água que depois arrombou o tanque, então ficou pelo nome ladrão, e atrás desse ladrão tinha um pilar, lá ali no pilar eu vi um vultinho muito pequeno assim, saiu ali, e eu não liguei aquilo, porque eu não ligava mesmo, nós, eu e Antônio Pedro vinha indo na frente. Quando chegou numa conta eu vi aquele homem, só tirava o chapéu assim e abanava. Quando foi lá no lugar eu disse, mas Antônio, o que que você está com esse calor tão medonho? Mas o calor é que você não está vendo um tropé no meio de nós dois aí? Um tropé no meio de nós dois aí? Aí ele... aí ele... aí ele disse eu não escuto nada, eu não escuto nada. Daí como ele disse que não escutava nada eu fui indo, e lá nesse lugar tinha um... um rapaz que tinha

um cavalinho pelo nome Parafuso, puseram Parafuso, o cavalinho, e a minha mãe já tinha visto esse tal de Parafuso, um moleque andar à cavalo, de noite passar pelo nosso terreiro assim, e ela sempre chamava, o saci está com o cavalo, no cavalinho dele de compadre Francisco, está com o cavalo. Mas nem ligava. Nessa hora o cavalinho atravessou assim no pé de um [...] e eu usava um facão grande assim e uma (vengala), né? Quando esse cavalinho passou, atravessou, passou por meio desse Antônio Pedro e parou, estacou-se no meio de mim, arranquei da (vengala) e sentei em cima das cadeiras do cavalo. Quando sentei nas cadeirinha do cavalo, o cavalo pulou para lá. Eu vi um molequezinho assim, me juntou assim, e ergueu, me sentou no chão. Eu tinha um [...], ô, bonito, [...] eu levantei, mas [...] é uma coisa meio desengraçado, né? Bateu [...] e dizia de novo, bateu, daí me deu três baques, eu vi que ele entrou no mato, um mocinho assim, topzinho, para mim ele era uma criança, ponto de menino, mas encorpado, né? Aí mas eu fui tão ruim daquela hora em diante. Tinha uma distância de mais ou menos meio quilômetro lá para chegar na casa do meu tio Gardinho, que chegando na casa do meu tio Gardinho ele tinha uma porcada, era uma casa alta assim, e tinha uma porcada que dormia embaixo do assoalho assim, subia um... não era caminho, era picadão mesmo, subia uma (motezinha) assim, aí eu vi. Quando ele mocinho aqui [...] indo na frente de nós, e chegou, entrou embaixo do assoalho por causa do [...]. Aí eu disse para Antônio Pedro assim, olha Antônio Mateiro, se por acaso esse sujeito aparecesse assim parado como está ali embaixo do assoalho dos porcos eu queria tirar a orelha dele no facão, mas como ele me pegou de surpresa assim, fica para outra vez. E eu tinha que dar ali, o Antônio ia para frente, e eu chegava na minha casa e dali eu ia para frente, ou ele ia para frente, e tinha um rio assim que é perto da minha casa que hoje tem o nome de casa grande, eu fui no rio lavar, andava descalço, fui no rio, lavei as pernas, lavei para chegar para ir dormir, aí disse Pedro, você não vá sozinho. Não, mas é ali em casa, o que ele me fez já me fez, rapaz, o que que eu vou fazer? Já me fez, já me fez, que ele é o próprio saci, o que montava no cavalinho, foi que você bateu no cavalo, ele achou ruim, te derrubou. E aí? Você não vai sozinho. Não, pode ir embora, eu vou sozinho, e era perto da casa do meu avô. Daí quando eu cheguei assim adiante vinha [...], papai tinha porco grande assim, [...] porco grande assim, eu esperei, vou dar... tudo [...] vou dar um pisão nesse porco, vou tirar fora da estrada. O porco quando eu disse assim já não era mais porco, já vinha um cavalo alazão, que nós tinha um cavalo grande assim, e passando na (vengala) para bater no



cavalo, o cavalo não afastou-se assim, não viu o cavalo, aí sim já viu, um homem, mas um rosto de um homem, [...] mas um corpo monstro mesmo, e eu falei, boa noite, não fez conta, boa noite, depois que falei três vezes... ah, é você o tal que vinha me dando pancada desde lá até aqui, agora eu vou mostrar, arranquei da (vengala) e sentei, duas (vengalada), três, quatro, batia nele era o mesmo que bater em um colchão desse, não sentia de jeito nenhum. Aí eu me zanguei arranquei do facão e levei nele, quando levei no facão eu senti que fez uma pancada dura aqui, [...] aquela faca entrou inteirinha, [...] né? Quando dei essa faca, na outra que eu fui dar ele voltou para trás, quando bati a faca ele voltou para trás, aí dei outro, ele tirou o corpo, aí virei a faca assim, [...] a faca assim, dei duas pancada para cima assim, eu senti que aquela pancada que eu dava batia aqui na minha mão, que ele não machucava, doía a mão. Aí quando foi indo aí eu comecei a falar, bravo, né? Aí papai gritou, era pertinho, aí papai [...] papai disse Maria, para minha irmã, Maria, vamos acudir Pedro, Pedro está brigando é com o saci, é com o saci que ele está brigando, você... você... você venha, pega um tição, porque do tição ele tem medo, quando ele disse assim esse homem saiu, saiu, e eu disse assim, pois eu não pude te cortar nem com a faca, mas com o pé eu te... e arranquei o pé, sentei, levei para bater nele, quando ele virou assim, para sair, assim, desta hora esse indivíduo não sei como foi erguer o pé com a faca na mão e a vengala, me atçou mais ou menos quase meio quilômetro, me [...] na casa de um tio meu, ele é vivo ainda, ele pode provar essas coisas, [...], me atçou dentro de um banhado lá, e [...] com este pé que levantei assim suspenso assim, a faca na mão, enfiado na... até eles chegarem lá onde tinha o capão de amora nesse [...] quando chegaram lá a água já tava tudo por dentro da boca, já estava quase me suicidando, né? Daí eles chegaram, juntaram [...] gritou papai, desceram lá, fizeram a picada, o Antônio Pedro voltou, me tiraram de lá, me tiraram de lá eu vim bem, né? Quando cheguei perto de casa, mamãe começou a chorar e trouxe um lampião, a nossa casa também era assobradada assim, quando cheguei aqui, mas era cheio de arco de roseira assim na área assim, quando cheguei que pisei na... peguei na... no [...] assim, ah, meu filho, [...] que tu reze, que o saci anda por aqui feito um louco, também foi te perseguir hoje, deixar você tudo sujo nessa situação, meu filho, e foi chorar, não sei como foi, me deu um colapso, eu caí, não vi mais nada, sei que quando me acordei, que tinham me posto na cama, já tinha um vômito, chegaram mais me trocado roupa, tudo, a minha mão aqui estava tudo [...] de lágrima de [...], era três horas da madrugada, [...], mas digo

para os senhores e para a senhora, o saci [...] apitava debaixo da minha cama, [...] no campinho de futebol, foi até as onze horas do dia que nós [...], o povo não tinha quase coragem de sair, e eu fiquei durante três dias, depois de três dias, com [...] depois melhorei, mesmo que eu digo, que o saci me fez [...] um igual você nunca viu.

ENTREVISTADOR: Senhor Pedro, e por exemplo, o senhor... o que que o pessoal falava, por exemplo, sobre caipora?

ENTREVISTADO: Ah, a caipora, que a caipora diz que é bicho que em vez de andar, anda de diferente nosso, né? Quando ela está para lá, os dedos dela está para cá, quando ela vem... ela vai para lá, ela vai para lá, o calcanhar, ela vem para cá o calcanhar dela está para lá, né? Tá para cá, né? Ela vai para lá o calcanhar dela está para cá. Quando ela vem para cá o calcanhar está para... ela vai para lá o calcanhar está ao contrário, o pé dela é virado assim, os dedos é para trás, né? Então... mas ela diz que faz confusão, a gente assim vem, ataca, em casa, vem rasga, mata, faz isso, né? Ouço falar.

ENTREVISTADOR: Como que ela é?

ENTREVISTADO: Ela é um tipo de uma gente, mas para lá, é uma gente, mas é muito cabeludo, um bicho muito feio, né? Que aquele cabelo cobre inteirinho o pé, ela não pode atravessar água porque o cabelo embaraça dentro da água, ela passa a água só que [...] porque se ela for atravessar em água grande a água... aquele cabelo dela a água arrasta e picha fora, mas diz que ela... ela... e para matar ela, atacar ela, só diz que tem um lugarzinho no umbigo dela, só lugar que pode atacar, é só ali, que outro lugar o cabelo não deixa. Não deixa.

ENTREVISTADORA: E por aqui tem?

ENTREVISTADO: Aqui no tubo tinha uma, mas depois começaram... ela dava aquele rugido no centro do [...] não sei se ela foi embora para Capão Bonito, como foi, sei que lá, depois acharam a casa dela, né? Ela faz... toca de pedra assim, mora em toca de pedra, ela come carne assim.

ENTREVISTADORA: Então é ninja do mato, né?

ENTREVISTADO: É um tipo de gente, bicho do mato, e é feroz, né? É feroz, no tubo tinha. Mas eles se valiam, quando ela gritava, logo atravessava o rio, a nado, que o

rio não é grande, né? E ficamos para cá, aí um deles chegaram a ver, como... mas isso já morreram, [...] viu ela uma vez, ela veio até o rio atrás deles, mas diz que dão um rugido medonho, né? Rugido medonho, mas contava que era... o bicho é cabeludo, cabeludo, uma coisa, só que o modelo dela andar, quando ela vai o... ela vai para frente, o calcanhar está no jeito dela, e o pé está para trás, o [...] está para trás. Viram muita vez.

ENTREVISTADOR: Que outras coisas que o pessoal... que existe assim, que a gente não vê, mas que o pessoal sabe que existe? Ali, por exemplo, nós falamos de saci, caipora, que mais?

ENTREVISTADO: Aí, diferente, dessas coisas, é onças, essas coisas, índios, essas coisas, que ainda é gente, mas também é feroz, ataca o povo, né? É o que sei desses, essas coisas.

ENTREVISTADORA: E avisar [...]

ENTREVISTADO: Avisar isso é uma [...], aqui no [...] tinha um [falas simultâneas]. Ali para baixo do [...] atrás do pinheiro. E eu vi, mas indo daqui com o compadre [...], já morreu, Zacarias, Zacarias Maria, nós vimos daqui, e compadre [...] falava muita bobagem, [...] depois novembro, e ele com Zacarias foram [...], ele ia deitado na canoa, quando nós chegamos na porta de Zacarias, Zacarias viu [...] uma coisa alvo, mas muito alvo, [...] ele xingou de pantama (F), a pantama (F), rapaz, e estava [...], mas aquilo [...], vamos entrar para dentro porque se ela [...] o que ela [...], aí entremos, ele fechou a casa, fechou tudo, nós fechamos tudo, ficamos tudo escondido, depois passado uma hora, uma hora e pouco, ele abriu a casa, não vi mais, não tinha mais nada, já tinha saído, e por duas vezes o compadre [...] correram da praia que estava no [...], ali o Virginio e o Zacarias moravam ali, umas duas vezes eles correram dali porque estavam lanceando, quando estava juntando peixe ela estava encostada no pinheiro, e subiu acima da árvore do pinheiro, mas muito acima da árvore do pinheiro, e eles até deixaram o peixe tudo ali para correr para se esconder, porque diz que quando é [...], o que ela... se ela vê a gente, ela cata e veja, ela junta e desaparece. Mas tinha [...] tinha uma [...] não deu mais conta, né?

ENTREVISTADOR: Nego d'água o pessoal me conta história.

ENTREVISTADO: Ah, nego d'água eu não conto, mas a minha primeira patroa viu, tinha onde ela morava. Ela disse que era um meninozinho, mocinho, muitas vezes ela viu, e o João Cristino, o [...] tudo conhece ele porque no corpo dele diz que tinha, [...] um pescado diz que vinha, ele saía, de uns poço muito grande assim, ele vinha, vinha nadando, mas tem dedos igual a gente, pé, tudo é um tipo, mas só pelado, né? Mas era um homem, que tinha lá no porto deles era um homem, até quando dava [...] da cheia, da nova, a velha, minha [...] não deixava a filha ir pescar, porque ele vinha e [...] na ilha que tem [...] ia lá, firmava aquele pulo, dentro da água, quando eles viam ele estava nadando assim pertinho deles no barranco assim, levantava o corpo inteirinho assim, mas que existe, existe.

ENTREVISTADORA: Corpo de gente.

ENTREVISTADO: Corpo de gente, corpo de gente, só é peladinho, né? Peladinho, mas tem os dedos, tudo igual a gente, mesmo. negociação d'água, e é pretinho, bem pretinho. Cavalo d'água [...] também tinha...

ENTREVISTADOR: Como que era um cavalo d'água?

ENTREVISTADO: É um tipo de cavalo, [...] cavalo na praia, ali no [...] tinha dois, um casal. Quando a gente ia lá, mas é que ele não incomoda com a gente. Ele vem brigar com animal na praia, ele não incomoda, mas quando ele salta na água, [...] grande, né? Porque sai correndo, quando vê que a água está [...] quando ele salta um pulo para pegar bem o fundo.

ENTREVISTADOR: Como que é o...

ENTREVISTADO: Ele tem... não, é bem peludo, igual um animal, mesmo, que é um pelo muito fininho. Agora, na cauda ele tem pelo igual animal de terra, né? Mas ele é bem reluzente, uma cor sereno, bem sereninho, mas tem a cabeça, tem o corpo, tudo de cavalo, né? Até um cavalo, e deixa a pata igual cavalo na praia, [...] por duas vezes passei [...], eu, Felipe, [...], estava brigando com um cavalo ali na praia [...], nós já chegamos até a dar varada nele na praia que nós estava, ele vai lutando, vai lutando com animal, enquanto a pata dele está úmido, quando dá de enxugar ele corre e vai para água.

ENTREVISTADORA: Eu acho que é um negócio ali com sereia, né? Assim como a sereia, né? Que é do mar, né?

ENTREVISTADO: Mas que eu vi, vi. Mora na água, pega aqueles salapão de costa, assim, que dá aquelas pedras grandes assim, ele brinca por ali, depois ele pega uma costa assim, sai meio em terra ali, e fica ali, dentro do buraco lá, descansando, que a água esteja batendo na pata dele. A hora que ele sai para pastar, ou para brigar, brincar, então ele rola naquele poço ali, o corpo dele fica um pouco fora, né? Da água, em cima daquelas pedras onde ele está ali. Agora, para a pata não sair da água, né? O corpo fica fora, tomando respiração. Agora, quando ele vai sair para pastar então ele vai para o fundo, e para o fundo, para o fundo toda vida, andando pela areia, para areia, até sair na praia. Agora quando sair na praia o que ele cisma com as coisas ali, então ele sai lá fora, daqueles [...] vira de barriga para cima, de barriga para baixo, para ele tanto faz, lá, com as patas para cima na água como para baixo, [...], fazer força para sair, ou não fazer força, a água carrega ele, leva para onde quer, e quando ele quer ele faz força e vai para onde ele quer também.

ENTREVISTADOR: O cavalo d'água ele aparecia de dia ou à noite?

ENTREVISTADO: Só à noite.

ENTREVISTADOR: Só à noite.

ENTREVISTADO: Só à noite, só à noite. Só à noite. Quando a [...] muito, de dia, que a [...] aqui na nossa [...], ele não aparece, ele dá aqueles pinote dentro d'água, assim, aqueles pinote, de dia, né? Mas sair fora não sai. Agora, noite sempre sai fora, sai na praia de aparecer o corpo dele.

ENTREVISTADOR: Parece um cavalo?

ENTREVISTADO: É, um tipo de um cavalo, a cabeça de cavalo, o pescoço, tudo, o corpo todo do cavalo, a pata, tudo é cavalo, só que ele não tem o pelo como cavalo tem [...], ele é um... uma pele meio... meio serena assim, quase igual pele de lontra, mas é... no corpo dele não tem pelo como tem nas orelhas, dos animais, parece que é liso, né? Aquilo fica tão sereno que parece que é liso. Agora, a cauda tem... a cauda não, a cauda mesmo dele tem pelo igual como a do cavalo. Só a cauda que parece bem o pelo, bem cabeluda.

ENTREVISTADOR: E a cabeça?

ENTREVISTADO: Cabeça é tipo cavalo mesmo, a boca, é um cavalo mesmo, se o senhor [...] é outro cavalo, você não vê o modelo da pele, né? Que o cavalo a gente distribui bem o pelo do cavalo assim, e você não vê bem assim, você não vê bem diz que é dois animais mesmo aqui da terra aqui que tão brigando.

## **APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO ACERVO GUILHERME SANTOS NEVES**

**Nome do Arquivo:** Oração do Anjo Custódio

**Nome do Item:** GSN\_FR\_B33

### **Legenda**

... – pausa, interrupção do discurso ou mudança de tópico

[...] – palavra/trecho incompreensível

(hipótese) – hipótese da palavra/trecho ouvido

[comentário] – comentários do transcritor

(F) – palavra grafada pelo fonema

INTERLOCUTOR 1: Da residência do senhor Rogério Muniz Carvalho, para ouvir a palavra da senhora Ana, Ana de que? A senhora poderia...

INTERLOCUTOR 2: Ana Ferreira de Santana.

INTERLOCUTOR 1: A senhora Ana Ferreira de Santana, que vai prestar alguns esclarecimentos sobre o folclore no Brasil, pois essa gravação tem a finalidade de reerguer o nosso clube no colégio estadual, o clube de pesquisas folclóricas Afonso Cláudio, então vamos ouvir aqui a senhora Ana, que vai falar sobre a oração do anjo custódio, a palavra é sua, dona.

INTERLOCUTOR 2: Custódio amigo meu, Custódio sim, amigo não, das duas palavras de [...], dizer a primeira, a primeira é [...] por nosso bem, Custódio amigo meu, Custódio sim, amigo não, das doze palavras ditas e retornadas, dizer as duas, a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem. As duas são as duas [...] botou seus sagrados pés. As três são as três pessoas da santíssima trindade, [...] amigo meu, [...] amigo não, das doze palavras

de [...] a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora. [...] amigo meu, [...] amigo não, das doze palavras [...] a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo. [...] amigo meu, [...] amigo não, das doze palavras de [...] a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo. [...] amigo meu, [...] amigo não, das doze palavras de [...] a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete são as sete dores de nossa mãe, Maria [...]. amigo meu, [...] amigo não, das sete palavras ditas é retornado [...], a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete trabalhadores de nossa mãe, Maria Santíssima, as oito são as oito [...] do nosso senhor Jesus Cristo. [...] amigo meu, [...] amigo não, das oito palavras ditas e retornadas [...], a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete dores de nossa mãe, Maria Santíssima, as oito são as oito são as oito coroas de anjos do nosso senhor Jesus Cristo, as nove são os nove meses que nossa mãe Maria Santíssima levou seu amado filho em seu puríssimo ventre. [...] amigo meu, [...] amigo não, das nove palavras ditas e



retornadas [...], a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete dores de nossa mãe, Maria Santíssima, as oito são as oito coroas de anjos do nosso senhor Jesus Cristo, as nove são os nove meses que nossa mãe Maria Santíssima levou seu amado filho em seu puríssimo ventre. As nove... [...] levou seu amado filho em seu puríssimo ventre. Dos dez são os dez mandamentos [...]. [...] amigo meu, [...] amigo não, das dez palavras ditas e retornadas [...], a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete dores de nossa mãe, Maria Santíssima, as oito são as oito coroas de anjos, as nove são os nove meses que nossa mãe Maria Santíssima levou seu amado filho em seu puríssimo ventre. Os dez são os dez mandamentos, as onze são [...]. [...] amigo meu, [...] amigo não, das onze palavras ditas e retornadas [...], doze, a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nossa senhora, as cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete dores de nossa mãe, Maria Santíssima, as oito são as oito coroas de anjos do nosso senhor Jesus Cristo, as nove são os nove meses que nossa mãe Maria Santíssima levou seu amado filho em seu puríssimo ventre. Os dez são os dez mandamentos da lei de Deus, as onze são [...] nossa senhora. As doze são os dois apóstolos do senhor Jesus Cristo. [...] amigo meu, [...] amigo não, das doze palavras ditas e retornadas [...], a primeira é a casa de Jerusalém, onde nosso senhor Jesus Cristo padeceu para o nosso bem, as duas são as duas [...] onde nosso senhor Jesus Cristo botou seus sagrados pés, as três são as três pessoas da santíssima trindade, as quatro são as [...] nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete dores do nosso... cinco são as cinco [...] do cristo, as seis são seis [...] do nosso senhor Jesus Cristo, as sete são as sete dores de nossa mãe, Maria Santíssima, as oito são as oito coroas de anjos do nosso senhor Jesus Cristo, as

nove são os nove meses que nossa mãe Maria Santíssima levou seu amado filho em seu puríssimo ventre. Os dez são os dez mandamentos da lei de Deus, as onze são [...] nossa senhora. As doze são os dois apóstolos do senhor Jesus Cristo. É os três agora. Os três são os três [...] entre o sol e a lua [...].

INTERLOCUTOR 1: Muito bem, ouvimos assim a senhora Ana Ferreira de Santana que fez a oração do anjo custódio, agora vamos fazê-la algumas perguntas. Dona Ana, dona Ana Ferreira de Santana, a senhora pode dizer-nos a sua idade?

INTERLOCUTOR 2: [...] 70. 72 anos.

INTERLOCUTOR 1: 72 anos. Dona Ana é nascida no município de Guarapari em Rio Calçada, no dia 10 de novembro de 1888, a senhora é filha de quem?

INTERLOCUTOR 2: [...] Ferreira de Santana, [...].

INTERLOCUTOR 1: Agora eu queria que a senhora esclarecesse para que serve esta oração.

INTERLOCUTOR 2: Esta oração serve para a gente se livrar da tentação.

INTERLOCUTOR 1: Quer dizer que a senhora reza a oração para se livrar das tentações, e como a senhora reza essa oração já foi dita, e que acontece a quem erra a oração?

INTERLOCUTOR 2: Não acontece nada.

INTERLOCUTOR 1: Não acontece nada. Então muito obrigado, então vamos passar a ouvir a gravação. Dona Ana Ferreira vai agora contar mais ou menos a história desta oração.

INTERLOCUTOR 2: São Custódio estava pescando, mas não queria apanhar nada, aí chegou nosso... chegou o demônio, aí perguntou, disse Custódio, pode me dizer essas três... as doze... as doze palavras que eu rezo, que eu vos encho essa canoa de peixe. Então São Custódio disse, dizer eu digo, mas ele não sabia, disse amanhã, eu vou lá para você me dizer, pois sim, pois pode ir, quando foi no outro dia, chegou nossa senhora, disse Custódio, você vai dormir, aí São Custódio foi dormir, quando

foi as onze horas chegou o demônio, disse Custódio, Custódio sim, amigo não, [...] primeiro, são Custódio foi dizendo, até que disse ela toda.

INTERLOCUTOR 1: Bom, então segundo esclarecimentos de dona Ana, a oração constava de doze palavras, e são Custódio foi quem falou a décima terceira, obrigado. Bem, então vamos agora entrevistar mais uma outra entendida do folclore, seu nome, por favor.

INTERLOCUTOR 3: Isaurina Maria de Campo.

INTERLOCUTOR 1: Isaurina Maria de Campo, onde foi que a senhora aprendeu a oração do anjo custódio?

INTERLOCUTOR 3: Foi em Ipanema, cidade de Ipanema.

INTERLOCUTOR 1: E em que município?

INTERLOCUTOR 3: Minas Gerais.

INTERLOCUTOR 1: No Estado de Minas Gerais. E o que acontece a quem erra a oração?

INTERLOCUTOR 3: Quem erra? Quando tem o erro que oração fica... fica amarrada, né?

INTERLOCUTOR 1: E para que serve essa oração?

INTERLOCUTOR 3: Oração serve para orar, quem tem [...] Custódio, para defender da tentação.

INTERLOCUTOR 1: Sim. E qual a idade da senhora?

INTERLOCUTOR 3: Minha idade é 48 anos.

INTERLOCUTOR 1: E a senhora aprendeu a oração no mesmo lugar onde a senhora nasceu, né?

INTERLOCUTOR 3: Foi.

INTERLOCUTOR 1: Então agora eu quero que a senhora fale com esse restante de fita o princípio da oração, pode começar.

INTERLOCUTOR 3: Anjo custódio amigo meu, anjo custódio sim, amigo teu não. Então diga a primeira? A primeira é a casa santa onde Jesus Cristo nasceu em Jerusalém para nos salvar, amém. Então diga as duas. As duas é as duas tábuas de Moisés, [...] santa, onde Jesus morreu na cruz em Jerusalém para nos salvar, amém. Então diga as três, as três pessoas da santíssima trindade. [...]

INTERLOCUTOR 1: Isaurina, de Peripanema, ela transferiu-se para [...], onde ela foi [...] diretora e presidente do centro espírita de [...], sendo que depois foi rainha desse centro, ela formou 60 médiuns, e depois veio para Vitória porque brigou com o diretor do centro espírita de [...]. Quero neste final de reportagem agradecer ao instituto Brasil Estados Unidos na pessoa do professor Paulo de Paula, que tão gentilmente nos cedeu este gravador, e agradecer também ao professor Guilherme de Santos Neves, esse baluarte do folclore no Espírito Santo, como aos meus colegas de classe Rogério Muniz Carvalho e Mauri de Neto Santana, que permitiram com que fossemos entrevistar empregadas em suas residências, obrigado.